















120  
39  
REFLEXÕES  
S O B R E  
A VAIDADE  
D O S H O M E N S ,

O U  
DISCURSOS MORAES

Sobre os effeitos da Vaidade,

*Offerecidos*

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOSEPH O I.

P O R

MATHIAS AIRES RAMOS

DA SILVA DE ECA, A.



L I S B O A ,

Na Offic. de Antonio Vicente da Silva

---

MDCCLXI.

*Com todas as licenças necessarias.*



BJ

1565-

E3

1761

Mr. Offic. de Antonio V. icente da Silva

WALDEN.

[illegible]

# SENHOR.

**O** *Offereço a Vossa Magestade as  
Reflexões sobre a vaidade dos homens;  
isto he o mesmo que offerecer em hum*  
\* ii *pe-*

pequeno livro aquillo de que o mundo todo se compoem, e que só Vossa Magestade não tem: feliz indigencia, e que só em Vossa Magestade se acha. Declamey contra a vaidade, e não pude resistir á vaidade innocente de pôr estes discursos aos Reaes pés de Vossa Magestade; para que os mesmos pés, que heroicamente pizaõ as vaidades, se dignem proteger estas Reflexões. Mas que muito, Senhor, que as vaidades estejaõ só aos pés de Vossa Magestade, se as virtudes o occupaõ todo? Alguma vez se havia de ver a vaidade sem lugar.

Tem os homens em si mesmos hum espelho fiel, em que vem, e sentem a impressaõ, que lhes faz a vaidade: Vossa Magestade só neste livro a pôde sentir, e ver; e assim para Vossa Magestade saber o que a vaidade he, seria necessario que a estudasse aqui. Quanto deraõ os homens, e quanto

11  
va-



valeriaõ mais, se podessem, ainda que fosse por estudo, alcançar huma ignorancia taõ ditosa. Naõ he só nesta parte, Senbor, em que vemos hum prodigio em Vossa Magestade. As gentes penetradas de admiração, e de respeito, achao unidos em Vossa Magestade muitos attributos gloriosos, que raramente se puderão unir bem; e com effeito, quando se vio senao agora, sentarse no mesmo Throno a Soberania, e a Benignidade, a Justica, e a Clemencia, o Poder supremo, e a Razaõ? Em Vossa Magestade ficaraõ concordes, e faceis aquelles impossiveis.

A mesma Providencia quiz manifestar o Rey, que preparava para a sua Lusitania; assim o mostrou logo, porque o Oriente, ou Regio berço, em que Vossa Magestade amanbeceo, nunca vio figura taõ gentil; nesta se fundou o primeiro annuncio da felicidade

Por-

Portugueza , e foy a voz do Oraculo por onde a natureza se explicou. Não foy preciso que os successos verificassem aquelle vaticinio , porque Vossa Magestade assim que veyo ao mundo , só com se mostrar , disse o que havia de ser. Hum semblante augusto , mas cheyo de bondade , e agrado , foy o penbor precioso das nossas esperanças : venturoso , e claro presagio , pois se fez entender até pela mesma fôrma exterior.

Chegou finalmente o tempo , em que os acertos de Vossa Magestade persuadem , que se ha humia arte de reinar , essa não podem os Monarcas aprender , Deos a infunde , não em todos , mas naquelles só , a quem as virtudes mais sublimes fizeraõ merecer hum favor celeste : isto dizem as resoluções de Vossa Magestade ; ellas mostraõ que não foraõ aprendidas , inspiradas sim. Por isso as primeiras acções



ções de Vossa Magestade não se distinguem das que se vão seguindo; todas são iguaes, e todas grandes: aquelles preludios, ou ensayos, não cedem na perfeição a nenhuma parte da obra: daqui vem o parecernos, que Vossa Magestade não só nasceo para reinar, mas que ja sabia reinar quando nasceo.

Pelas mãos da idade recebem os Soberanos a experiencia de mandar. Vossa Magestade sem depender dos annos, logo com o poder, recebeo a sciencia de usar d'elle: o que os mais devem ao exercicio, Vossa Magestade só o deve á Omnipotencia; por isso as disposições de Vossa Magestade todas são justas, porque com ellas se justifica Deos. Aos outros Reys servem os homens por força do preceito; a Vossa Magestade servem por obrigação da ley, e tambem por obrigação do amor; destes dous vinculos, não sey qual he mayor, mas he certo, que hum del-

delles he violento ás vezes, o outro he suave sempre; porque as cadéas, ainda as que são mais pezadas, ficaõ sendo leves, quando he o amor quem as faz, e as supporta. Todos sabem, Senhor, que antes que as nossas vozes acclamassem a Vossa Magestade ja o tinhaõ acclamado os nossos corações; nestes levantou o mesmo amor o primeiro throno a que Vossa Magestade subio; e se he certa aquella memoravel profecia, que promette a hum Rey de Portugal o ser senhor de toda a terra, ja podemos crer que chegou o tempo de cumprir-se; e esta fé deve fundarse nas virtudes de Vossa Magestade: e em quanto não chega a feliz hora de vermos na mão de V. Magestade o Cetro universal, ja vemos que V. Magestade he digno delle; sendo que he mais glorioso o merecer, do que o alcançar. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos infinitos annos.

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

# PROLOGO

## A O LEITOR.

**E**U que disse mal das vaidades , vim a cahir na de ser Author : verdade he que a mayor parte destas Reflexões escrevi sem ter o pensamento naquella vaidade ; houve quem a uscitou,mas confesso que consenti sem repugnancia , e depois quando quiz retroceder , não era tempo , nem pude conseguir o ser Anonymo. Foy preciso pôr o meu nome neste livro , e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confissão da culpa costuma fazer menor a pena.

Naõ he só nesta parte em que sou reprehensivel : he pequeno este volume , mas póde servir de campo largo a huma censura dilatada. Huns haõ de dizer que o estylo oratorio , e cheyo  
\*\*  
de



de figuras , era improprio na materia; outros haõ de achar que as descripções , com que ás vezes me afasto do fujeito, eraõ naturaes em verso, e naõ em prosa; outros diraõ, que os conceitos naõ saõ justos , e que alguns ja foraõ ditos; finalmente outros haõ de reparar, que affectei nas expressões alguns termos desusados , e estrangeiros. Bem sey que contra o que eu disse , ha muito que dizer; mas he taõ natural nos homens a defesa , que naõ posso passar sem advertir , que se os conceitos neste livro naõ saõ justos, he porque em certo genero de discursos , estes naõ se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras soaõ , nem em toda a extensaõ, ou significação dellas. Se os mesmos conceitos se achãõ ditos , que haverá que nunca o fosse? E além disto os primeiros principios , ou as primeiras verdades, saõ de todos , nem pertencem mais a quem

quem as disse antes , do que a aquelles que as disseraõ depois. Se o estylo he improprio , tambem póde ponderarse que no modo de escrever ; ás vezes se encontraõ humas taes imperfeições , que tem não sey que gala , e brio : a observancia das regras nem sempre he prova da bondade do livro ; muitos escreveraõ exactamente , e segundo os preceitos da arte , mas nem por isso o que disseraõ foy mais seguido , ou approvado : a arte leva consigo huma especie de rudeza ; a fermosura attrahe só por si , e não pela sua regularidade , desta sabe afastarse a natureza , e entaõ he que se esforça , e produz cousas admiraveis ; do fugir das proporções , e das medidas , resulta muitas vezes huma fantasia tosca , e impolida , mas brilhante , e forte. Nada disto presumo se ache aqui ; o que disse , foy para mostrar , que ainda em hum estylo improprio se póde achar

\*\* ii

algu-

alguma propriedade feliz, e agradável.

Escrevi das vaidades, mais para instrucção minha, que para doutrina dos outros, mais para distinguir as minhas paixões, que para que os outros distingão as suas; por isso quiz de alguma sorte pintar as vaidades com cores lisonjeiras, e que as fizessem menos horriveis, e sombrias, e por consequencia menos fugitivas da minha lembrança, e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas Reflexões hum livro, ja me não posso emendar por esta vez, senão com prometter, que não hey de fazer outro; e esta promessa entro a cumprir ja, porque em virtude della ficaõ desde logo supprimidas as traduções de Quinto Curcio, e de Lucano. As acções de Alexandre, e Cesar, que estavaõ brevemente para fahir á luz no idioma Portuguez,



guez , ficaõ reservadas para ferem obras posthumas , e talvez que entaõ sejaõ bem aceitas ; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de hum morto ; se bem que pouco vale hum livro , quando para merecer algum suffragio , necessita que primeiro morra o seu Author ; e com effeito he certo que entaõ o applauso naõ procede de justiça , mas vem por compaixaõ , e lastima.

Naõ me obrigo porẽm a que (vivendo quasi retirado ) deixe de occupar o tempo em escrever em outra lingua ; e ainda que a vulgar he hum thesouro , que contẽm riqueza immensa para quem se soubesse servir della , com tudo naõ sey qae fatalidades me tem feito olhar com susto , e desagrado para tudo quanto nasceo comigo : alẽm disto , as letras parece que tem mais fortuna , quando estaõ separadas do lugar em que nasceraõ ; a mudan-  
ça

ça da linguagem he como huma ar-  
vore que se transplanta, não só para  
fructificar melhor, mas tambem pa-  
ra ter abrigo.

*Vale.*

*Vanitas vanitatum, & omnia  
vanitas. Eccl. cap. i. vers. 2.*



# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

**P**O'de-se reimprimir o livro de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 18. de Agosto de 1761.

*Trigoso. Silveiro-Lobo. Carvalho. Mello.*

---

## DO ORDINARIO.

**P**O'de-se reimprimir o livro de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 19. de Agosto de 1761.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

---

## DO PAÇO.

**Q**ue se possa reimprimir vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de reimpresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 21. de Agosto de 1761.

*Carvalho. Emaús. D. Velho. Castello.*

## DO SANTO OFFICIO.

**P**O'de correr. Lisboa 11. de Dezembro de 1761.

*Trigoso. Sylveiro Lobo. Mello.*

## DO ORDINARIO.

**P**O'de correr. Lisboa 12. de Dezembro de 1761.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

## D O P A C, O.

**Q**Ue possa correr, e taxaõ em quinhentos reis em papel. Lisboa 14. de Dezembro de 1761.

*Carvalho. Emaús. D.Velho. Affonseca.*

RE-



# REFLEXOES

## SOBRE A VAIDADE

*dos homens.*



ENDO o termo da vida limitado, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais, do que nós mesmos, e se introduz nos apparatus ultimos da morte. Que mayor prova, do que a fabrica de hum elevado mausoleo? No silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias, para com a fé dos mar-

A  
mores

mores fazerem seus nomes immortaes: querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneração, como se fossem reliquias as suas cinzas, e que corra por conta dos jaspes a continuação do respeito. Que frivolo cuidado! Esse triste resto daquillo, que foy homem, ja parece hum idolo collocado em hum breve, mas soberbo domicilio, que a vaidade edificou para habitação de huma cinza fria, e desta, declara a inscripção o nome, e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.



Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os ultimos suspiros, estamos dispondo a nossa pompa funebre, como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para



para occupação: nessa hora, em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, entramos a compor, e a ordenar o nosso acompanhamento, e assistência funeral; e com vangloria anticipada nos pomos a antever aquella cerimonia, a que chamaõ as Nações ultimas honras, devendo antes chamallas vaidades ultimas. Queremos, que em cada hum de nós se entregue á terra com solemnidade, e fausto, e outra infeliz porção de terra: tributo inexoravel! A vaidade no meyo da agonia nos faz saborear a ostentação de hum luxo, que nos he posterior, e nos faz sensiveis as attensões, que haõ de dirigir-se á nossa insensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquella vaidade, de que não podemos ser capazes depois da morte: nisto he piedosa connosco a vaidade; porque em instantes cheyos de

A ii dor,

dor, e de amargura, não nos defempara; antes nas disposições de huma pompa funebre, dá ao nosso cuidado huma applicação, ainda que triste, e faz com que divertido, e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte, e luzida a nossa mesma sombra.



De todas as paixões, a que mais se esconde, he a vaidade; e se esconde de tal forte, que a si mesma se occulta, e ignora: ainda as acçoens mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mystica, que quem a tem, não a conhece, nem distingue: a satisfação propria, que a alma recebe, he como hum espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obruamos, e nisso consiste a vaidade de obrar bem.



Naõ ha mayor injuria , que o desprezo ; e he porque o desprezo todo se dirige , e offende a vaidade ; por isso a perda da honra afflige mais que a da fortuna ; naõ porque esta deixe de ter hum objecto mais certo , e mais visivel , mas porque aquella toda se compoem de vaidade , que he em nós a parte mais sensivel. Poucas vezes se expoem a honra por amor da vida , e quasi sempre se sacrificam a vida por amor da honra. Com a honra , que adquire , se consolla o que perde a vida ; porém o que perde a honra , naõ lhe serve de alivio a vida , que conserva : como se os homens mais nascessem para terem honra , que para terem vida , ou fossem formados menos para existirem no ser , que para durarem na vaidade. Justo fora , que amassem com excessõ a honra , se esta naõ fosse



se quasi sempre hum desvario, que se sustenta da estimaçã dos homens, e só vive da opiniaõ delles.



O não fazer caso do que he vaõ, tambem póde nascer de huma excessiva vaidade, e a este grão de vaidade não chega aquella, que he mediocre, e ordinaria; e desta forte o excesso no vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude, que he a de não ser vaidoso: e com effeito assim como o excesso na virtude parece vicio, tambem o excesso no vicio vem de algum modo a parecer virtude. Na mayor parte dos homens se achãõ os mesmos generos de vaidade, e quasi todos se desvanecem dos mesmos accidentes, de que estaõ, ou se imaginaõ revestidos: porém alguns ha, em quem a vaidade he mysteriosa, e exquisita; porque



*Sobre a vaidade dos homens.* 7

que consiste em desprezar a mesma vaidade, e em não fazer caso dos motivos, em que se funda a vaidade dos outros.

~~~~~  
Trazem os homens entre si hum continúua guerra de vaidade; e conhecendo todos a vaidade alheya, nenhum conhece a sua: a vaidade he como hum instrumento, que tira dos nossos olhos os defeitos proprios, e faz com que apenas os vejamos em hum distancia immensa, ao mesmo tempo que expoem á nossa vista os defeitos dos outros ainda mais perto, e maiores do que são. A nossa vaidade he a que nos faz ser insupportavel a vaidade dos mais; por isso quem não tivesse vaidade, não lhe importaria nunca, que os outros a tivessem.

~~~~~  
Todas as paixoens tem hum tempo

po certo em que começaõ , e em que acabaõ : algumas são incompatíveis entre si , por isso para nascerem humas he preciso , que acabem outras. O odio , e o amor nascem comnosco , e muitas vezes se encontraõ em hum mesmo coração , e a respeito do mesmo objecto. A liberalidade , a ambição , e a avareza , são ordinariamente incompatíveis ; manifestaõ-se em certa idade , ou ao menos entaõ adquirem mayor força. Não sey se diga , que as paixões são humas especies de viventes , que moraõ em nós , cuja vida , e existencia , semelhante á nossa , tambem tem hum tempo certo , e limitado ; e assim vivem , e acabaõ em nós , da mesma forte que nós vivemos no mundo , e acabamos nelle. Com todas as paixões se une a vaidade ; a muitas serve de origem principal ; nasce com todas ellas , e he a ultima , que acaba :

ba : a mesma humildade , com ser humilde virtude opposta , tambem costuma nascer de vaidade ; e com effeito são menos os humildes por virtude , do que os humildes por vaidade ; e ainda dos que são verdadeiramente humildes , he raro o que he insensivel ao respeito , e ao desprezo , e nisto se vê , que a vaidade exercita o seu poder , ainda donde parece , que o não tem.



A vaidade por ser causa de alguns males , não deixa de ser principio de alguns bens : das virtudes meramente humanas , poucas se haviaõ de achar nos homens , se nos homens não houvesse vaidade : não só feriaõ raras as acções de valor , de generosidade , e de constancia , mas ainda estes termos , ou palavras feriaõ como barbaras , e ignoradas totalmente. Digamos , que a vaidade

B

de



de as inventou. O ser inflexivel he ser constante; o desprezar a vida he ter valor: são virtudes, que a natureza delapprova, e que a vaidade canoniza. A aleivosia, a ingratitude, e deslealdade, são vicios notados de vileza, por isso delles nos defende a vaidade; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê, que ha vicios, de que a vaidade nos perferiva, e que ha virtudes, que a mesma vaidade nos ensina.



Mas se he certo, que a vaidade he vicio, parece difficil o haver virtude, que proceda delle; porém não he difficil, quando ponderarmos, que ha effeitos contrarios ás suas causas. Quantas dores ha, que se formão do gosto, e quantos gostos, que resultão da dor! Essa infinita variedade dos objectos tem a mesma causa por origem: as differentes producções, que

que vemos, todas se compoem dos mesmos principios, e se formaõ com os mesmos instrumentos. Algumas cousas degeneraõ á proporçaõ, que se affastaõ do seu primeiro ser; outras se dignificaõ, e quasi todas vaõ mudando de fôrma á medida, que vaõ ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte a cada passo mudaõ; porque apenas deixaõ a breinha, ou rocha donde nascem, quando em huma parte ficaõ sendo limo, em outra flor, e em outra diamante. Que outra cousa mais he a natureza, do que huma perpetua, e singular metamorphosis?



A vaidade parece-se muito com o amor proprio, se he que naõ he o mesmo; e se sãõ paixoens diversas, sempre he certo, que ou a vaidade procede do amor proprio, ou este he effeito da vaidade. Nasceo o ho-

mem para viver em huma continua approvação de si mesmo : as outras paixões nos desemparaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , não só nas Cidades , mas tambem nos desertos , não só na primavera dos annos , mas em toda a vida , não só no estado da fortuna , mas ainda no tempo da desgraça : paixão fiel , constante companhia , e permanente amor.



Nada contribue tanto para a sociedade dos homens , como a mesma vaidade delles : os Imperios , e Republicas , não tiveraõ outra origem , ou ao menos não tiveraõ outro principio , em que mais seguramente se fundassem : na repartição da terra , não só fez ajuntar os homens os mesmos



mos generos de interesses , mas tambem os mesmos generos de vaidades , e nisto se vê dous effeitos contrarios ; porque sendo proprio na vaidade o separar os homens , tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades , que são univerfaes , e comprehendem Villas , Cidades , e Naçoens inteiras : as outras são particulares , e proprias a cada hum de nós ; das primeiras resulta a sociedade , das segundas a divisaõ.



Dizem , que gostos , e desgostos não são mais que imaginaçaõ ; porém melhor fora dizer , que gostos , e desgostos não são mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem no modo , com que os homens olhaõ para nós , e no modo com que fallaõ em nós ; assim até nos fazemos dependentes das acçoens , e dos pensamentos dos mais homens , quando  
cre-

cremos, que elles nos attendem, e consideraõ esta imaginaçaõ, que li-fongea a vaidade, precisamente nos dá gofsto: fe por alguma causa imaginamos o contrario, a mesma imaginaçaõ nos perturba, e inquieta. Não ha gofsto, nem desgofsto grande naquillo, em que a imaginaçaõ não tem a mayor parte, e a vaidade empenho.

~ ~ ~  
A vaidade diminue em nós algumas penas; porém augmenta aquellas, que nascem da mesma vaidade: a estas nem o esquecimento cura, nem o tempo; porque tudo o que offende a vaidade, fica sendo inseparavel da nossa memoria, e da nossa dor. Entre os males da natureza, alguns ha que tem remedio; porém os que tem a vaidade por origem, são incuraveis quasi todos: e verdadeiramente como ha de acabar a pena,



na , quando a lembrança da offensa basta para fazer , que dure em nós a afflicção ? Ou como póde cessar a magoa , se não cessa a vaidade , que a produz ? Alguns sentimentos ha , que se incorporão , e unem de tal forte a nós , que vem a ficar sendo huma parte de nós mesmos.



A imaginação desperta , e dá movimento á vaidade ; por isso esta não he paixão do corpo , mas da alma ; não he vicio da vontade , mas do entendimento , pois depende do discurso. Daqui vem , que a mais forte , e a mais vã de todas as vaidades , he a que resulta do saber ; porque no homem não ha pensamento , que mais o agrade , do que aquelle , que o representa superior aos mais , e superior no entendimento , que he nelle a parte mais sublime. A sciencia humana o mais a que se estende , he ao  
conhe-

conhecimento, de que nada se sabe : he saber o saber ignorar, e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.



Bem se póde dizer, que o juizo he o mesmo que entendimento, porém he hum entendimento solido; por isso póde haver entendimento sem juizo, mas não juizo sem entendimento: o ter muito entendimento ás vezes prejudica, o ter muito juizo sempre he util: o entendimento he a parte que discorre, porém póde discorrer mal: o juizo he a mesma parte que discorre, quando discorre bem: o entendimento pensa, o juizo tambem obra; por isso nas acções de hum homem conhecemos o seu juizo, e no discurso lhe vemos o entendimento: o juizo duvida antes que resolva, o entendimento resolve primeiro que duvide; por isso  
este

este se engana pela facilidade, com que decide, e aquelle acerta pelo vagar, com que pondera. Ordinariamente fallamos no juizo, e não no entendimento de Deos, e deve ser pela impressã, que temos, de que o juizo he menos sujeito ao erro, que em Deos he impossivel: com toda esta ventagem, que achamos no juizo, pouco nos desvanece o ter juizo, e muito nos lisongea o ter entendimento. Consideramos o juizo como cousa popular, ou sómente como huma espécie de prudencia, sendo aliás cousa muy rara; e olhamos para o entendimento como cousa mais altiva, e em que reside a qualidade da agudeza; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente, do que o discorrermos com acerto, e ainda fazemos vaidade de voltar de tal forte as cousas, que ficam parecendo, o que claramente

C

fe



se sabe, que não são. O engano vestido de eloquencia, e arte, attrahe, e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtileza, e temos pejo de acertar rusticamente.



Todos fazem vaidade de ter malicia; nem ha quem diga, que a não tem, antes he defeito, que reconhecemos com gosto, e confessamos sem repugnancia: a razão he; porque a malicia consiste em penetração, por isso não nos defendemos de hum defeito, que indica o termos entendimento. A vaidade faz, que não ha cousa, que não sacrificuemos ao desejo de parecer entendidos, ainda que seja á custa de hum vicio, ou de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo, dizemos, que não temos malicia alguma: porém este pen-



pensamento não dura muito em nós ; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento , do que bons sem elle : verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento ; porque malicia propriamente he aquella intelligencia , ou acto , que prevê o mal , ou o medita ; por isso he differente o ter malicia , e o ser malicioso : tem malicia quem descobre o mal para o evitar : he malicioso quem o antevê para o exercêr : a malicia he huma especie de arte natural , que se compoem de combinações , e consequencias , e neste sentido a malicia he huma virtude politica. As mais das cousas tem muitos modos , em que podem ser consideradas ; por isso a mesma cousa póde ser pequena , e grande ; póde ser má , e tambem boa ; póde ser injusta , e justa : a vaidade porém sempre se appro-

307097 C ii pria

pria o modo , ou o sentido , em que a cousa em nós fica sendo superior , e admiravel.

~~~~~  
A razão não nos fortalece contra os males , que resultão da vaidade , antes nos expõem a toda a actividade delles ; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidade do sentimento. No principio dos nossos desgostos , a razão não serve para diminuillos , para exasperallos fim ; porque como em nós tudo he vaidade , tambem a nossa razão não he outra cousa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razão o que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cansados , e não por advertidos. Daqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos á vontade , do que á nossa fraqueza ; de-  
vemos

vemos a nossa moderação menos ao discurso, do que á nossa própria debilidade. Deixamos o sentimento por cansados de padecer. A duração do mal, que nos abate, nos cura.



Ha occasiões, em que contrahimos a obrigação comnosco, de não admittirmos alivio nas nossas magoas, e nos armamos de rigor, e de aspereza contra tudo o que póde consolarnos, como querendo, que a constancia na pena nos justifique, e sirva de mostrar a injustiça da fortuna: parece-nos, que o ser firme a nossa dor, he prova de ser justa: esta idéa nos inspira a vaidade, menos cuidadosa no socego do nosso animo, do que attenta em procurar a estimação dos homens. Huma grande pena admira-se, e respeita-se: he o que basta para que a vaidade nos faça persistir no sentimento.

Os



Os retiros, e as solidões nem sempre, são effeitos do defengano, as mais das vezes são delirios de hum sentimento vão, ou furores, em que brota a vaidade: então nos move o fim occulto de querermos, que a demonstração da dor nos faça recomendaveis: fazemos vaidade de tudo quanto he grande: a mesma pena quando he excessiva, nos lisongea; porque nos promette a admiração do mundo.

Buscamos a Deos quando o mundo nos não busca; se alguma offensa nos irrita, deixamos a sociedade, não por arrependidos, mas por queixosos, e menos por amar a Deos, que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquelle modo de vingança, e parece com effeito, que o deixar o mundo he desprezal-lo. Assim será; mas quem deseja vin-



vingar-se ainda ama, e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo, e as suas vaidades; porque o amor das cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo, e a vida tudo he o mesmo; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida? Tudo no mundo he vão, por isso a vaidade he a que move os nossos passos: para donde quer, que vamos, a vaidade nos leva, e himos por vaidade. Mudamos de lugar, mas não mudamos de mundo.



A mesma vaidade, que nos separa do commercio dos homens, para sepultarnos na solidão de hum Claustro, vem depois a conservarnos nelle, e por hum mesmo principio nos conduz, e nos faz permanecer sempre no retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade, por isso muitas vezes somos firmes só

fó por evitar o desprezo, vindo a parecer persistencia na vocação, o que só he constancia na vaidade. Vivemos temerosos, de que as nossas acções se reputem como effeitos da nossa variedade: queremos mudar, mas tememos o parecer varios; e assim a constancia na virtude não a devemos á vontade, mas ao receyo; não a conservamos por gosto, mas por vaidade: e esta assim como nos faz constantes na virtude, tambem outras vezes nos faz constantes na culpa.



Ha varios termos no progresso da nossa vaidade: esta no primeiro estado da innocencia vive em nós como occulta, e escondida: o tempo faz que ella se mova, e se dilate: semelhante ás aves, que nascem todas sem pennas, ainda que todas em si trazem a materia dellas. A nossa alma

ma está disposta para receber, e concentrar em si as impressões da vaidade; e esta, que insensivelmente se fórma, do que vemos; do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando cresce em nós; he imperceptivel, da mesma forte, que cresce imperceptivelmente a luz, e que apenas se distingue a elevação das aguas. Nascemos sem vaidade; porque nascemos sem uso de razão, nem de discurso: quem dissera, que aquillo, que nos devia defender do mal, he o mesmo que nos conduz a elle, e nos precipita! Todas as paixões dão comnosco passos iguaes no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter odio, ou amor, tristeza, ou alegria: só a vaidade vem depois, mas dura sempre, e quando se manifesta, he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento; por isso a

D

emen-



emenda da vaidade he tão difficil, porque he erro, em que o entendimento tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre vaidade he incapaz de premeditar empresas, nem de formar projectos: tudo nelle he sem calor: a sua mesma vida he huma especie de lethargo: tudo o que procura he com passos vagarosos, cobardes, e descuidados; porque a vaidade he em nós como hum espirito dobrado, que nos anima; por isso o homem, em que a vaidade não domina he timido, e sempre cercado de duvida, e de receyo: a vaidade logo traz consigo o desembaraço, a confiança, o arrojo, e a certeza. Presume muito de si quem tem vaidade; por isso he confiado: não presume de si nada quem não tem vaidade, por isso he timido. A vaidade nos faz parecer, que



que merecemos tudo, por isso entendemos, e conseguimos ás vezes: a falta de vaidade nos faz parecer, que não merecemos nada, por isso nem buscamos, nem pedimos. Este extremo he raro, o outro he muy commum, daquelle se compoem o mundo, deste o Ceo.

A differença, e desigualdade dos homens he huma das partes, em que se estabelece a sociedade, por isso esta se funda em principios de vaidade; porque só a vaidade sabe corporificar idéas, e fazer differente, e desigual o que he composto por hum mesmo modo, e organizado de huma mesma fórma. Os homens mais vaidosos são os mais proprios para a sociedade: aquelles que por temperamento, por razão, ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade, são os que pe-

la sua parte contribuem menos na communicacão dos homens: occupados em huma vida mole, isenta, e sem acção, só buscão no descanso a fortuna folida, e desprezaõ as imagens de que se compoem a vaidade da vida civil.



A desordem dos homens parece que he precisa para a conservacão da sociedade entre elles: he preciso com effeito, que sejamos loucos, e que deixemos muitas vezes a realidade das cousas, só por seguir a apparencia, e vaidade dellas. Que mayor loucura, que a que nós expoem a perder a vida na expectacão de podermos servir de objecto ao vaidoso ruido da fama? Que mayor delirio, que sacrificarmos o descanso ao desejo de sermos admirados? Que desvario mayor, que o fazer idolo da reputacão, fazendo-nos por essa cau-  
fa

sa dependentes , não só das acções dos homens , mas também das suas opiniões ; não só das suas obras , mas também dos seus conceitos ?



A vaidade nos ensina , que as acções heroicas se fazem immortaes por meyo das narrações da historia ; porém mal póde caber na lembrança dos homens todos os grandes successos , de que se compoem a variedade do mundo : ainda o mesmo pensamento tem limite , por mais que nos pareça immensa a sua efférea. Não ha historia , que verdadeiramente seja universal : quantos Achilles teraõ havido , cujas noticias se acabaraõ , só porque não tiveraõ Homeros , que as fizessem durar hum certo tempo , e isto por meyo do encanto de hum Poema illustre ? Quantos Eneas sem Virgilios ? Quantos Alexandres sem Quintos Curcios ?  
Na



Na infancia do mundo começaraõ logo a haver combates , por isso as victorias sempre foraõ de todas as idades ; porẽm esses mesmos combates se desfaziaõ huns a outros ; porque a fortuna do vencer sempre foy varia , e inconstante. As noticias das victorias tambem se vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou , a poucos passos havemos de encontrar a fabula , cuberta de hum véo escuro ; e impenetravel : tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconhecido totalmente. Os primeiros homens , que á força do fogo , e sangue se fizeraõ arbitros da terra , nos mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acções : o valor com que poderaõ perpetuar nos seus descendentes o poder , e a magestade , não lhes pôde perpetuar o nome : das mayores

371 Mo-



Monarchias ainda se ignora quem foram seus primeiros fundadores.



Que são os homens mais do que apparencias de theatro? Tudo nelles he representação, que a vaidade guia: a fatal revolução do tempo, e o seu curso rapido, que cousa nenhuma pára, nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de huma eternidade. Neste abyfmo, donde tudo entra, e nada sahe, se vão precipitar todos os successos, e com elles todos os Imperios. Os nossos antepassados ja vierão, e ja foram; e nós daqui a pouco vamos ser tambem antepassados dos que haõ de vir. As idades se renovão, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se succedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba. Só Deos he sempre o mesmo, os seus annos  
naõ

naõ tem fim , a torrente das idades , e dos seculos corre diante dos seus olhos , e elle vê a vaidade dos mortaes , que ainda quando vão passando o insultaõ , e se servem desse mesmo instante , em que passaõ para o offenderem. Miseraveis homens , genero infeliz , que nesse momento , que lhes dura a vida , preparaõ a sua mesma reprovaçaõ ; e que tendo vaidade , que lhes faz parecer , que tudo meditaõ , que tudo sabem , e que tudo prevêm , só a naõ tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado , e que com o seu mesmo soffrimento , e silencio , clama , ameaça , julga ; condemna.



Acabaõ os Heróes , e tambem acabaõ as memorias das suas acções ; aniquilaõ-se os bronzes , em que se gravaõ os combates ; corrompem-se os marmores , em que se esculpem  
os

os triunfos ; e a pezar dos milagres da estampa , tambem se desvanecem as cadencias da prosa , em que se descrevem as emprezas , e se dissipão as harmonias do verso , em que se depositaõ as vitorias : tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabão-se as tradições muito antes que acabe o mundo ; porque a ordem dos successos não se incluye na fabrica do Universo ; he cousa exterior , e indifferente. Os monumentos , que fazem da historia a melhor parte , e a mais visivel , não só se estragam , mas desapparecem , e de tal forte , que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Não tem mais duraçaõ as cinzas dos Heróes ; porque as mesmas urnas , que as escondem , se desfazem , e os mesmos epitafios , por mais que sejaõ profundos os caracteres , insensivelmente vão fugin-

E do



do dos nossos olhos, até que se apagaõ totalmente. Ainda as cousas inanimadas, parece que tem hum tempo certo de vida: as pedras, de que se formaõ os padrões, vaõ perdendo a uniaõ das suas partes, em que consiste a sua dureza, até que vem a reduzir-se ao principio commun de tudo; terra, e pó.

Por isso he loucura sacrificar a vida por eternizar o nome; porque dos mesmos Heróes também morre o nome, e a gloria: a differença he, que a vida dos Varões illustres compoem-se de annos, como nos mais homens, e a vida das suas acções compoem-se de seculos; porém estes acabaõ, e tudo o que se encerra nelles, vem a entrar finalmente no cáos do esquecimento. Tudo no mundo são sombras, que passaõ; as que são mayores, e mais agigantadas,



das, durão mais horas, mas tambem se extinguem, e do mesmo modo, que aquellas, que apenas tiverão de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes, e entre elles a fama he ao que mais nos inclina a vaidade; sendo que o mesmo ar, que lhe dilata os eccos, lhe confunde, e apaga a voz. Nas coufas he transito, o que nos parece permanencia: a diversidade, que vemos na duração dellas, he porque humas gastaõ mais tempo em acabar que outras; de sorte que propriamente só podemos dizer, que as coufas estaõ acabando, e não que estaõ sendo.



Porém destes mesmos delirios resulta, e depende a sociedade; porque a vaidade de adquirir a fama infunde aquelle valor nos homens, que quasi chega a transformállos em mu-

ralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos : a vaidade de serem attendidos os reduz á trabalhosa occupação de indagarem os segredos da Divindade, o giro dos astros, e os mysterios da natureza : a vaidade de serem leaes os faz obedientes : a vaidade de serem amados os faz benignos : e finalmente a vaidade, ou amor da reputação os faz virtuosos. Daqui vem, que o homem sem vaidade entra em hum desprezo universal de tudo, e começa por si mesmo : olha para a reputação como para hum fantasia, que se fórma, e se sustenta de hum susurro mudavel, e de hum opiniaõ sempre inconstante : olha para o valor como para hum meyo cruel, que a tyrannia ideou para introduzir no mundo a escravidão : olha para o respeito como para hum cerimonia, ou dependencia servil, que indica poder em huns, e  
nos

nos outros medo , semelhante á estatua de Jupiter , diante da qual todos se prostraõ , não por amor do idolo , mas por causa do rayo , que tem na mão : olha para a benignidade como para hum modo , ou artificio de atrahir a si a inclinação dos outros , e por isso virtude mercenaria : olha para a lealdade como para hum acto , que precisamente resulta de huma submissão necessaria : e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago , e incerto , e que na realidade val menos do que custa a conseguir.



Com os annos não diminue em nós a vaidade , e se muda , he só de especie. A cada passo , que damos no discurso da vida , se nos offerece hum theatro novo , composto de representações diversas , as quaes successivamente vão sendo objectos da  
nossa



noſſa attenção , e da noſſa vaidade. Affim como nos lugares , ha tambem horizontes na idade , e continuamente himos deixando huns , e entrando em outros , e em todos elles a meſma vaidade , que nos cega , nos guia. Nem ſempre ſomos ſufceptiveis das meſmas impreſões ; nem ſempre ſomos ſenſiveis ao meſmo ſentimento ; ſempre ſomos vaidoſos , mas nem ſempre domina em nós o meſmo genero de vaidade.

Ha vícios , que raramente deixamos , ſe elles primeiro nos não deixão ; e quando com o tempo ſeguimos ao exercicio de obrar bem , não he porque o conhecimento , ou a experiencia nos determine , mas porque continuamente os annos nos vão fazendo incapazes de obrar mal ; e affim virtudes ha , que primeiro começaõ pela noſſa incapacidade , do que  
eſſas por



por nós mesmos ; e nós nossos acertos a razão he a que quasi sempre tem menos parte. Só a vaidade não enfraquece, por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposição do corpo.



Naõ temos alegria ; se está descontente a vaidade ; da mesma sorte, que a desgraça não afflige tanto, quando se acha a vaidade satisfeita. A mesma morte não se mostra com igual semelhante nos supplicios ; porque a qualidade delles influe mayor, ou menos pena : por isso as honras do cadafalso servem de alivio ao delinquente ; porque a vaidade, que está vendo a attenção do golpe, deste esconde ao mesmo tempo o horror, e entretida nos faustos do luto, desvia da memoria huma grande parte da consideração da ruina.



Pa-

Para nada ser permanente em nós, até o odio se extingue: cançamo-nos de aborrecer: a nossa inclinação tem intervallos, em que fica isenta da sua maldade natural: não esquece porém o odio, que teve por principio a vaidade offendida; assim como nunca o favor esquece quando se dirige, e tem por objecto a vaidade de quem recebe o beneficio. A nossa vaidade he a que julga tudo: dá estimação ao favor, e regula os quilates á offensa: faz muito do que he nada: dos accidentes faz substancia: e sempre faz mayor tudo o que diz respeito a si. Nos beneficios pagamos-nos menos da utilidade, que do obsequio: nas offensas consideramos mais o atrevimento da injuria, que o prejuizo do mal; por isso se sente menos a dor das feridas, do que o arrojo do impulso; e assim na vaidade nunca se formão cicatrizes

firmes, e seguras; porque a lembrança do agravo a cada instante as faz abrir de novo; e verter sangue.



O corpo não he sensível igualmente em todas as suas partes: humas sofrem, e resistem mais; qualquer desconcerto em outras he mortal: assim tambem no corpo da vaidade ha partes, em que penetra mais o sentimento: daqui vem inimidades, que nem a morte reconcilia, odios que duraõ tanto como a vida. Tudo o que nos tira, ou diminue a estimação, nos serve de tormento; porque o respeito he o idolo commum da vaidade; aquillo que o offende, não se perdoa facilmente, e fica sendo como hum sacrilegio irremissivel, e como hum principio de donde se originão tantas aversoens hereditarias.



Acabando tudo com a morte,



só a deshonra não acaba ; porque o labéo ainda vive mais do que quem o padece : por mais insensível que esteja hum cadaver na sepultura ( permitta-se o hyperbole ) lá parece que a lembrança de huma infamia , que existe na memoria dos que ficaõ , lhe está animando as cinzas , para o fazer capaz de afflicçaõ , e sentimento : terrivel qualidade , cujos effeitos , ou cujo mal , não se acaba , ainda depois que acaba quem o tem ; sendo a unica desgraça , que se imprime na alma , como hum caracter immortal ! A morte não serve de limite á deshonra ; porque esta vay seguindo a posteridade como huma herança barbara , é infeliz. Estes são os pensamentos , que a vaidade nos inspira , e como huma paixão inconsolavel , até nos persuade , que ainda depois de mortos podemos sentir a infamia : esta diminue a estimaçaõ , e o respeito ;  
ol e por



e por isso mortifica tanto; como se a infâmia do delicto só consistisse na attenção, e opiniaõ dos homens, e não no delicto mesmo; ou se só fosse deshonna aquella que se sabe, e não aquella que se ignora.



Se a melancolia nos desterra para a solidão do ermo, não deixa de ir connosco a vaidade; e entãõ somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebeu o golpe, sempre leva no peito atravessada a setta: nunca podemos fugir de nós: para donde quer que vamos, himos com os nossos mesmos desvarios, se bem que as vaidades do ermo são vaidades innocentes. A natureza não tem lá por objecto mais do que a si mesma, e a vaidade, que tem na complacencia, com que se contempla, consiste em reflectir sobre os enganos do seculo, e sobre as verda-

des da solidão; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia, não importa; porque a vaidade de ser virtuoso tambem parece que he virtude; e assim vimos a ter naquelle caso hum vicio, que nos emenda, e hum defeito, que nos melhora.



Oh quanto he especiosa a tranquillidade do deserto! Lá não ha odio, nem soberba; não ha crueldades nem inveja: estes monstros são feras invisiveis, que habitão entre nós, para serem ministros fataes das nossas discordias, e das nossas afflicções; nascem da nossa sociedade, e se sustentão da nossa mesma communicacão: por isso a virtude costuma fugir ao tumulto, porque a nossa maldade não he pelo que toca a cada hum de nós, mas pelo que respeita aos outros: somos perversos por comparaçãõ; e

reciprocamente huns servimòs de objecto ás iniquidades dos outros ; a vaidade sempre foy origem dos nossos males ; mas primeiro que a vaidade , foy o commercio commum das gentes ; porque d'elle resulta a vaidade como contagio contrahido no trato , e conversação dos homens. O nosso entendimento facilmente se inficiona , não só com as opinioens proprias , mas tambem com as alheas ; não só com as proprias vaidades , mas tambem com as dos outros : não sey se seria mais util ao homem o ser incommunicavel.



Vemos confusamente as apparencias de que o mundo se compoem : os nossos discursos raramente encontram com a verdade , com a duvida sempre ; de sorte que a sciencia humana toda consiste em duvidas. Ainda dos primeiros principios visiveis , e materiaes , fû conhecemos a  
exif-



existencia , a natureza não ; porque a contextura do universo he em si unida , e regular em fórma , que na ordem das suas partes não se podem conhecer humas , sem se conhecerem todas ; por isso todas se ignoraõ , porque nenhuma se conhece : só a vaidade costuma decidir sem embarço , porque não chega a imaginar-se capaz de erro : os homens mais obstinados são os mais vaidosos , e sempre á porfia vem á proporção da vaidade.



Algumas duvidas , ha que respeitamos; mas nem a essas perdoa a vaidade , pois nunca quer que fiquem indecisas : mas infelizmente , porque nellas sempre a solução da duvida vem a consistir em outra duvida mayor. Quasi tudo transcende á nossa comprehensão , mas nada transcende á nossa vaidade. Naturalmente  
nos



nos he odiosa a irresolução , e antes nos inclinamos a errar , do que a ficar irresolutos : o confessar ignorancia he acto a que se oppoem a vaidade ; sendo que rara he a cousa , que se nos mostra , sem hum certo véeo que a esconde ; de sorte que não vemos , nem buscamos os objectos , mas a sombra delles.



Nas paixoes he natural o entreternos cada huma com a esperanza , que lhe he propria ; e com effeito nada he mais agradavel do que humma esperanza lisonjeira. O desejo se deleita em meditar no bem , que espera ; e a natureza , a quem as paixoes tem sempre em acção , não cessa de guiar o pensamento para aquella mesma parte , para donde a nossa inclinação propende ; por isso o amor continuamente nos promete , que ha de acabar a tyrannia , e  
que

que cedo ha de vir a feliz correspondencia ; o odio nos segura , que vem chegando o dia da vingança ; e finalmente a vaidade só nos offerece idéas de respeito , e de grandeza ; e desta forte não vivemos , esperamos a vida.



Ha hum genero de vaidade , que toda consiste em procurarmos que se falle em nós ; por isso a mesma vaidade inventou a fraze de dizerse , que vive no escuro aquelle de quem se não falla ; dando a entender , que as emprezas, por meyo das quaes se falla nos homens , são a claridade que os mostra , e os distingue : com effeito por mais que vivamos juntos , e nos vejamos sempre , he por hum modo como vago , e passageiro : as cousas nem por estarem muito perto se vem melhor , e os Heroes o que os faz mais visiveis , he a distancia , e  
des-

desproporção dos outros homens em que os poem as suas acções : não só os homens , mas ainda os successos , quanto mais longe vão ficando , mais crescem , e nos vão parecendo mayores , até que os vimos a perder da vista , e muitas vezes da memoria ; porque no tempo tambem ha hum ponto de perspectiva , donde como em espelho vão crescendo todos os objectos , e em chegando a hum certo termo , desapparecem. As empresas , que hoje vemos , talvez não são inferiores ás que a tradição refere do tempo do heroísmo ; porém tem de menos o estarem proximas a nós , e as outras tem de mais , o valor que recebem de huma antiguidade veneravel : aquellas admiramos porque não temos inveja , nem vaidade , que nos preocupe contra os que passaraõ ha muitos seculos ; contra os que existem sim , e destes , se sabemos

G



bemos as acções, também sabemos as circumstancias dellas; por isso as desprezamos, porque he rara a empreza heroica, em que não entre algum fim indigno, e vil; a mais illustre acção fica infame pelo motivo.



O que chamamos inveja, não he senão vaidade. Continuamente accusamos a injustiça da fortuna, e a consideramos ainda mais cega do que o amor, na repartição das felicidades. Desejamos o que os outros possuem, porque nós parece, que tudo o que os outros tem, nós o merecíamos melhor; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheyas, por nos parecer, que deviaõ ser nossas: que he isto senão vaidade? Não podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que só em nós he proprio: cuidamos, que a grandeza



deza só em nós fica sendo natural, e nos mais violenta: o esplendor alheio passa no nosso conceito por desordem do acaso, e por miséria do tempo. Quem diria aos homens, que no mundo ha outra cousa mais do que fortuna, e que nas honras ha predestinação?



Naõ vivemos contentes, se a nossa vaidade naõ vive satisfeita: ainda temos o bem, que com pouco se alimenta a vaidade. Hum riso agradável, que achamos nas pessoas eminentes, e que por mais, que seja equivoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor; hum obsequio, que tem por principio a dependencia, e em que o interesse se esconde subtilmente; huma submissão, que nos faz crer que os homens tem obrigação de respeitarnos; huma lisonja dita com tal arte, que fica sendo impossivel,

conhecemos-lhe o veneno ; qualquer cousa destas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaça ; de forte que não vivemos alegres , se não vivemos vaidosos.



Procuramos ser objectos da memoria , e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narrações da historia. Este delirio nos entrega a applicação das letras , e nos inspira a inclinação das armas , como dous pólos , que guião para huma fingida , e sonhada immortalidade. Alguns fogem da sociedade , ou por cansados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauso ; porém ainda esses lá se formão huma crença vaidosa , de que os homens fallaõ nelles , e discorrem sobre  
a cau-

a causa dos seus retiros. Quantas vezes nos parece, que o bosque, que nos serve de muda companhia, se magôa dos nossos infortúnios, e que o valle recebe o sentimento das nossas queixas, quando em eccos entrega aos ventos, partidos os nossos ays! Parece-nos, que a Aurora nasce rindo dos nossos males; que as fontes murmuraõ dos nossos desasocegos; que as flores crescem para symbolo das nossas delicias; e que as aves festejaõ os nossos triunfos.



Os homens, a quem a concorrência de acafos felices faz chamar grandes, presumem, que ainda que delles não depende a existencia do mundo, com tudo depende delles a ordem, e a economia das cousas: todos fallaõ nas suas acções, e nisto consiste a sua mayor, e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos  
ho-



homens , mas não renunciámos o viver na admiração , e noticia delles ; consentimos em apartarnos de sorte , que nunca mais sejamos vistos , mas não consentimos em não ser lembrados : finalmente queremos , que se falle em nós : as mesmas sepulturas , que são huns pequenos theatros das mais lastimosas tragedias , espantão menos pelo horror das sombras , que pelo silencio.



Mil preceitos ha que nos ensinão , o quam pouco são estimaveis em si , esses mesmos objectos , que buscamos com fadiga : o conhecermos a vaidade das cousas , não basta para as não querermos ; porque o conhecimento de hum mal , que se appetitece , he hum meyo muito debil para o deixar. No mesmo retiro temos todo o mundo no coração , e neste vivem as paixões então mais con-



concentradas , e por isso mais vigorosas , e mais fortes : o ser o lugar mais apertado não nos livra do combate , antes o faz mais arriscado : a vaidade he como o amor , este quando o deixamos , sempre nos fica hum faudade lenta , que insensivelmente nos devora ; porque he hum mal , cuja privação se sente como outro mal mayor : ainda depois de passados muitos annos , a lembrança , que ás vezes nos occorre de hum amor , que parece que acabou , sempre nos vem com sobrefalto ; o coração nunca fica indifferente ; e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amorticido , e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade , e perdido o amor , que nos fica ?



He proprio da vaidade o dar valor a muitas cousas , que o não tem , e quasi tudo o que a vaidade estima ,  
he

he vão. Que cousa póde haver, que tenha em si menos substancia do que humas mas certas felicidades, que ponderada a melhor parte dellas, consiste, ou em palavras, ou em gestos: a denominação de grande, de mayor, e de excellente, e as submissões, que indicaõ o respeito, fazem huma parte essencial das glorias deste mundo; a primeira não consiste mais do que em palavras; a segunda toda se compoem de gestos. Que importa á felicidade do homem, que os outros, quando lhe fallaõ, articulem mais hum som, que outro, e que nas reverencias que introduzio a lisonja, se dobrem mais, ou menos? A vaidade nos faz crer felices á porporção, que ouvimos esta, ou aquella voz, e que vemos este, ou aquelle culto: a vida civil se reduz a hum ceremonial composto de genuflexões, e de palavras.



Só a vaidade sabe dar existencia ás cousas que a não tem, e nós faz idolatras de huns nada, que não tem mais corpo, que o que recebem do nosso modo de entender, e nos induz a buscarmos esses mesmos nada, como meos de nos distinguir; sendo que nem Deos, nem a natureza nos distinguio nunca. Na ley universal, ninguem ficou isento da dor, nem da tristeza; todos nascem sujeitos ao mesmo principio, que he a vida, e ao mesmo fim, que he a morte: a todos comprehende o effeito dos elementos; todos sentem o ardor do Sol, e o rigor do frio; a fome, e a sede, o gosto, e a pena, he commun a tudo aquillo que respita: o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme, e igual, e na ordem com que dispoz a natureza, não conheceo exceções, nem privilegios: nunca o homem pô-

H

de



de fer mais , nem menos do que homem ; e por mais , que a vaidade lhe esteja suggerindo huns certos attributos , ou certas qualidades , que o fazem parecer mayor , e mais consideravel , que os mais homens , essas mesmas qualidades , ainda sendo verdadeiras , sempre são imaginarias ; porque tambem ha verdades fantasticas , e compostas sómente de illusões.



A vaidade he cheya de artificio , e se occupa em tirar da nossa vista , e da nossa comprehensão o verdadeiro ser das cousas , para lhe substituir hum falso , e apparente. De que serve a purpura , mais que de encobrir o homem a si mesmo ; e huma figura simplez , commua , e igual em todos , mostralla desfigurada , e outra debaixo de hum véo puramente exterior ? Tudo o que se esconde fica com caracter de mysterio , e por isso  
com



com veneração, e com respeito: a vaidade foy o primeiro artifice, que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato, e pela singularidade da côr; assim são as distincções, que a vaidade nos procura; nenhuma he, nem pôde ser em nós, mas nas cousas que nos cobrem.



Só a vaidade dos Reys he vaidade justa, porque a Providencia ja quando os formou para a dominação, logo os destinou para figuras da divindade, e com huma semelhança mais que material, e indifferente; porque a mesma essencia, de que são imagens, parece, lhes communica huma porção da idéa, que representaõ. Por mais que os successos sejaõ regidos pelo acaso, com tudo aos Reys não os faz a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligencia, que dá os primeiros, e principaes mo-

vimentos ao Universo. Ainda nos Orbes Celestes vemos alguns corpos, que parece custaraõ mais cuidado ao Author do mundo, pois brilhaõ com luz mais firme, mais intensa, e mais constante. Os Monarcas parecem-se com os mais homens na humanidade, mas differem nas qualidades da alma: a Coroa, que os cinge, naõ só lhes illustra a cabeça, mas tambem o pensamento: o Sceptro, que indica á magestade, tambem inspira o esforço; e a grandeza no poder tambem influe extensaõ no espirito; por isso na arte de reinar naõ ha regras, que possaõ ser sabidas por quem naõ he Rey.



Assim como he justa a vaidade de hum Rey justo, tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno: o esplendor de hum throno adquirido injustamente naõ cega a attençaõ de forte,  
que

que fiquem os olhos sem poder examinarlhe os rayos ; hum lugar tão sagrado , nem sempre o consideraõ os homens com immuniidade. Os tyrannos sempre foraõ objectos , não só dos louvores , mas tambem da critica ; não só das admirações , mas tambem dos reparos ; não só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prepara agrados , tambem encontraõ aversões no odio. As submissões não são todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoração , nem sempre tributa hum incenso puro , e muitas vezes procede de huma violencia interior , e occulta ; entaõ por mas que as expressões se elevem , sempre a verdade se distingue da exaggeração ; e por mais que  
ojoe-



ojoelho dobre , sempre o desprezo fica inflexivel no conceito.



Nos Principes he virtude , huma vaidade bem intendida ; e discorre fantamente hum Rey , quando se defvanece da qualidade de ser justo : ha vicios necessarios em certos homens , assim como ha virtudes improprias em outros. Os soberanos sendo a fonte da justica , são os que mais injustamente são julgados : os mais homens são ouvidos , os Principes não ; todos os julgaõ , e ninguem os ouve ; como se a preheminencia da dignidade os fizesse incapazes , ou indignos da defeza : o julgar por este modo aos Reys , he sacrilegio , porque a traiçaõ he mayor aquella que se dirige á fama , que a que conspira contra a vida ; esta nos Monarcas he lhes menos importante , que a memoria ; a existencia deve serlhes menos

nos



nos preciosa do que a fama : com a vida se acaba o respeito , a grandeza , e o poder , mas não acaba a reputação ; o tumulto não encobre , nem a ignominia do nome , nem o esclarecido , porque nos Principes nunca acaba , a gloria , nem a infamia : o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reis ; porém por mais que as confunda a morte , a historia as separa , e as divide : a tradição anima essas mesmas cinzas , humas para honra da natureza , outras para horror da posteridade.



A mayor parte das acções dos homens consiste no modo dellas ; o modo com que se propõem , com que se diz , com que se falla , com que se ouve , com que se olha , com que se vê , com que se anda , e em fim todos os mais modos , que são inseparaveis

paraveis de qualquer acção, nos dão a conhecer o que devemos pensar dellas : quasi sempre o modo , ou nos obriga , ou nos offende , e ordinariamente o modo das cousas nos occupa mais do que as coulas mesmas. Humas vezes nos engana o modo , porém tambem outras o mesmo modo nos desengana : a imaginação verdadeira , falsa , ou vaidosa , he a que produz os differentes modos , que vemos huns nos outros. Os Soberanos tem hum certo modo de olhar ; de ver , de ouvir , de andar , de preguntar , e de responder , que só nelles he natural ; a vaidade dos Grandes lhes faz affectar o mesmo modo , que vem nos Soberanos ; os mais homens tomaõ o mesmo modo , que vem nos Grandes , e cada hum se irrita de ver hum modo improprio , e sente como hum desprezo o achar hum modo , que não convem a quem usa d'elle ; o  
que

que diversifica os modos he a alegria , a tristeza , o amor , o odio , o desejo , ou a indifferença , e mais que tudo a vaidade.



A mayor parte da vida passamos em buscar a fortuna , e a que vemos nos outros , he a que nos engana a nós : porém he feliz o engano ; que nos anima sempre. Que mayor desgraça que o viver indifferente , e sem acção ; e que mayor ventura que a esperança com que a buscamos ! O conceito , que fazemos de qualquer bem , sempre excede ao mesmo bem , e assim perdemos quando o alcançamos ; de sorte que a fortuna parece não está tanto em possuilla , como em desejalla. As fortunas humanas , ou consistem na abundancia , ou no poder , ou no respeito : estas são as mesmas fontes donde nasce a vaidade , e com effeito se ha vaidade



sem fortuna , não ha fortuna sem vaidade.



Por nosso mal lá chega a idade , em que não queremos mais fortunas , que o viver ; conhecemos a illusão dellas , e se as buscamos , he como por costume , mas sem ancia , e sem desaloeço ; o desejo de as alcançar , he como hum resto de calor , que apenas se faz sentir. Não reflectimos sobre o pouco tempo , que devemos gozar hum bem , senão depois de o ter : só então consideramos o muito que custou a alcançar , e o pouco que o havemos possuir. Em cada paiz ha hum modo com que as cousas se imaginaõ ; o que he fortuna em huma parte , he desgraça em outra , o que aqui se busca com empenho , alli se despreza totalmente. Os objectos que entretem a vaidade , e estimação dos homens , são como idolos , que só se vene-



veneração em lugar determinado, e fó-  
ra daquelle tal espaço, a adoração se  
troca em vituperio: o mesmo mar-  
more de que em Athenas se faria hu-  
ma Minerva, transportado a outro  
lugar, apenas servirá de baze a hu-  
ma columna; assim he a vaidade, por  
mais que seja universal nos homens,  
os motivos della não são universaes.



He raro o mal, de que não venha  
a nascer algum bem, nem bem, que  
não produza algum mal: como só o  
presente he nosso, por isso não nos  
serve de alivio o bem futuro, nem  
nos inquieta o mal que ainda não sen-  
timos; hum infeliz não se persuade,  
que a sua sorte possa ter mudança;  
hum venturoso não crê, que possa de-  
ixar de o ser: a este a vaidade tira o  
menor receyo; á aquelle o abatimen-  
to priva de esperança. Se fizemos  
reflexão, havemos de admirar o pou-

co que basta para fazer o nosso bem , ou o nosso mal : de hum instante a outro mudamos da alegria para a tristeza , e muitas vezes sem outro algum motivo , que o de huma vaidade mais , ou menos satisfeita. Os homens não são todos igualmente sensíveis ao bem , e ao mal ; a huns penetra mais vivamente a dor , a outros só faz huma impressão ligeira : o bem não acha em todos o mesmo gráo de contentamento. Nas almas deve de haver a mesma differença , que ha nos corpos ; humas mais deveis , e outras mais robustas ; por isso em humas obra mais o sentimento , e acha mais resistencia em outras ; em humas domina a vaidade com imperio , e com furor , em outras só assiste como cousa natural ; naquellas a vaidade he huma paixão com impeto , nestas he hum vicio socegado , e sem desordem.



O en-

O entendimento nos homens , he como a fermosura nas mulheres ; não ha desgraça de que hum espelho as não consôle , nem tristeza de que se não esqueçaõ , vendo-se em estado de inspirar amor : a hum homem infeliz serve de alivio , o considerar-se sabio ; este pensamento , ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo , para ser querida , e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum , e outro a differença he grande : a mulher fermosa , com o tempo conhece que ja o não he , o homem entendido nunca alcança que só o foy : a mulher não póde deixar de ver o estrago , que os annos fazem na belleza , o homem não penetra a ruina , que o tempo causa ao entendimento ; mas não importa que assim seja , porque he justo que o homem se desvaneça sempre , e que tenha

fim



fim na mulher a vaidade : ninguém adora ao homem por entendido , e á mulher todos a idolatraõ por fermosa. Acabe pois a vaidade na mulher ; porque foy tão excessiva , e no homem dure , porque foy mais moderada.

Olhamos para o tempo passado com saudade , para o presente com desprezo , e para o futuro com esperança : do passado nunca se diz mal ; do presente continuamente nos queixamos , e sempre appetecemos que o futuro chegue : o passado parece-nos que não foy mais do que hum instante ; o presente apenas o sentimos ; e julgamos que o futuro está ainda mui distante. Para dizermos bem do tempo , he necessario que elle tenha passado , e para que o desejemos he preciso considerallo longe. A vaidade faznos olhar para o tempo ,  
mit que



que passou, com indifferença; porque já nelle fica sem acção: faznos ver o presente com desprezo; porque nunca vive satisfeita; e faznos contemplar o futuro com esperança, porque sempre se funda no que hade vir; e assim só estimamos o que já não temos; fazemos pouco caso do que possuímos; e cuidamos no que não sabemos se teremos.



Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras; não porque queiramos mudar de vaidade, mas porque algumas ha, que em certos annos são incompatíveis, e só tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade, que a natureza nos inspira; vaidade simples, e innocente ainda quando he mentirosa: a natureza quer que nos amemos, por isso faz que nos vejamos dotados de hum fôrma, ou figura encantadora; fo-

fomos Narcisos logo no berço : a nossa imagem apenas acabada de formar , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lifongea , ainda quando ignoramos o artificio do crystal ; e desta sorte himos passando successivamente a vida , entre-tidos em hum laberyntho de vaidades, até que chegamos á vaidade dos velhos ; vaidade discursiva , prudencial, historica , e muitas vezes imbecil. O ser antigo não dá juizo a todos, antes o tira , porque o tempo insensivelmente vay destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o não sintamos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce,até outro se conserva, e depois sempre vay diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razão , e perdemos a razão assim que tornamos ao estado da innocencia: hu-  
ma,

e outra cousa são virtudes puras, e excellentes, mas infociaveis. Primeiramente adquirimos a razão á custa da innocencia, e depois alcançamos a innocencia á custa da razão; não sey quando he que perdemos, ou ganhemos. Indiscretamente fazemos vaidade de fermos entendidos: o entendimento parece que nos foy dado por castigo, pois com elle ficamos sem desculpa para nada, Que mayor mal!



He rara a cousa, em que não tenha parte a vaidade. A mesma ingratitude, de quem recebe hum beneficio, he effeito da vaidade; porque sendo o beneficio huma especie de soccorro, sempre indica superioridade em quem o faz, e necessidade naquelle que o recebe; por isso a lembrança de hum beneficio, humilha, e mortifica a nossa vaidade, e se alguma vez nos



lembra , he porque a natureza se accusa de sentirse ingrata. Muitos por vaidade confessaõ beneficios , que nunca receberaõ ; he confissãõ , que os não afflige , porque assenta em huma divida supposta : outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros , e isto porque fazem vaidade de huma divida , que ja julgaõ satisfeita pela confissãõ.



Quando pretendemos hum favor , parece-nos que sempre havemos conservar a memoria delle ; mas he erro , porque apenas o alcançamos , quando logo se fórma em nós hum desejo imperceptivel de o esquecer : a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia ; por isso não ha ingratidaõ sem odio ; aborrecemos a quem remio a nossa vexação , so porque a ficou conhecendo. Não se paga hum  
be-



beneficio , senão com outro mayor , e quem o não póde pagar assim , fica devendo sempre ; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos , do que a conhecer huma obrigação de que nunca podemos estar livres.

A ingratidão não consiste só no esquecimento do favor , mas tambem em huma averção occulta , que temos a quem nos obrigou , por isso quando o vemos , e encontramos , sempre he com nosso pezar , e desagrado. Insensivelmente se fórma huma especie de divorcio entre quem recebe hum favor, e quem o faz; este por vaidade affecta o não lembrar-se do beneficio feito , aquelle tem pejo de haver-se esquecido d'elle ; hum e outro se retira : a ausencia , ou a ruina daquelle a quem somos obrigados , nunca nos he desagradavel ; porque então parece que respira a vaidade , como livre de hum peso insupportavel.

vel: naturalmente não podemos amar a quem devemos; a dívida leva consigo hum desejo da extinção do seu objecto.



Não succede assim nos beneficios, que os Soberanos fazem; quem os recebe, sempre os reconhece; porque a mesma vaidade, que nos faz ser ingratos para com os mais homens, he a que nos faz ser agradecidos para com os Principes; e com razão, porque nestes o favor sempre he puro, e generoso, em lugar que nos mais homens sempre he inficionado de algum genero de interesse: nos Principes os beneficios nascem de liberalidade, nos mais homens procedem de premeditação, e esta fundada communmente na satisfação do que ja devem, ou esperaõ dever; de forte que nos Principes os beneficios he grandeza, nos mais homens he com-  
mer-

mercio. O mayor favor he aquelle que se faz sem condição: quando os Soberanos favorecem, he sem a expectativa de retribuição alguma, porque esta não póde ter lugar de nós para elles; dão, e não esperão, por isso as mercês de hum Rey mostrão a sua inclinação, e não a sua intenção: as graças dos Reis, e as de Deos, só se pagaõ com amor. Como os Principes são os melhores avaliadores dos homens, por isso supponmos, que o favor, que fazem, sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver na lembrança dos Reis, ainda que seja por meyo da desgraça: o mesmo decreto, que impoem a pena, suaviza o effeito della, porque ha hum instante, em que a vaidade nos representa o Soberano occupado de nós: o castigo, que immediatamente vem do Throno, parece que de algum modo nos illustra.

Tu-



Tudo são producções da vaidade, esta até nos faz achar consolação nas mesmas razões do nosso dano; até nos faz descobrir utilidade na nossa mesma perda; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna na nossa mesma ruina. Huma circumstancia leve, e incerta, em que a vaidade se entretenha, basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal, e para desviar do nosso pensamento a mayor parte d'elle. A virtude maltratada encontra alivio na mesma persecução, porque a vaidade lhe suggere em si a imagem de hum martyrio: a innocencia opprimida sente menos a afflicção, porque se desvanece em considerarse victima, de que he propriedade o ser innocente; e com effeito a constancia no soffrimento he hum justo motivo de vaidade, porque ainda na fama de hum heróe não ha tanta grandeza, como



como no silencio de hum homem afflicto; por isso a paciencia nunca faz rogos inuteis: hum homem mudo na desgraça parece que força a providencia ao consolar. O merecimento desprezado entra na vangloria de crer, que todos reparaõ no descuido do premio: hum facinoroso arrasta com arrogancia os ferros, e vay com resolução para o supplicio, a vaidade que lhe anima os passos, consiste na mesma atrocidade do delicto: a mesma pobreza costuma fazer ostentaçãõ da miseria. A vaidade he de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profissões, e de todos os estados.



Muitas vezes obramos bem por vaidade, e tambem por vaidade obramos mal: o objecto da vaidade he que huma acção se faça attender, e admirar, seja pelo motivo, ou razão

zaõ que for. Naõ só o que he digno de louvor , he grande ; porque tambem ha cousas grandes pela sua execraçaõ ; he o que basta para a vaidade as seguir , e approvar. A mayor parte das empresas memoraveis , naõ tiveraõ a virtude por origem , o vicio sim ; e nem por isso deixaraõ de attrahir o espanto , e admiraçaõ dos homens. A fama naõ só se compoem do que he justo , e o rayo naõ só se faz attendivel pela luz , mas pelo estrago. A vaidade appetitece o estrodo , sem entrar na discuçaõ da qualidade do estrodo : faz nos obrar mal , se deste mal póde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatro , todos queremos representar nelle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circumstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras , huma dellas he , que a singularidade naõ só  
fe

se adquire pelo bem, mas tambem pelo mal, não só pelo caminho da virtude, mas tambem pelo da culpa; não só pela verdade, mas tambem pelo engano: quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade.



A crueldade nem sempre vem de hum animo barbaro, e feroz; muitas vezes he hum monstro, que nasce da vaidade, considere-se o punhal cravado em hum coração, que ainda palpita, e donde o sangue que sahe, e vay regando a terra, alli se congela em parte, aqui ainda corre fumando, e cheyo de espirito, e calor: finalmente considere-se hum cadaver agonizante, e convulsivo, e donde as feridas humas sobre as outras, apenas mostraõ lugar livre de golpe; tudo fórma hum espectáculo horroroso: o tyranno que he o mesmo

L

exe-



executor da crueldade , por mais que no semblante inculque hum aspecto duro , interiormente se estremece , e se não mostra que se afflige, he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder : que mais he necessario para que os homens, queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso , e proporção da tyrannia? Até nos desvanecemos da mesma barbaridade , chamamos á compaixão fraqueza , e á inhumanidade valor.

~ ~ ~  
Todos conhecemos os delirios , a que a vaidade nos incita , mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós tem duas vontades sempre oppostas entre si; ao mesmo tempo queremos , e não queremos ; ao mesmo tempo condenamos , e approvamos ; ao mesmo tem-



tempo buscamos , e fugimos ; amamos , e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer , e detestar o vicio ; mas tambem temos outra prompta para o abraçar ; huma vontade nos inclina , a outra arrasta-nos : a vontade dominante , he a que segue o partido da vaidade ; por mais que queiramos ser humildes , e que tenhamos vontade de desprezar o fausto , a vontade contraria sempre vence , e se acaço se conforma , a violencia com que o faz , he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia , não se lhe resiste com as forças do corpo , com as do espirito sim ; a carne não he fragil só por hum principio , mas por muitos , e a vaidade não he o menor delles.



O applauso he o idolo da vaidade , por isso as acções heroicas não se fazem em segredo , e por meyo del-

las procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito, que nós temos de nós mesmos. Raras vezes somos generosos, só pela generosidade; nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propoem, que o mundo todo se applica em registrar os nossos passos; para este mundo he que obramos; por isso ha muita differença de hum homem, a elle mesmo: posto no retiro he hum homem commum, e muitas vezes ainda commenos talento que o commum dos homens: porém posto em parte donde o vejaõ, todo he acção, movimento, esforço. Nunca mostramos o que somos, senaõ quando entendemos que ninguem nos vê, e isto porque naõ exercitamos as virtudes pela excellencia dellas, mas pela honra do exercicio, nem deixamos de ser máos por aversaõ ao mal, mas pelo que se segue de o ser. O vicio pratica-se oc-  
cul-

cultamente , porque cremos que a ignominia só consiste em se saber ; de forte que se somos bons , he por causa dos mais homens , e não por nossa causa : haja quem nos assegure , que não ha de saberse hum desacerto , e logo nos tem certo , e disposto para elle ; a difficuldade não está em persuadir a nossa vontade , mas o nosso receyo. Os aggravos occultos callão-se , não só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de aggravos ; mas tambem porque a queixa não publique o atrevimento da offensa ; a vaidade não sente as cousas pelo que são , mas pelo que se ha de dizer dellas : mil vinganças ha que se supprimem só pelo perigo de que se não perceba o desacato , pela vingança. Quem dissera , que sendo a vaidade , de si mesma huma cousa arrebatada , haja occasiões , em que nos pacifique , e ensine a ser prudentes: ha  
huma



humã espécie de arte em se disfarçar a injúria, de que não ha prova; a mesma vingança leva consigo humã sorte de injúria, porque a confissão: a satisfação publica suppoem publica a offensa, que muitas vezes não o he, ou ao menos não he tanto como a satisfação a faz. A paciencia he humã virtude com nota, mas raramente se arrepende quem a tem; em lugar que o arrojo costuma trazer depois hum sentimento largo; em hum instante nos precipita a vaidade naquillo que nos vem a servir de tormento toda a vida; mas que muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum instante. Quem disse que o amor he cego, errou; mais certo he ser cega a vaidade. O emprego do amor he a fermosura, e quem nunca a vio como a ha de amar? No amor ha humã escolha, ou eleição, e quem não vê, não distingue, nem ele-



elege ; o amor vem por natureza , a vaidade por contagio ; o amor busca hum felicidade fyfica , e por consequencia material , e visivel ; a vaidade busca hum bem de idéa , e fantasia , e por consequencia cego : a estimação dos homens he o objecto mayor da vaidade ; objecto vago , e que não tem figura propria em que possa ver-se. Ha porém na vaidade a differença , que tudo o que se faz por vaidade , queremos que se veja , que se diga , e que se saiba ; então he fortuna a publicidade , se he que nos não parece , que o mundo inteiro não basta para testemunha : daqui vem que hum furor heroico até chega a invocar o Ceo , e a terra , para estarem attentos a hum accção : como tudo se faz pelo estimulo da vaidade , por isso se julga perdida hum façanha , que não tem quem a divulgue ; como se hum acto generoso consistisse

se mais em se saber, do que em se obrar. A vaidade, que nos move, não he pela substancia da virtude, mas pela gloria della.



No desprezo da vida, he donde a vaidade se mostra altiva, e arrogante. Os clarins, que incitaõ ao combate, não são vozes, que a natureza intenda, a vaidade sim; aquella sempre vay com hum passo vacilante, e tremulo; esta conduz o peito ardente, e furioso: por mais que se encontrem precipicios, e que os olhos só vejaõ fogo, e sangue, nem por isso desmaya o coração que a vaidade anima. Aquelle a quem o escudo da fortuna cobre, e que marcha resolutto, ja cuida que está vendo os faustos do triumpho: aquelle que prostrado, ja fica agonizando, parece-lhe que expira, ou nos braços da vitoria, ou nos da fama. Que felicidade de morrer!

A

A vaidade tira da morte o semelhante pallido, e horroroso, e só a deixa ver ornada de palmas, e troféos.



O valor não he igual em toda a parte; porque a vaidade não he em toda a parte a mesma. Ha empresas de mais, e de menos vaidade, por isso as ha de menos, e mais valor. A vaidade augmenta, e diminue, á proporção do seu motivo; e da mesma forte o valor diminue, e augmenta á proporção da sua vaidade. A razão do esforço, regula-se pela razão da vaidade; daqui vem, que em hum conflicto grande, os animos se elevaõ, e arrebatãõ; porque algumas vezes he questãõ do destino de hum Imperio; em lugar que o ardor he lento, quando só se disputa hum posto ventajoso. A presença de hum Monarca não influe pouco na fortuna militar; entãõ quer o Soldado

M

distin-



distinguirse com mayor excesso , porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rey : aquella he a occasião, em que cada hum dos combatentes vaticina, que o seu nome ha de escreverse nos annaes da historia ; por isso corre a assinalarse em hum dia , que ha de servir de epoca aos seculos vindouros : nenhum entra na peleja indifferente , todos fazem a causa sua ; huns combatem pela gloria do successo , outros pela honra da assistencia ; e a todos parece que o Soberano os vê. O estrepito das armas antes que chegue ao coração , inflamma a vaidade , e esta , que communmente move , então accende.



Naõ he isto assim na solidaõ de hum ermo. O mesmo homem , que fez a admiração da guerra , posto em hum bosque he outro. O sussurro de  
huma



hum fonte , que se despenha , o sobrefalta ; o movimento de hum folha , que cahe , o atemorisa ; o ruido , que o vento faz , o altera ; tudo lhe parece hum embofcada ; na mesma sombra de hum carvalho , se lhe figura hum esquadrão armado : esta he a differença , que vay de hum homem com vaidade , ao mesmo homem quando está sem ella ; na campanha domina o espirito de vaidade , no bosque não ; por isso o valor sobra na campanha , e no bosque falta ; e com effeito naquella parte adquire-se a fama , e nesta só se salva a vida ; naquella consegue-se o applauso , nesta só se busca a liberdade do caminho ; naquella ha muitos que vejaõ , que digão , e que escrevaõ , nesta não ha mais do que troncos mudos ; naquella fazem Corte os Soberanos , nesta só se alvergaõ foragidos ; naquella todos se mostraõ , nesta todos se es-

condem ; aquella he hum theatro de acções illustres , esta he hum reducto de acções abominaveis : finalmente alli nasce a nobreza , aqui extingue-se ; alli perde-se a vida com honra , aqui conserva-se a mesma vida com ignominia. Que notaveis differenças ! Em hum lugar tantos motivos de vaidade , e nenhuns em outro : por isso o valor he proprio na campanha , e no ermo he natural a cobardia. O valor falta-lhe a alma , se lhe falta a vaidade , o braço logo fica sem vigor , e sem alento o peito : no perigo em que não ha vaidade , a natureza só se lembra do horror da sua ruina.



A fugida traz consigo o vituperio , por isso muitos não fogem , porque os vem ; e fugiriaõ , se os não vissem ; muitos se retiraõ em quanto os não conhecem , mas não depois de conhecidos ; como se a deshonra

não

naõ estivesse na retirada , mas na noticia della : ninguem se quer expôr , se a vaidade o naõ expoem ; e ainda que a vaidade naõ tira o medo , com tudo esconde-o ; e assim vimos a ser destemidos , naõ só porque a vaidade nos obriga , mas tambem porque nos engana : no meyo do precipicio ; naõ nos deixa ver toda a extensãõ del- le , e por mais que seja certo o nosso estrago , sempre a vaidade para ani- marnos , o mostra como duvidoso ; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade naõ nos deixa , senaõ depois que nos en- trega á morte , e só a morte que nos acaba , he o que acaba tambem a nossa vaidade.

~~~~~  
O facinoroso he timido , porque o crime que envilece , acobarda. A vaidade , que tambem interiormente accusa , assim como augmenta as for-  
ças



ças, donde vê alguma occasião de brio, também as debilita; donde encontra huma apparencia de desdouro: no crime o animo se abate, menos pelo medo do castigo, que pela qualidade delle; daqui vem que ha mais resolução no delicto, que não irroga infamia; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa; a mesma vaidade lhe ferve de tormento, e o obriga a confessar. As leys conheceraõ bem este principio, por isso imaginaraõ penas vis; pozeraõ distincção no modo de as executar; e sabiamente introduziraõ nobreza, até no modo de morrer.



Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda mayor; isto he huma pena permanente, successiva, indelebil; que comprehenda culpados, e innocentes; que induza infecção fatal,

tal, não só no sangue dos que estão, mas também no sangue dos que hão de vir; e que faça detestavel, não só o author do crime, e a sua descendencia, mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que não temem o castigo, pelo que este tem de insupportavel, mas pelo que tem de infame; e que o não receão pelo que toca a si, senão pelo que ha de tocar aos seus? A corrupção da natureza, chega nelles a desprezar a sua propria conservação, mas não a sua reputação; desattendem ao seu opprobrio pessoal, mas não á aquelle que ha de ficar, e continuar nos que hão de vir depois: este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina, que o perder a vida não he grande pena; porque esta verdadeiramente não affenta em se perder a vida, mas em a perder anticipadamente; e com effeito

feito não he grande o mal, que sempre he infallivel por outra parte, e que por ora só consiste na circumstancia do tempo; isto he, em ser com antecedencia, e ser ja, aquillo que certamente ha de vir a ser daqui a pouco: por isso o prezo, que se mata, he como hum prezo que foge; hum, e outro, illudio o castigo, porque este devia consistir na duração, e não na extincção. Daquella sorte ficou impunido o crime? Não, porque supposto se auzentasse o delinquente, cá deixou o nome, e a memoria; e nesta ainda tem lugar a pena; contra ella se fulmina a condemnação de hum labéo perpetuo: o que acabou com a fugida, ou com a morte, foy a pena temporal, e por consequencia pena curta, porque acabava com a vida; mas fica subsistindo a pena da ignominia, pena quasi sem fim, porque a tradição, e a historia a fazem re-



renascer a cada instante. A vaidade faz-nos adorar o respeito, e a estimação dos homens; por isso o desprezo afflige, ainda só considerado em hum cadáver, em huma posteridade, em hum nome; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor, não pelo que he, mas pelo que representa; o criminoso, que de longe a considera, se estremece; por via do pensamento se lhe communica de alguma sorte a dor, e assim nem por fugir ao castigo, fica livre delle. A vaidade entende que tudo quanto he nosso, he susceptivel de afflicção, e de prazer, de respeito, e de vituperio; e assim nos persuade, que para as razões da magoa, e do contentamento, a nossa semelhança tem ser, a nossa sombra vida, e a nossa estatua sentimento.



A falta de Religião, e de bons costumes, faz cahir o homem no es-  
N tado

tado total de perversidade , a falta de Religião consiste em se não temer a Deos , a falta de costumes resulta de se não temer os homens : e verdadeiramente quem não temer a Ley de Deos ; nem as leys dos homens , que principio lhe fica por onde haja de obrar bem ? A nossa natureza propende para o mal , por isso foy preciso prescreverlhe hum certo modo de viver ; vivemos por regras. No exercicio do mal achamos huma especie de doçura , e de naturalidade , as virtudes praticaõ-se por ensino , o vicio sabe-se , a virtude aprende-se. Miseravel condiçaõ do homem ! O que devia saber , ignora , e o que devia ignorar , sabe : para o que nos he util necessitamos de estudo , e para o que nos he pernicioso não ; para o bem necessitamos de lembrança , e para o mal de esquecimento. He necessario que nos esqueçamos do mal ,  
que

que já sabemos, e que nos lembremos do bem, que devemos saber; humma cousa custa-nos a lembrar, a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte, sem tempo, sem mestre, e sem trabalho; a virtude não vem communmente, senão como fructo da experiencia, da meditação, dos preceitos, e dos annos: para o vicio não necessitamos de conhecer, nem saber nada; para a virtude he nos preciso conhecer, e saber tudo. Difficultosa empreza! Exercitamos o vicio, ficando da mesma sorte que somos; em lugar que as virtudes, não as praticamos, sem que nos mudemos; toda a vida levamos nesta emenda: feliz o que a consegue! Hum homem ás avessas seria hum homem perfeito. Para obrarmos bem, não temos mais do que consultar a natureza, e fazer o contrario; se este documento fosse universal, e não tivesse alguma, ou



muitas limitações, estava achado o meyo de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante ; entaõ cada hum de nós tinha em si o caso , e a ley ; só com a differença , de que por obrigação da mesma ley , se havia de seguir a disposiçaõ, que lhe fosse mais contraria ; a sua observancia devia consistir na inobservancia , e a obediencia na desobediencia : e com effeito ha muitas cousas , que as não vê quem está no mesmo lugar , mas sim quem está em lugar opposto ; outras conhecem-se melhor por aquillo que lhe he desconfórme ; e outras , para serem vistas como são , não se haõ de ver directamente. Ha muitas partes donde se não póde chegar , se logo no principio se não toma huma derrota falsa ; e ainda nas verdades ha algumas , que se não pódem alcançar , senão pelo caminho do erro ; para acertar tambem he necessario ver primeiro

meiro o defacerto; a qualidade da luz distingui-se melhor pelos effeitos da sombra: quem olha para os montes do Occidente, vê primeiro nascer o Sol, do que quem inclina a vista no Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós, isto he das nossas paixões, e entre ellas das nossas vaidades, destas porém não devemos fugir sempre, porque a vaidade ás vezes he hum vicio, que serve de moderar, ou impedir os outros; e com effeito quem não tem vaidade alguma despreza a reputação, e por consequencia a honra: esta constitue huma religião humana, que se não póde desprezar sem crime; por isso o homem de iniquidade he a quem desempareou não só a virtude da razão, mas tambem o vicio da vaidade. Daqui vem que he util o ter alguma tinctura de vaidade, a substancia não; não ha de ser o corpo, mas a superficie.

Nos

Nos contratos tem pouca parte a boa fé; as obrigações não bastão, e as clausulas, por mais que sejam fortes, todas se controvertem, e pervertem: as condições, por mais que sejam claras, escurecem-se; nunca faltaõ pretextos para duvidar, nem meynos para se fazer questãõ daquillo, em que a não póde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida, da duvida nasce o argumento, do argumento a desuniao, e desta a dissolucao do contrato; ou a acção para o desfazer. No principio das nossas convenções ninguem adverte por onde possa nellas entrar a controversia, depois de celebradas em cada ponto se achão mil motivos de disputa; huma virgula de menos, ou de mais, he bastante fundamento para huma larga discussão. Quando se não póde negar o ajuste nega-se-lhe o sentido; e este quando se não póde mudar, interpreta-se, e vem



vem a fer o mesmo : o que não tem interesse em cumprir o ajuste he, o que descobre nelle as implicancias, e defeitos, que os outros lhe não vem: não ha cousa mais subtil do que a malicia ; a sinceridade he simples, grosseira, e innocente: o engano todo se compoem de arte; por isso a perspicacia nos homens he qualidade suspeitosa, e que tem menos valor, que o que communmente se lhe dá; porque senão he final de hum animo dobrado, e infiel, ao menos he prova de que o póde ser. Quem sabe o como o mal se faz, está muy perto de o fazer; e quem sabe o como o engano se pratica, tambem não está longe de enganar. A sciencia do engano he ja hum principio del- le; que lhe falta a occasião, e a vontade? A occasião póde offerecerse, e a vontade poucas vezes resiste á occasião. Por isso nos contratos he mais peri-

perigosa a fé nos que sabem mais ; o arrependimento he certo , quando em hum ajuste , ou não ha conveniencia , ou esta ja passou : queremos affastar-nos do contrato ; o ponto he saber o como ; e assim para a infidelidade só nos falta o modo , a resolução não. O nosso cuidado todo está em descobrir o expediente , e isto em ordem a mostrar, que se mudamos, he por vicio do contrato, e não por nosso vicio. A repugnancia voluntaria, queremos fazer passar por necessaria : o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço , com tanto que a violação se attribua a outrem ; e o ser a culpa nossa não importa , com tanto que pareça alheya ; aquillo em que hontem não havia nada de impossivel , porque era questão de receber , hoje he todo impraticavel , porque he questão de dar ; hontem parece que os montes se reduziaõ a planicies , hoje as plani-

cies

cies se reduzem a montes. Qualquer coisa he hum obstaculo intratavel : assim devia ser, porque o prometter he facil, o cumprir difficuloso ; para prometter basta a intençaõ. Quem promette, exercita hum acto de liberdade, por isso póde haver gosto na promessa ; quem cumpre, ja he por força da obrigaçaõ, por isso em cumprir ha huma especie de violencia : a ninguém se obriga a que prometta, a que cumpra sim ; no prometter fazemos nós, no cumprir fazem-nos fazer ; em huma coisa nós somos o que obramos, na outra não ; para aquella vamos, para esta levaõ-nos ; no tempo de prometter o que vemos, são agradõs, no tempo de cumprir o que achamos, são durezas ; huma coisa nos inclina, a outra offende-nos ; quando promettemos, ficamos bem com nosco, porque nunca faltaõ agradecimentos, e lisonjas, e por

O con-



consequencia vaidades ; quando havemos de cumprir , ficamos mal com-nosco , porque communmente nos arrependemos. Que cousa he o arrependimento , senão huma ira contra si proprio ? Estes são os motivos de que nasce a deslealdade nos contratos ; e que poucos se haviaõ de observar , se a vaidade que em tudo nos governa , não nos obrigasse a guardar a fé nas nossas convenções ! Estas , quando se cumprem , não he por vontade , mas por vaidade ; como o nosso empenho he conservar a estimação , e opiniaõ dos homens , por isso tememos que alguém diga , que mudamos , que faltamos ao ajuste , e á palavra , ou que enganamos : todas estas expressões infamaõ , porque contém hum caracter de reprovação universal , trazem o desprezo em consequencia , e se se justificaõ , fazem perder o nome , e o respeito , á maneira de huma prof-cripção ,

cripção, ou anathema civil; por isso a vaidade se estremece, e nos obriga a ser leaes, por força da nossa mesma vaidade. He justiça rigorosa: de sorte que a vaidade sendo huma parte de nós mesmos, contra nós mesmos se revolta, e se dirige: e assim são poucas as cousas, que fazemos só pela obrigação, que temos de as fazer; he necessario que outro mayor motivo nos incite; o que não fazemos pela verdade, fazemos pela vaidade, e desta sorte tudo quanto obramos, he por hum principio vicioso: o bem muitas vezes desce de huma origem má; a razão no homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro; o licor sempre se contamina com a infecção do vaso; este em nós he a vaidade.

São raras as acções, que sejam illustres por si mesmas; apenas haverá algumas, que não deixem conhe-

cer que vem do homem. As mais das  
coisas admiraõ-se, porque se não co-  
nhecem; e juntamente porque nel-  
las ha hum rico véo, que as cobre: ve-  
mos hum exterior brilhante, que mui-  
tas vezes serve de esconder hum  
abyfmo horrendo; a mesma luz ar-  
ma-se de rayos, para que não possa  
examinar-se de donde lhe vem os ref-  
plandores: a fermosura em tudo nos  
attrahe; a nossa admiração não póde  
passar além; donde a encontra, ahi  
fica fufpenfa, e cega. Isto succede  
nas acções dos homens; as mais fu-  
blimes, parece que nos cegaõ, e fuf-  
pendem; e talvez seriaõ detestaveis,  
se lhes não ignorassemos as causas.  
Tudo o que tem ar de grande, pren-  
de a nossa imaginação de forte, que  
não fica livre para discorrer na cou-  
fa, fenaõ no estado de grandeza em  
que a vê, e não para indagar de don-  
de veyo, nem como veyo. As aguas  
que



que faltaõ de hum rochedo ; e que correm velozmente para o mar ; antes que lá cheguem , vaõ passando por lugares differentes ; em huns alargão-se , em outros cabem mal ; em huns achaõ fundo , e caminhaõ docemente , em outros ló vaõ lavando a branca areia ; em huns murmuraõ , em outros precipitaõ-se ; em huns naõ encontraõ embaraço , correm facilmente , e com focego , em outros detem-se , porque passaõ por penedos desiguaes ; em huns parece que fogem , em outros tambem parece que descansão ; em huns vaõ sem rodeyo , em outros retrocedem , e se quebraõ em mil gyros ; aqui vaõ regando a flor do campo , alli vaõ banhando o junco humilde ; aqui correm transparentes , e alli vaõ turvas , e limosas. Estas são todas as mudanças por onde passaõ as aguas de hum fonte , desde que deixaõ o rochedo

do donde nascem, até que entraõ  
no mar a donde morrem: confundi-  
das hoje as suas aguas, ja não são  
aguas de huma fonte; ja não são  
aquellas, que vieraõ de hum rochedo  
sombrio, e cavernoso, mudado o  
nome, e o theatro, agora estaõ for-  
mando a immensidade do Oceano:  
ja não servem de animar o prado,  
nem de triste companhia a hum  
amante solitario; ja não servem de  
espelho ás verdes ramas, nem o seu  
sussurro serve ja de liquido instru-  
mento ao canto singular das aves;  
finalmente ja não são crystaes as suas  
aguas, são ondas. Desta mesma  
sorte são os homens: assim sahem,  
assim buscaõ, e assim chegaõ ao es-  
tado da grandeza; a vaidade, que os  
leva, e acompanha, logo lhes tira da  
memoria o lugar de que vieraõ, e os  
que andaraõ, e só lhes mostra aquel-  
le a donde estaõ: ha muitas cousas  
que

*Sobre a vaidade dos homens.* IIII

que não queremos , ou não podemos ver nem na sua origem , nem no seu progresso ; a excellencia do fim nos occupa inteiramente , e impede , que vejamos a fatalidade , ou indignidade dos seus meynos ; até o nosso pensamento parece que se deixa penetrar de attenção , e de respeito , a fortuna não escolhe os homens , favorece ao primeiro que encontra , porque todos para a fortuna são iguaes , e valem o mesmo ; por isso o imperio do destino he absoluto , sem regras , nem preceitos ; a vaidade nos insinua , que todos os meynos ; e caminhos são bons , quando se alcança : a gloria do successo regula-se pela qualidade da victoria , e não pela qualidade do vencedor ; importa menos saber , quem he o que venceo , ou como venceo , do que saber sómente quem venceo : os homens só na razão de homens tem igual direito huns para subirem , e outros



tros para descerem; o merecimento só se peza naquelles que cahem, e não nos que sobem. Os camihos examinaõ-se aquelles por onde se não chegou, e os meynos são desapprovados, quando por elles se não conseguiu; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados; a desgraça não he assim; porque os deixa duvidosos, e sujeitos ao exame: as acções, que conduzirão a algum fim grande, ainda que injusto, são menos aborrecidas; e isto á imitação da luz, que introduz a claridade na mesma escuridão das trévas. Na parte em que domina algum usurpador, para elle he que se olha, e não para a usurpação; vê-se a altura do trono, e não se vem os degrãos por onde se subio á elle; os meynos por mais que sejam horrorosos, não se consideraõ, porque são como degrãos, que se pisão; o ponto he que o fim seja feliz.

liz. Se a vaidade fosse huma virtude, só nos havia de inspirar meyos virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno , não faz horror a quem necessita da traição , da tyrannia, e da crueldade. O estado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a fortuna parece que se irrita de que a não busquem por todos , e quaesquer modos : não ha cousa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.



A ambição dos homens por huma parte , e pela outra a vaidade , tem feito da terra hum espectáculo de sangue : a mesma terra , que foy feita para todos , quizerão alguns fazella unicamente sua : digaõ os Alexandres , os Cesares , e outros mais conquistadores ; heroes não por principio de virtude , ou de justiça , mas por hum

excesso de fortuna , de ambição , e de vaidade. Esses mesmos , que tomados por si só cabião em hum breve espaço , medidos pelas suas vaidades , apenas cabião em todo o mundo : que mais podia excogitar a vaidade , do que fazer que alguns se lamentassem de ser o mundo estreito , e limitado ! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do seu poder ; que tudo estava já sujeito , e que ainda assim era curto imperio todo o circuito da terra , e toda a vastidão do mar. Aquella vaidosa infelicidade de que se lamentavaõ , consistia em não haver mais mundos que pudessem invadir , devastar , vencer ; era desgraça nelles o não poderem fazer mais desgraçados. Huma conquista injusta sempre começa pela oppressão dos homens conquistados , e pelo destroço de humma terra alheya , por isso as façanhas que só tem por principio a vaidade do



do valor , reputaõ-se grandes á proporção da impiedade, com que o mesmo valor as executa; fazem-se famosas pela mesma impiedade: daqui vem que nos annaes da Historia , a parte que se admira mais , e que mais se imprime na lembrança , he aquella em que a narração se compoem de successos mais crueis; e em que os campos , que forão de batalha , cubertos ainda hoje de esqueletos informes , e partidos , conservaõ certo horror ; esses campos fataes, em que se observaõ espectros , de baixo da visã de humas luzes volateis , e em que se ouvem ainda hoje , entre o rouco som de caixas , e trombetas , vozes mal articuladas , alaridos confusos , e lamentos tristes ; esses campos , que depois de muitos seculos , ainda trazem á memoria representações funestas , e em que as plantas , parece nascem com medo , e que o humor , que rece-

bem da terra , he sensitivo ; esses campos finalmente forão os mesmos , em que a vaidade vencedora , arrancou os louros para coroar as suas empresas. Que monstro inspiraria a regra de medir-se a gloria dos combates , menos pela consequencia delles , que pelo estrago ; menos pela utilidade , que pela ruina ; menos pela fortuna de huns , que pela desgraça de outros ? Quanto mayores são os ays , os gemidos , e os clamores , tanto mayor he a acção , e a vaidade de quem os move. Que imaginação barbara , e feroz , seria a que ideou no vencimento o ser superior aquelle , de que resulta huma desolação universal ? O ser causa de que o mundo tome outra figura , outra ordem , outro movimento ; o ver perturbadas as gentes , cheyas de afflicção ; e espanto ; o achar todos os caminhos humedecidos com lagrimas , rubricados

cados com sangue, e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonisantes; o ouvir no ar em eccos entrecadentes huma multidão de soluços, e suspiros; o abater imperios, e fazer delles desertos solitarios; tudo fórma hum objecto agradavel, pomposo, e illustre, em que a vaidade se inflamma, se estende, e ensoberbece. A vaidade de hum enthusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força, que a Providencia repartio por muitos; e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana.



Nascem os homens iguaes; hum mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organisados pela mesma fórma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões, e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol;



Sol ; a Aurora a todos desperta para o trabalho ; o silencio da noite , annuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre , e se distribue em annos , mezes , e horas , para todos se compoem do mesmo numero de instantes. Essa transparente região a todos abraça ; todos achão nos elementos hum patrimonio commum , livre , e indefectivel ; todos respiraõ o ar ; a todos sustenta a terra ; as qualidades da agua , e do fogo , a todos se communicaõ. O mundo não foy feito mais em beneficio de huns , que de outros , para todos he o mesmo ; e para o uso delles todos tem igual direito ; ou seja pela ordem da natureza , ou seja pela ordem da sua mesma instituiçaõ ; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enlevo de vaidades , e hum gyro successivo

sivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a averção, e o amor? Ainda ninguém nasceo com a propriedade de insensível; a vida não pôde subsistir; sem estar subordinada ás impressões do gosto, e do sentimento. Todos nascemos para chorar, e para rir; a circumstancia de chorar mais, ou menos, resulta de cada hum de nós. A violencia, e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer; e quem appetece, ja se expõem aos delirios do riso, e ás amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer ainda só por si, he huma especie de sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegaõ primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, ja nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheyos de alegria: somos tão sensíveis, que os successos para nos moverem,

verem, não he necessario que esteja em nós; basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidade tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera, ou se receya, não póde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão mayor; em lugar, que o mal que ja se sente, póde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizaõ para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia dellas se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, ja são nossas; e quando a causa se apresenta, ja temos sentido os seus effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que ha falta naquillo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegaõ, ja  
nos



nos achão faciados ; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa , e mais duravel , mais forte , e mais continua ; daqui procede o ser tão delectavel a esperanza , porque he huma especie de possessão daquillo que se espera. Quem imagina o que deseja , tudo pinta com cores lisonjeiras , e mais vivas ; por isso a verdade he grosseira , e mal polida , tudo o que descobre , he sem adorno ; antes faz desvanecer aquella apparencia feliz , com que os objectos primeiro se deixão ver na idéa , do que se mostrem na realidade. Todas estas propensões , e inclinações se encontraõ em cada hum de nós ; e assim devia ser , porque as variações do tempo , da idade , da fortuna , e dos successos , a todos comprehende , e a todos iguala ; só a vaidade a todos distingue , e em todos poem hum final de differença , e hum cara-

Q

cter

ter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer; por isso nos inspira, que ha desigualdade no que he igual; que ha differença no que he o mesmo; e que ha diversidade donde a não póde haver: mas que importa que a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos são huns, e que os não ha de differente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a insignia, o que fica, he hum homem simples; despida a toga Consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitão a lança, o casco de ferro, e o peito de aço, não havemos de achar mais do que hum homem inutil, e sem defeza, e por isso timido,  
e co-

e cobarde. Os homens mudaõ-se todas as vezes que se vestem; como se o habito infundisse huma nova natureza: verdadeiramente não he o homem o que muda, muda-se o effeito que faz em nós a indicaçã do habito. De baixo de hum apresto militar, concebemos hum guerreiro valeroso; de baixo de huma vestidura negra, e talar, o que se nos figura, he hum Jurisconsulto rigido, e inflexivel; de baixo de hum semblante descarnado, e macilento, o que descobrimos, he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se; finalmente não vem ser homem, vem ser hum homem graduado, illustrado, inspirado; de forte que os attributos, com que a vaidade veste ao homem, são substituidos no lugar do mesmo homem; e este fica sendo como hum accidente su-



perficial, e estranho: a máscara, que encobre, fica identificada, e substancial á cousa encuberta; o véo que esconde, fica unido intimamente á cousa escondida; e assim não olhamos para o homem; olhamos para aquillo que o cobre, e que o cinge; a guarnição he a que faz o homem, e a este homem de fóra he a quem se dirigem os respeitos; e attensões; ao de dentro não; este despreza-se como huma cousa commua, vulgar, e unifórme em todos. A vaidade, e a fortuna são as que governaõ a farça desta vida; cada hum se poem no theatro com a pompa, com que a fortuna, e a vaidade opoem; ninguém escolhe o papel; cada hum recebe o que lhe daõ. Aquelle que sahe sem fausto, nem cortejo, e que logo no rosto indica, que he sujeito á dor, á afflicção, e á miseria, esse he o que representa o papel de homem. A morte

morte que está de sentinella, em hum  
ma mão tem o relógio do tempo, na  
outra tem a foice fatal, e com esta  
de hum golpe certo, e inevitavel, dá  
fim á tragedia, corre a cortina, e  
desapparece: a fortuna; e a vai-  
dade, que vem desbaratada a sce-  
na, cahidas por terra as apparencias,  
prostrados os actores, emmudecido  
o coro, trocados os clarins em flau-  
tas tristes, os hymnos em trenos, os  
canticos em elegias, e em epitafios  
os emblemas; as rosas encarnadas  
convertidas em lirios roxos, os gyra-  
foes em desmayadas affucenas; entre-  
laçados os louros no cypreste, os  
cajados confundidos com os cetros,  
e com burel a purpura; a vaidade  
pois, e a fortuna, que em menos de  
hum instante virão desvanecidos os  
triunfos da vida pelos triunfos da  
morte, precipitadamente fôgem, e  
deixaõ hum lugar cheyo de horror,  
e som-

e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabaõ as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.



A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gozar das cousas na sua simplicidade natural. Os elementos não são em si como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada instante mudaõ, o fogo toma a qualidade da materia que o produz, e tudo em fim se altera, e se empeora para ser proporcionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio; no vicio tambem se podem encontrar alguns rayos de virtude; incapazes de hum ser constante, e solido, apenas se póde dar em nós virtude sem mancha, ou perfeito vicio: a justiça tambem se compoem de iniquidade semelhante á harmonia, que



que não póde subsistir sem dissonancia, antes com correspondencia certa, a dissonancia he huma parte da harmonia. Vemos as cousas pelo modo com que as podemos ver, isto he, confusamente, e por isso quasi sempre as vemos como ellas não são. As paixões formão dentro de nós hum intrincado laberyntho, e neste se perde o verdadeiro ser das cousas, porque cada huma dellas se apropria á natureza das paixões por onde passa. Tomamos por substancia, e entidade, o que não he mais do que hum costume de ver, de ouvir, e de entender; a vaidade, que de todas as paixões he a mais forte, a todas arrasta, e dá ao nosso conceito a fórma, que lhe parece: o entendimento he como huma estampa, que se deixa figurar, e que facilmente recebe a figura, que se lhe imprime. A vaidade propoem, e decide logo, de forte que quando as

cou-

cousas chegam ao entendimento já este está vencido; o que faz he ap-  
provar a preocupação anterior, que  
a vaidade lhe introduz, e assim quan-  
do a vaidade busca o entendimento  
he só por formalidade, e só para a  
defender, e authorisar, e não para  
aconselhar. O discorrer com liber-  
dade, suppoem huma exclusão de  
todas as paixões; que os homens se  
possão isentar de algumas, póde ser,  
mas que de todas fique isento ao mes-  
mo tempo, he muy difficil. Tudo  
quanto vemos, he como por huma  
interposta nuvem; o que imagina-  
mos, tambem he como por entre o  
embaraço de mil principios differen-  
tes, incertos, e duvidosos; e quan-  
do nos parece que a nossa vista rom-  
pêo a nuvem, e que o nosso discurso  
desfez o embaraço, então he que es-  
tamos cegos, e então he que erra-  
mos mais. A vaidade nos tem em  
hum

hum continuo movimento , e como he paixão dominante em nós, a todas as mais sujeita , e prevalece a todas : semelhante ao impulso das ondas , a que não resiste o fragil de huma náó , quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que busca o perigo , porque não se oppoem á corrente das aguas , antes as segue , e só assim escapa o naufragio. Quantas vezes o buscar o precipicio he o unico meyo de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou o mar tempetuoso que nos move ; o deixar de a seguir , nem sempre póde ser , nem he acertado sempre ; porque a vaidade he hum mal commum , e entre os homens he culpa o não participar de hum contagio universal ; he crime o conservar-se puro no meyo da impureza : essas mesmas aguas nos ensinão ; todas se movem ; o furor , com

R

que



que se quebraõ, as conserva; o seu repouso seria o mesmo que a sua corrupçãõ.



Em nada podemos estar firmes, pois vivemos no meyo de mil revoluções diversas: as idades, e a fortuna continuamente combatem a nossa constancia; tudo consiste em representação que começa, não para existir, mas para acabar; menos para ser, que para ter sido. Vimos ao mundo a mostrarnos, e a fazer parte da diversidade delle; as cousas parece que nos vão fugindo, até que nós vimos a desapparecer tambem. Somos formados de inclinações oppostas entre si, e temos em nós huma propensãõ occulta, que sobre a apparencia de buscar os objectos, só procura nelles a mudança. A inconstancia nos serve de alivio, e desopprime, porque a firmeza he como hum  
pezo,

pezo, que não podemos supportar sempre, por mais que seja leve: e com effeito como pódem as nossas idéas serem fixas, e sempre as mesmas; se nós sempre vamos sendo outros? Tudo nos he dado por hum certo tempo; em breves dias, e em breves horas se desfvanece a razão da novidade, que nos fazia appetecer; fica invisivel aquelle agrado, que nos tinha induzido para desejar. Quantas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia; não por vicio do desejo, mas porque não temos forças para supportar o bem, nem para conservar o mal? Tudo nos cansa: não só nos he preciso constancia para soffrer; tambem necessitamos paciencia para gozar; a mesma delicia nos importuna. Perdemos as cousas, primeiro pela nossa indifferença, que pelo fim dellas; primeiro

porque se acaba em nós o gosto, do que nellas a duração; unicamente sensíveis quando começamos a ver, ou a alcançar; então gozamos, depois só possuímos. Os objectos depois de vistos muitas vezes, ficam como diferentes da primeira vez que os vimos; perdem todo o nosso reparo, e attenção: os olhos facilmente se esquecem do que sempre vem; não porque o costume nos tire a admiração, mas porque a fraqueza dos nossos sentidos a não póde conservar. Oh quam diversos são em si os principios de que se compoem o homem; primeiramente terra, e ultimamente racional! Começa a melhorar-se desde a sua primeira origem, até que vem a tornar á aquilão de que procede. Infeliz metamorphosis! Tudo o que nasce he para não ser firme, nem constante: a terra apenas alenta as suas producções,



quando logo as deixa, e desanima; o mesmo firmamento, com gyro rapido, esconde pela tarde os Astros que amanhecerao com a Aurora. Só a vaidade he constante em nós; em tudo o mais a firmeza nos molesta: com o tempo, e a prazaõ vimos a perder huma grande parte da sensibilidade no exercicio das paixões; porém o exercicio da vaidade não se perde com a prazaõ, nem com o tempo. O nosso gosto debilita-se, altera-se, muda-se, e tambem se acaba; a vaidade sempre persiste, e dura: isto deve ser, porque os nossos sentidos usaõ-se; a vaidade não: naquelles o costume os enfraquece; nesta o costume a augmenta, e aviva. A jurisdicçaõ dos sentidos he muito limitada; porque os olhos só vem, os ouvidos só ouvem, e o tacto só sente; e para haver ainda menos firmeza nos sentidos, este quasi sempre

pre estão enfermos; e não póde haver constancia, donde póde haver enfermidade, de sorte que a inconstancia não he mais do que enfermidade dos sentidos. As nossas acções dependem mais da constituição do nosso corpo, que da estabilidade da nossa vontade; o estado do nosso animo depende da nossa disposição; por isso a inconstancia he natural, porque logo que nascemos, entramos em hum estado continuo de mudar. O tempo não conta a nossa idade pelos annos, mas sim pelos instantes, e cada instante de mais tambem he de mais em nós huma mudança. Caminhamos com pressa; e com gosto para o fim; semelhantes aos rios, que apressadamente correm para o mar, donde perdem a doçura, e acabaõ. Não ha imagem mais propria da vaidade humana, do que esses mesmos rios;

213  
nem

nem todos tem o nascimento em hum profundo lago; nem todos trazem do monte Olympo a origem; nem todos correm por entre flores, por entre platanos, e cedros; nem todos trazem ouro nas arêas, porque nem todos vem de donde vem o Tejo; huns assim que nascem, logo formão hum diluvio de agua, innundão a campanha, e com violencia, e pezo, tudo abatem, forçaõ, le-  
vãõ; o leito que os sustenta, em partes se abre, se rompe, e se desfaz. Outros rios mais pequenos no principio, depois se fazem caudalosos, no caminho engrossão com empref-  
tadas aguas, que recebem: huns correm por cima de esmeraldas, outros não tem no fundo mais do que humildes conchas, pardos feixos, verdes limos; huns nascem entre crystaes claros; outros entre rocha escura; huns passaõ escumando, e com  
estron-



estrondo, outros só murmuraõ; huns  
achaõ campo largo, em que as aguas  
se dilataõ, e em que o Sol se vê, ou-  
tros correm prezos, e opprimidos  
por entre serras agrestes, e fombrias;  
huns tem alto o nascimento, porque  
este he no cumê de altos montes,  
por isso ainda quando descem passaõ  
com estrepito, e furor; outros tem  
o mesmo nascimento baixo, porque  
este he na parte mais remota de hum  
valle inferior, por isso correm man-  
famente, e sem ruido, só se deixaõ  
ver, e não se ouvem; finalmente  
huns são frios com excessõ, outros  
tem calor; huns servem de remedio,  
outros de mal; de huns sabe-se o  
principio, de outros não; huns tem  
nome famoso nos annaes da historia,  
outros apenas se conhecem. Todas  
estas differenças, encontraõ-se nos  
rios; huns pequenos, outros gran-  
des; huns elevados, outros abati-  
dos.

dos. Parece que tambem nas aguas ha fortuna , e vaidade. Mas que importa , a differença dos lugares , não faz que as aguas sejam diferentes : que humas nasçam nos montes , e outras nos valles ; que humas venhão das nuvens , e outras da terra ; que humas corraõ claras , e outras turvas , nada disso faz nas aguas diversidade alguma ; todas são as mesmas na razão de aguas ; o que succede he passarem por lugares diferentes ; a natureza , o principio , e o fim he o mesmo ; todas vem do mar , e tornão para o mar ; o serem as aguas muitas , de sorte que cheguem a formar hum rio , ou serem poucas , de sorte que só formem hum fonte , não introduz nellas differença. Quem ha de dizer , que muitos homens juntos na razão de homens , sejam diferentes daquelles que estão sós ? O mar he o centro de donde

as aguas sahem , e para donde tornão ; os meatos da terra em humas partes são estreitos , e em outras largos ; daqui vem que quando as aguas chegaõ á superficie do globo , succede sahirem com mais , ou menos abundancia , e assim não differem os rios das fontes , senão no diametro do canal , e em este se terminar em algum monte , ou algum valle ; e nesta fórma , de que se desvanecem esses rios ! Será de passarem por caminhos mais , ou menos largos ? De se juntarem huns com outros , e fazerem mais volume ? De encontrarem diamantes ? Ou de acharem hum campo mais , ou menos dilatado ? Nada disso he seu. Que lustre póde resultar do encontro de huma couza aleya , distincta , separada , e estranha ? As aguas passaõ como são , e por passarem por rubins , não se convertem nelles ; nem se dignificaõ pela



la qualidade do caminho: o correrem mais juntas, não lhes muda a natureza; a substancia de huma pinga de agua, he a mesma que a de hum rio inteiro; o tamanho he circumstancia exterior, e independente. Na creação do mundo não houve nas aguas differença, só houve divisaõ; a diversidade só foy no nome, e no lugar, mas não na materia original: o Espirito vivificante, e eterno, em todas infundio hum movimento proprio, circular, fecundo, e sujeito ás leys do pezo, e do equilibrio. Ha pois nas aguas o mesmo nascimento em todas, a mesma propriedade, e o mesmo fim. Assim são os homens; no seu genero, tem com as aguas hum parallelo, ou figura igual. Nem todos nascem na abundancia; nem a todos a fortuna lisonjea; huns parece que nascem para o descanso, outros para o tra-

S ii

balho,

balho ; huns para a grandeza , outros para a humildade ; huns para a opulencia , outros para a miseria ; huns para o respeito , outros para o desprezo ; huns para a memoria , outros para o esquecimento , huns para a bonança , outros para a tormenta ; huns para venturas , outros para desgraças ; huns para as atenções , outros para os descuidos ; a huns vemos subir , a outros descer. Mas que importa que no exterior do homem haja tanta differença , se no seu interior não ha nenhuma ? Que importa que sejaõ diversos os lugares , se nos sujeitos não ha diversidade ? Quem ha de haver que diga , que o homem que está posto no elevado de huma torre , seja mais homem , que aquelle que está posto em campo razo ? O homem muda de lugar , mas não muda o ser de homem ; em toda a parte he o mesmo , e em nenhuma he mais,  
nem

nem menos ; póde parecer mayor ,  
mas ser , não . O Sol no meyo dia  
brilha mais , não porque deixe de ser  
o mesmo , nem porque então tenha  
mais luz , mas porque esta faz mais  
effeito em hum lugar , que em outro ;  
no Occaso , e no Oriente he o mes-  
mo Sol , e a mesma luz , mas não  
parece o mesmo . Assim são os ho-  
mens ; em qualquer parte que os po-  
nhaõ , todos são iguaes , e unifor-  
mes ; a differença , que ha entre elles ,  
não tem outro fundamento , que o que  
vem da preocupação , e do concei-  
to ; são duas cousas , e ambas vaãs ,  
porque nenhuma tem realidade . A  
fortuna póde armar o homem com  
jeroglificos , e adornos figurados ,  
mas não o póde armar senão por fó-  
ra ; quem levantar as roupas , ha de  
ver o engano , e a supposiçaõ , e não  
ha de achar mais do que hum homem  
como os outros , cujo ornato he de  
pura



pura fantasia, arbitraria, artificial, e separavel; a fortuna póde vestir, não póde formar; sabe fingir, mas não sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compoem de hum ceremonial imaginario, medavel, de instituição nacional, e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade, e da lisonja, primeiro que exhale o seu perfume, arde, e no ar se extingue, e se consome. Tudo o que nos recreya, e nos attrahe, he exalação, e fumo; por isso o emprego da vaidade todo consiste em dar substancia ás vozes, entidade ao modo, e corpo ao vento.



A vaidade satisfeita, ou offendida, he a que nos faz buscar a solidão, e o retiro; como temerosos de perder a tristeza, em que achamos hum agrado de genero diverso. Ha muitos males, em que a vaidade parece

ce se deleita; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes nos sobra; não só o excesso, mas ainda a mediocridade della; porque nunca a gozamos sem alguma perturbação: hum receyo insensivel de a perdermos, basta para opprimirnos, e por mais que o contentamento nos extasie, nunca nos deixa em estado de não sentir. A vaidade satisfeita não nos entrega á alegria, sem primeiro a temperar, com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos á tristeza. A uniaõ do gosto com o pezar não he incompativel, por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade, e a humildade muitas vezes se encontraõ, se unem, e se conservaõ.



A mais pura alegria he aquella que gozamos no tempo da innocencia;

cia ; estado venturoso , em que nada distinguimos por discurso , mas por instincto ; e em que nada considera a razão , mas sim a natureza. Então circula veloz o nosso sangue , e os humores que em hum mundo novo , e resumido , apenas tem tomado os seus primeiros movimentos , os humores são os que produzem as nossas alegrias ; e com effeito não ha alegria sem grande movimento ; por isso vemos , que a tristeza nos abate , e a alegria nos move : o socego ainda que indica contentamento , com tudo mais he representação da morte que da vida ; e a tranquillidade póde dar descanso , porém alegria não a dá sempre. Mas como póde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos , se ainda então a vaidade não domina em nós ? Então só sentimos o bem , e o mal , que resulta da dor , ou do prazer ; depois tambem senti-

mos



mos o mal , e o bem da opinião ; isto he da vaidade : por isso muitas cousas nos alegraõ , que tomadas em si mesmas , não tem mais bem , que aquelle com que a vaidade as considera ; e outras tambem nos entristecem , que tomadas só por si , não tem outro mal , que aquelle que a mesma vaidade lhes suppoem. A vaidade naturaliza em nós as opiniões do mundo ; e de tal forte , que o conceito , que formamos das cousas , por mais que nos seja indifferente ; ou incerto , sempre faz em nós huma verdadeira impressão de alegria , ou de tristeza. Tudo o que sabemos , he como por tradição ; porque successivamente himos deixando huns aos outros as intelligencias , em que se fundão as nossas vaidades , e as himos passando como de mão em mão ; as que recebemos dos que ja viverão , essas mesmas hãvemos de deixar aos que hão-  
em T de

de vir; he huma herança, que se distribue igualmente a todos, e que todos largão, e entregão na mesma fórma que recebem; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegitimos, e suppostos, porque lhes falta a authoridade do tempo, que as devia authenticar. Tudo envelhece no mundo; e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel; a antiguidade ennobrece as vaidades, e opiniões, e destas as modernas são menos singulares, porque tem a desgraça de começar: daqui vem que não temos alegria, senão em quanto não temos vaidade, e não temos vaidade, senão em quanto não temos sciencia della. A entrada da vida he innocente, por isso então he pura a alegria; a continuacão da mesma vida he vaidosa, por isso a alegria então he imperfeita. Nos primeiros annos vemos as cousas co-

mo

mo ellas são , depois vemolas , como os homens querem , que ellas sejam ; em hum tempo a alegria só depende de nós : depois tambem depende dos outros ; naquella a alegria vem de huma natureza ainda ignorante , e sem vaidade ; depois procede de huma natureza ja instruida , e por consequencia vaidosa. Que culpa he a sciencia humana , senão huma humana vaidade ? Quem nos deu , que assim como ha arte para fazer , a houvesse tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tambem , que nos ensinasse a esquecer.



Somos compostos de huma infinidade de paixões diversas , e entre ellas a alegria , e a tristeza são as que se manifestaõ mais , e as que são mais difficeis de occultar : o semblante reveste-se do estado do nosso ani-



mo, e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima, ou se mostra prostrada, e sem acção, ou cheya de humá justa desordem, e de alento; se se vê afflicta, nos desempara, e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos; contente, procura apparecer, e se faz visivel debaixo da fórma do nosso riso. Isto mesmo succede á vaidade; não se póde esconder, por mais que tome a figura de humildade, de submissão, e de reverencia; a mesma vaidade quando está contente, logo se descobre, e se deixa ver debaixo de hum ar altivo, e arrogante; se está menos satisfeita, então he que toma hum ar de devoção, e desengano: com tudo a hypocrisia da vaidade póde durar muito; porque como os homens de tudo se intumescem, em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial; por isso não só ha vaidade na alegria,

mas

mas tambem na tristeza : o homem não só se desvanecê da fortuna , mas tambem da desgraça ; de sorte que a vaidade he o mesmo que huma consolação universal.



A fortuna nos dispoem para a alegria , mas não he só o que a causa ; a desgraça conduz para a tristeza , porém não he só , o que a motiva ; antes parece que ha huma certa porção de alegria , e de tristeza , que ha de passar por nós precisamente ; a fortuna , e a desgraça não a produz , só a desperta. Tudo nos he dado como por conta ; a vida , a fortuna , a desgraça , a alegria , e a tristeza : em tudo ha hum ponto certo , e fixo ; a vaidade que governa todas as paixões , em humas augmenta a actividade , em outras diminue ; e todas recebem o valor , que a vaidade lhes dá. Estamos no mundo para ser  
alvos

alvos do tempo; e deste todas as mudanças não se dirigem a nós; dirigem-se á nossa vaidade: os successos fazem effeito em nós, porque primeiro o fazem na nossa vaidade; de sorte que hum homem sem vaidade feria o mesmo que hum homem insensível; o prazer, e o desgosto, que não vem das primeiras leys da natureza, são vãos em si mesmos, de instituição politica, e unicamente creaturas da vaidade.



As virtudes humanas muitas vezes se compoem de melancolia, e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razão; he temperamento o que chamamos desengano; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo são effeitos da tristeza; esta nos obriga a seguir os partidos mais violentos, e mais duros, raras vezes nos faz reflectir



flectir sobre o passado; quasi sempre nos occupa em considerar futuros; por isso nos infunde temor, e cobar-  
dia, na incerteza de acontecimentos felices, ou infastos; e verdadeiramente a alegria nos governa em fór-  
ma, que seguimos como por força os movimentos della; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso; hum coração triste encobre mal o seu desgosto: como ha de chorar quem está contente? E como ha de rir quem está triste? Se alguma vez se chora donde só se deve rir, ou se ri por aquillo porque se deve chorar, a alma então penetrada de dor, ou de prazer, desmente aquelle exterior fingido, e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor, e esta em prazer, a alegria em tristeza, e esta em contentamento; por isso as feridas não se sentem, antes lisonjeão, quando  
forão

forão alcançadas no ardor de huma  
peleja, esclarecida pelas circumstan-  
cias da victoria; as cicatrizes por  
mais que cauzem deformidade enor-  
me, não entristecem, antes alegraõ,  
porque servem de prova, e instru-  
mento visivel, por onde a cada inf-  
tante; e sem palavras, o valor se  
justifica; saõ como huma prova mu-  
da, que todos entendem, e que todos  
vem com admiração, e com respei-  
to; a tristeza, que devia resultar da  
fealdade, confunde-se, perdê-se, e se  
muda em alegria, por meyo das ac-  
clamações do applauso; a dor do  
golpe tambem se converte em gosto;  
por meyo do remedio, é sympathia  
do louvor; este attrahe a si toda a  
nossa sensibilidade, e deixa a nature-  
za como insensivel, absorta, e indo-  
lente: assim se vê que a vaidade nos  
livra de huma dor como por encan-  
to; por isso nos he util, pois serve  
de

de acalmar os nossos males; e se os  
aggrava alguma vez, he como a  
mao do artista, que faz doer para  
curar: e com effeito a vaidade não  
persiste muito em fazer sensivel a ra-  
zaõ que nos molesta; na mesma inju-  
ria do desprezo sabe descobrir algum  
motivo, que ou diminue a pena, ou  
totalmente a tira; lá vay buscar a  
Religiaõ para fazer da paciencia o  
mayor merecimento; outras vezes  
faz que achemos nos exemplos hum  
alivio constante; e que o mesmo vi-  
tuperio, visto em sujeitos grandes,  
não só desfarça o nosso pela imita-  
çaõ, mas que tambem o authorize,  
e illustre pela razãõ da semelhança.  
A vaidade não consente, que a nossa  
presumpçaõ fique abatida, antes pa-  
ra a conservar, lembra mil interpre-  
tações, e applicações forçadas; da-  
qui vem o excogitar a vaidade a re-  
gra, de que hum dos privilegios da



grandeza, he ser superior ás maximas do vulgo, e que nella o descredito não desacredita, a deshonra não deshonra, e a infamia não infama. A vaidade da grandeza parece que he mais subtil, e mais vã do que as outras vaidades, pois introduz o poder, e a authoridade, até no modo de pensar. Mas que importa, que a vaidade estabeleça regras, se estas sempre ficam dependentes da approvação dos homens; e se estes não sabem sujeitar os seus conceitos, fenão á aquillo que he commum, que toca a todos, e que a todos comprehende? Por isso assim como em todos póde ter lugar a causa da ignominia, stambem em todos póde ter lugar o effeito della. A vaidade póde enganar a cada hum, pelo que respeita a si, mas não póde enganar a todos, pelo que respeita a cada hum. Contra a imaginação não ha poder,

con-

contra as acções, sim; o pensamento em quanto não sahe da sua esfera, tem huma liberdade inteira, impenetravel, e muitas vezes invencivel. Creya pois a grandeza o que quizer de si, porque tambem nós havemos de crer della o que quizermos. A sua vaidade poderá prometter-lhe, ou fingirlhe varias izenções, porém fundallas, não; poderá querer introduzir, mas fazer reconhecer, de nenhuma sorte. O labéo para todos he o mesmo, e se ha nelle differença, he que nas pessoas eminentes fica sendo mais reparavel, e mayor. Em huma pedra vil não ha imperfeição a que se attenda muito; em huma pedra preciosa qualquer defeito lhe faz perder a estimação: as manchas de hum Planeta são imperceptiveis; no Sol qualquer vapor o ofusca; o menor eclypse he de todos conhecido; todos o calculão,

todos o vem, e o medem! Nas sombras não ha que distinguir, na luz qualquer alteração he reparavel.

A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste; a nossa alegria tudo nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado: os objectos influem menos em nós, do que nós influimos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compoem, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos dellas no estado, em que as achamos, mas sim naquelle em que ellas nos achão. A delicia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição, que da sua efficácia; o mesmo, que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque estava sem perturbação o nosso animo, hoje porque está com desafogo;



go ; e tudo porque não somos hoje , o que hontem fomos : o mesmo que hoje nos agrada , a manhã nos desgosta , e os objectos , por serem os mesmos , não causão sempre em nós as mesmas impressões ; por motivos differentes recebemos alterações iguaes. O pouco que basta para affligirnos , ou para contentarnos , bem mostra o pouco constantes , que são em nós a afflicção , e o contentamento ; por isso huma , e outra cousa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a mayor parte das cousas, que sentimos, he sem razão , tambem nós não he necessario razão para deixarmos de as sentir ; ha espaços de tempo , em que nos esquecemos de forte , que ficamos indifferentes para tudo ; e que tudo nos fica indifferente. A mesma natureza a cada passo equivoca , com ays denota o contentamento , e explica

plica com gemidos o alvoroço ; as  
ancias , e suspiros , que acompanhaõ  
o tormento , tambem são do gosto a  
imagem , e a expressãõ mais viva. A  
 vaidade , que commummente produz  
as nossas alegrias , e tristezas , humas  
vezes tudo nos representa alegre ,  
outras tudo nos offerece triste. Tam-  
bem na vaidade ha horas ; em humas  
occupa-se em objectos de grande-  
za , em outras toda se entretém em  
idéas de opulencia ; humas vezes  
realiza a nossa fantasia em fórma ,  
que tudo nos propoem ja consegui-  
do ; entãõ he que a vaidade nos en-  
che de alegria ; e he tambem quan-  
do a alegria he vã , porque o seu  
motivo não tem corpo , e só se com-  
poem de huma visãõ , ou sonho :  
outras vezes a vaidade nos enfeita  
com adornos taõ ricos , e sublimes ,  
que não podendo sopportar , nem o  
esplendor , nem o pezo da figura ,  
ella

ella mesma se desvanece ; entaõ he que a tristeza nos combate , porque entaõ nos vemos como fomos. O homem em si , he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os seus adornos he que saõ materiaes ; a mesma grandeza , e fausto , só consta de hum apparatus superficial , risivel , e que não tem mais valor , que o que a vaidade , e o costume lhe tem dado : o costume he tudo ; as cousas não saõ nada ; o de que fazemos tanto caso , não he mais , do que o modo com que os homens significão , ou explicão o respeito ; o mesmo costume faz , que buscamos humas cousas , e fugimos de outras ; e que humas nos entristecem , e outras nos alegraõ ; e como hum mesmo objecto póde ser considerado por modos muy diversos , por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegraõ , e entristecem ; ao mesmo tempo nos fazem cho-



chorar , e rir ; amar , e aborrecer ; por isso os nossos affectos mudaõ-se , encontraõ-se , e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade ; ella nos tempera , e poem no tom, que lhe parece ; humas vezes nos levanta , outras nos abaixa ; huma vez he hum tom subtil delicado , e agradavel ; outras he hum tom aspero , duro , e pouco armoniozo. A sociedade dos homens fórma hum concerto de infinitas vozes , e de infinita diversidade. Todos choraõ , e todos cantaõ ; a vaidade a todos dá porque cantem , e porque chorem ; todos entraõ como partes principaes ; ninguem fica destinado , sómente para ouvir , e ver : em quanto dura a acção , ( isto he a vida ) todos fallaõ , depois todos emmudecem ; a estatua , que a vaidade enchia de ardor , e movimento , depois fica immoyel , e insensivel ; o mesmo homem , que attrahia  
tudo

tudo a si, depois tudo faz fugir de si: que notável differença! O mesmo que se via com gosto, e com respeito, depois se se vê, he com horror; e isto porque finalmente veyo a desfazerse o edificio mais nobre, mais regular, e mais soberbo; a melhor architectura jaz por terra; os marmores ficaraõ sem lustro, as columnas sem força, os porticos sem ordem, os ornatos sem graça: ja se não vem senaõ torres abatidas, muros arrancados, frizos rotos, bases despedaçadas: não ha parte, por mais minima que seja, em que a ruina não seja universal; he ruina, em que não póde haver reparo; he templo, cuja destrucção não se póde reedificar por arte: os materiaes confusos, inúteis ja, perdida a proporção, a medida, a correspondencia, o polimento, e ainda a mesma substancia da materia, tendem desordenadamente

a huma transformação fatal ; impura , fetida , verminosa , e horrenda ; a terra piedosamente se abre , como para recolher , ou esconder em seu seio , o mesmo que tinha sahido del-  
le ; com a differença lastimosa de re-  
ceber em hum cadaver , symbolo do  
espanto , e da tristeza , aquillo mes-  
mo que havia entregue em hum ho-  
mem , symbolo da alegria , e da vai-  
dade.

Os tempos , e as occasiões , ti-  
raõ , ou daõ valor á vaidade dos ho-  
mens ; e ainha que nelles se vejaõ as  
mesmas vaidades , com tudo ha vaidades predominantes , que se mostraõ  
mais em certos tempos , e que em  
certas occasiões se encontraõ mais.  
Assim como nas outras cousas , tam-  
bem na vaidade algumas ha , que saõ  
como filhas de hum lugar , e que em  
hum paiz tem mais reputaçãõ que  
em



em outro. Os vícios lá parece que dependem da fortuna ; porque as ilusões que os homens idolatram , não tem igual estimação em toda a parte. Assim como mudamos de destino , também mudamos de vaidades , não porque deixemos totalmente humas , para seguirmos outras ; mas porque ha vaidades , que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetação , com tudo , nem toda a terra he propria para todo o vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lyrio ; alli donde o jasmim se cria , da-se mal a asflucena ; lá donde o urmo reverdece , não póde tomar alento a hera : a mesma terra , baze de todo o sensitivo , só na Africa he patria do Leaõ , na America do Leopardo , na Asia do Elefante ; o Cisne só canta nas ribeiras do Meandro ; a Feniz só na Ara-

bia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Águia não remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê na vaidade , humas nascem com o homem ; essas são vaidades universaes ; outras resultão das opiniões , que são proprias , e particulares a cada huma das nações ; essas são vaidades locaes , e territoriaes : e nesta fórma governa a vaidade o mundo, dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma região a vaidade dominante consiste no valor , em outra no luxo , em outra na origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessidade do terreno ; de sorte que aquillo mesmo, que em hum lugar se faz por vaidade , em outro por vaidade não se faz ; aquillo , que em huma parte se estima por vaidade , em outra por vaidade se despreza :

za: como a vaidade depende da opinião das gentes, por isso he tão mudavel como a mesma opinião; e com effeito a vaidade he cousa effencial no homem; a especie della não. Vivemos continuamente em esperanças, e quando alguma nos deixa, e nos engana, logo nos deixamos enganar por outra; não podemos viver sem aquelle engano. A vaidade que nos anima primeiro; anima todas as paixões, só com a differença de que esta nossa terra, ou esta terra do homem, naturalmente produz esperança, e vaidade, e tudo o mais vem por força da cultura, e do artificio. O mesmo amor está sujeito ás leys da vaidade. Quem dissera, que o amor, que he como a alma de toda a natureza, tenha na vaidade o seu principio, e algumas vezes o seu fim. Nascer o amor da vaidade, e morrer por ella, isto he amar por vai-



vaidade; e tambem por vaidade não amar, ou deixar de amar, parece difficil de entender; com tudo a proposição he certa; mas como havemos de mostralla, sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor, a respeito da fermosura, e por consequencia a respeito das mulheres? Sim faremos alguma digressão: mas que importa, em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade só; não sejaõ tudo reflexões sobre o fim do homem, sejaõ algumas sobre o seu principio; não o busquemos naquelle estado, em que elle acaba, mas sim naquelle, em que começa; larguemos hum instante aquelle assumpto triste, e busquemos no amor hum mais alegre; façamos da mesma digressão, divertimento, depois sempre acharemos vaidade na fermosura,

mosura ; no amor, e nas mulheres.



O amor não se póde definir ; e talvez que esta seja a sua melhor definição. Sendo em nós limitado o modo de explicar, he infinito o modo de sentir ; por isso nem tudo o que se sabe sentir, se sabe dizer : o gosto, e a dor, não se podem reduzir a palavras. O amor não só tem occupado, e ha de occupar o coração dos homens, mas tambem os seus discursos ; porém por mais que a imaginação se esforce, tudo o que produzir a respeito do amor, são atomos. Os que amaõ não tem livre o espirito para dizerem o que sentem ; e sempre achaõ que o que sentem he muito mais do que o que dizem ; o mesmo amor entorpece a idéa, e lhes serve de embaraço : os que não amaõ, mal podem discorrer sobre huma impressãõ, que ignoraõ ; os que ama-

amaraõ , saõ como a cinza fria , donde só se reconhece o effeito da chamma , e naõ a sua natureza ; ou tambem como o cometa , que depois de gyrar a esféra ; sem deixar vestigio algum , desapparece.



Conhecemos as cousas , naõ pelo que ellas saõ em si , mas pela differença , que entre ellas ha ; e esta differença consiste em naõ serem humas o mesmo que outras saõ ; a essência das cousas nos he totalmente occulta ; e assim conhecemos os objectos , pela diversidade das figuras , e naõ pela substancia delles ; a nossa noticia ; toda se compoem de comparações ; por isso aquillo que naõ tem cousa , que lhe seja em alguma parte semelhante , fica sendo inexplicavel : isto succede ao amor ; ninguem o póde explicar verdadeiramente , porque naõ ha cousa , a que seja ver-



verdadeiramente comparavel ; o mais a que o conceito chega , he a servir-se de expressões oppostas entre si ; como quando se diz , que o amor he fogo , que he neve , que he alivio , que he pena , que he luz , que he sombra.

O amor distingue-se das mais paixões , em ter por objecto hum fim corporal , sujeito á fadiga ; por isso dura por intervallos. A Providencia para conservação do mundo , suscitou o amor , não só nos homens , mas em toda a natureza : ainda os insensiveis , parece que amão , e que sentem ; a differença deve de estar no modo de amar , e de sentir. As creaturas são mais perfectas , á proporção que são capazes de mais amor ; e assim o amor não só he o principio da vida , mas tambem he hum final de perfeição.

Dizer que o amor procede de huma certa conformidade de humores , e de genio , mais he subtileza , que verdade ; a filosofia nesta parte não foy mais feliz que em outras , donde a sciencia consiste em saber mais termos , e palavras , e não em saber mais cousas. Digamos antes , que o amor procede da fermosura ; que origem lhe havemos de dar mais nobre ? A razão mais facil costuma ser ás vezes a mais certa ; duvide-se embora da origem da fermosura , porém não se duvide da do amor.

Cada cousa tem hum limite certo , entre cuja extremidade se deve conter , e regular ; porém esse tal limite não he facil de se achar , e no amor he quasi impraticavel , porque he huma paixão que não tem limite , e que só no excesso se mostra , e se acredita. Não ha delirio , que os ho-  
mens

mens não desculpem; quando vem de hum grande amor; ha delictos em que o perdão se alcança em favor do mesmo crime; entã aborrece-se o effeito; mas a causa admira-se; ninguem quizera o successo em si, mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre, e vulgar só se occupa no deleite dos sentidos, e delle faz a mayor felicidade; hum amor sublime alimenta-se em contemplar o objecto que ama; este he o amor humano, de quem se diz, tem semelhança com o amor divino. Ha vicios, que de alguma sorte, parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulso da natureza; o amor subido he como huma emanacão da alma; aquelle he sujeito á fadiedade, e por consequencia á dor; porque a fadiedade he huma especie de dor, e de tormento, pô-

Y ii rém



rém este não he susceptivel de algum desafogo; aquelle busca fóra de si o alivio; este acha em si mesmo o contentamento; hum he como dependente da vontade de outrem; o outro he izento do arbitrio alheyo. O nosso bem só deve depender de nós; por isso nos fazemos infelices, á proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como póde deixar de ser assim? O nosso desejo não se póde conter dentro de nós, porque os seus objectos todos são exteriores; a cada instante envelhecemos, porém os nossos desejos a cada instante se renovaõ, e renascem; vivemos no mundo rodeados de huma immensidade de cousas diferentes, e estas successivamente vão sendo o emprego do nosso cuidado, e das nossas attensões; todas achão em nós huma certa disposição, que faz, que a humas queremos, e a outras

tras não; as nossas paixões, são as que escolhem, ou reprovão; as cousas já vem configuradas em tal forma, que assim que nos encontraõ, logo achaõ, ou hum lugar proporcionado, ou incompativel; tudo aquillo em que ha grandeza, e pompa, a vaidade o recebe, e guarda; tudo o em que se mostra fermosura, o amor o abraça, e se suspende. Tudo entra em nós, ou por força de amor, ou por força de vaidade: a quem a vaidade não vence, vence o amor.



Naõ temos liberdade para deixar de amar a fermosura do mundo, e das suas partes; não temos livre o alvedrio para resistir ao encanto, que a natureza esconde nas suas produções. A variedade das cores; o movimento dos brutos, o canto das aves, o elevado dos montes, o amenos dos valles, a verdura dos campos,

pos, a suavidade das flores, e o crystallino das aguas; tudo attrahe a nossa admiração, e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo he como hum retrato da Omnipotencia; a grandeza do effeito indica a magestade da causa; por isso o amor, ou o louvor da obra, cede em honra do artifice.



Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos, e de pasmo ao nosso entendimento; toda se compoem de partes agradaveis, como se inteiramente fosse tirada de hum fundo, ou principio immenso de formosura. A mesma desordem, e confusão das cousas nos recrea; o furor dos elementos forma hum espectaculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores, a agua com os seus combates, e o fogo com os seus incendios. No ven-

to



to admiramos hum ar, ou espirito invisivel, cuja força se emprega na ruina de muitas coufas solidas; os terremotos ja reduziraõ em montes as planicies, e fizeraõ planicies dos montes, como se o mundo não tivera o seu assento firme; as aguas entre si se quebraõ, e despedaçãõ, e quanto mais horriveis, e agitadas, tanto mais nos mostraõ em liquido theatro mil vistosas apparencias; o fogo ainda quando parece rayo nos diverte, e ainda quando abraza allumêa; a fermosura até se sabe introduzir na fealdade, no horror, no espanto.

Vemos a perfeiçaõ dos objectos, mas ignoramos a qualidade delles, por isso os amamos, porque o amor quasi sempre foge, assim que conhece a natureza do que ama. Os antigos pintaraõ ao amor cego, talvez para mostrar, que o amor para ser  
conf-

constante, he preciso que seja incapaz de ver, e que a falta de luz lhe sirva de prizaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as não conhecemos, e outras porque as não conhecemos, as não estimamos; tanto he certo que não ha nada certo no mundo; nos mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias, e oppostas entre si.

~ ~ ~  
A primeira cousa, que a natureza nos ensina, he amar; e assim o primeiro affecto, que sabemos, he aquelle mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos no mundo porém não no amor, esse se manifesta em nós logo no berço; alli mostramos para alguns objectos desagrado; e inclinaçaõ para outros; a huns buscamos com rizo, e de outros fugimos com medo; huns nos servem de espanto, outros de divertimento

timento choramos por alcançar huns, e tambem choramos por evitar outros; como se o odio, e o amor naquella idade não tivessem outro modo de explicar-se, nem foubessem mais idioma que o das lagrimas: tambem não he novo o chorar-se, de gosto, do mesmo modo com que se chora de pena.



Nos primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe; entramos neste grande theatro cheyos de gosto, e contentamento, sem experiencia das impressões da dor, e ignorando os effeitos da vaidade; por isso não temos então, nem pensamentos que afflijaõ, nem cuidados que mortifiquem; não nos combatem as lembranças da morte, e se vemos os seus triunfos, ou ja nos epitafios, ou ja nas pompas funebres, parece-nos que está tão longe de nós aquelle estra-



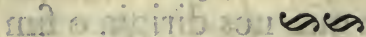
go, que na mesma distancia, em que a nossa idéa o considera, se confunde, e desvanece o horror. Que feliz ignorancia, e que venturoso descuido! Em continua travessura passamos aquelles annos, em que os nossos espiritos, ou por mais vivos, ou por mais alegres, apenas cabem em nós. Os campos, as flores, as aves, os rios, tudo nos serve de jogo innocente, e de festiva occupação: estes são os ensayos, e preludios, com que o tempo dispoem a nossa docil innocencia, e com que hum amor universal a tudo quantô vemos, depois só se reduz á aquelle amor, que tem por objecto a duraçáo do mundo, ou a nossa mesma reproducção; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso; aquelle agrado commum, com que viamos as cousas, ja se distingue; olhando com especialidade para algumas, e com

indifferença para as mais; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attensões, sendo só humas o para que nos dirigia o fim da natureza.



Esses primeiros annos todos se compoem de amor, e de esperança: estes dous affectos tomaõ a melhor parte de nós, ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida; no seu principio, e no seu progresso he o amor huma paixãõ cheya de enthusiasmo, e de furor, depois perde totalmente a violencia; por isso amamos mais, quando sabemos amar menos, isto he, quando amamos quasi por instincto; e com effeito o amor não se introduz por discurso, e se alguma vez discorre, he final que está perto de acabar; porque o amor sóhe prudente quando acaba, não porque entãõ o seja em

si, mas porque entãõ amamos como nos queremos, e naõ como o amor quer.



Culpa-se ao amor de vario, e de inconstante, sendo que as mais das vezes seria mayor a sua culpa, se fosse constante, e firme: o amor só quando deixa de amar se emenda, só quando he vario se justifica, e só quando he inconstante se desculpa: quando começa, parece que naõ he erro o amor; porque mal se póde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe; aquella primeira luz que nos assombra; aquelle primeiro agrado que nos engana: o nosso arbitrio, ou a nossa reflexaõ, vem depois, como remedio que sempre suppoem succedido o mal: naõ se póde fugir do rayo despedido de huma nuvem; o amor, ainda nos alcança com mais pressa, e mais vigor, porque he rayo, que se fór-



fórma dentro de nós mesmos: o valor consiste em arrancar a setta, por mais que fique despedaçado o peito.



Não somos firmes no amor, porque em nada podemos ser constantes: continuamente nos váy mudando o tempo; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada passo que damos no discurso da vida, himos nascendo de novo, porque a cada passo himos deixando o que fomos, e começamos a ser outros: cada dia nascemos, porque cada dia mudamos, e quanto mais nascemos desta forte, tanto mais nos fica perto o fim, que nos espera. A inconstancia, que he hum acto da alma, ou da vontade, não se faz sem movimento; a natureza não se conserva, e dura, senão porque se muda, e move. O mundo teve o seu principio no primeiro impulso, que lhe deo o  
su-

supremo Artifice; a mesma luz, que he huma bella imagem da Omnipotencia, toda se compoem de huma materia tremula, inconstante, e varia. Tudo vive em fim do movimento; a falta de mudança he o mesmo que falta de vida, e de existencia, e assim a firmeza he como hum attributo essencial da morte.


Se em nada pois ha permanencia, e se o estado da firmeza he contrario ás leys da vida, como póde fer que haja amor constante? Isso he hum impossivel desejado. Não ha nada izento das revoluções, e alterações do mundo; tudo nelle se muda, porque tudo se move; por isso a firmeza he violenta, ao mesmo tempo que a inconstancia he natural. Para sermos firmes, he nos necessario força, porque temos que vencer a economia, e ordem, que não permite repouso  
em

em cousa alguma ; para mudârmos a mesma natureza, nos inclina , e guia ; semelhante a qualquer pezo , que sobe com violencia , e desce por si mesmo. O movimento , e a mudança , de que depende o ser das cousas , tambem he principio do fim dellas ; sem mudança , e movimento , nem se pôde existir , nem acabar ; a mesma origem da vida tambem he da morte a causa ; por isso he taõ certa a morte , e taõ curta a vida ; porque hum , e outro extremo , nascem do mesmo modo , e se criaõ no mesmo berço.

~~~~~  
O amor he hum influxo da belleza , por isso esta raras vezes anda solitaria , e quasi sempre a acompanha o amor : agradavel mas louca companhia ; appetecida , mas traydora felicidade ! Compoem-se a fermosura de huma certa modulaçaõ das partes ; obra mais do acaso , que de hum cuidado



dado especial da natureza : mas porém deve admirar-se hum instrumento , cujas cordas só produzem harmonia : assim he a fermosura ; e he pouco de estimar aquelle , de donde só resulta dissonancia ; assim he a fealdade. A fermosura reside em huma fórma exterior ; o amor parece que he hum effeito da vontade , ou do desejo ; aquella mostra-se , porém este esconde-se ; este he invisivel , porém aquella vê-se : a fermosura póde dizer-se o como he , porém o amor não ; porque quem o tem , sente sem saber o que , e quem o não tem , ainda o conhece menos.

 O amor nasce da fermosura , e com ella morre ; e assim como póde haver amor constante , se he tão pouco constante a fermosura ? E se esta muda tanto , como póde ser que o amor não mude ? Ha tres progressos  
em

em tudo quanto a natureza abraça ;  
o primeiro he de crescer , o segundo  
de estar , e o terceiro de diminuir :  
nesta ley tambem entra a fermosura ;  
cresce , está , e diminue. O amor fiel-  
mente segue a fermosura ; não muda  
quando a fermosura cresce ; não fo-  
ge quando ella está , mas com ella di-  
minue , e acaba. O tempo com hum  
passo subtil , e disfarçado lentamen-  
te imprime na belleza o seu caracter ;  
ja começa a fer tibia a luz dos olhos ;  
ja se mostra sem sabor o agrado , e ja  
fica sem alma a mesma graça ; aca-  
bou-se pois a fermosura , e apenas  
póde descobrirse a sua ruina entre os  
mesmos sinaes do seu estrago : tudo  
saõ riscos donde se vê como em pa-  
drões fataes escrita a impressão dos  
dias ; tudo saõ concavidades , donde  
se mostra como em funesto exemplo  
gravado o rigor do tempo : essa ima-  
gem desvélo que foy da idolatria ,

cuidado de attenções, e finalmente emprego que foy de tantos votos, ja se vê sem altar, e sem veneração; e trocado o culto em vituperio, só ficou para objecto do desprezo; como se a idade fosse algum delicto, ou fosse culpa o numero dos annos; assim acaba a fermosura, assim acaba o seu imperio, e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente, vem cheyo de belleza, e resplendor; por isso tudo são attributos, tudo admirações, e tudo amores: as fontes o festejaõ murmurando; as aves o annunciaõ com requebros, e as flores com o rizo o lizonjeaõ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso; e depois que os resplandores se mudaõ no occaso em pallido semblante, logo acabaõ os amores, as admirações, e todos os tributos; na mesma tumba, em que se apaga a luz, tambem se extingue

o ap-



o applauso ; na mesma sombra, em que se encobre o dia , tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba nas mesmas ondas , em que faz naufragio o Sol.

Succede muitas vezes mudar o amor ; primeiro que a fermosura mu-  
de ; isto dizem que faz o amor ingra-  
to ; porém a mudança quasi sempre  
he culpa da belleza , e não do amor.  
Naturalmente a fermosura he sober-  
ba , vaidosa , impia , e arrogante ;  
não só refuza , mas despreza ; não só  
desdenha , mas injuria. Hum objec-  
to amavel basta para produzir amor ,  
mas não basta para o conservar ; o  
amor nasce facilmente , mas dura com  
difficuldade ; porque o imperio da  
belleza sempre foy tyranno , e sem  
brandura , não ha dominio perma-  
nente. O amor he acto de hum movi-  
mento repentino ; a conservação del-

le vem por discurso, por isso a primeira cousa he facil, e difficultosa a outra. Não ha encanto perpetuo; o do amor tambem tem fim, e em quanto dura, he por intervallos; e ainda que o amor seja prompto, e arrebatado em conquistar, por isso mesmo nada tem seguro; porque o que se toma precipitadamente, precipitadamente se larga; daqui vem que hum moderado amor costuma ser duravel; o que he excessivo, a sua mesma violencia o acaba; a tormenta forte nunca dura. Mas não sey se póde haver moderação no amor. Ha muitas cousas, em que a moderação he contraria á natureza dellas; e em que a abstinencia custa menos do que o uso limitado. O amar huma cousa só parece que he mais penoso, que o não amar nada; porque com effeito o abster he menos difficultoso, que o conter; por  
ol isso

isso a prizaõ de algum modo molesta menos, que huma liberdade restricta: o usar das cousas com regra, traz comfigo huma especie de afflicção; o não usar de nenhuma sorte, o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de não ter, ou de não amar, porém não o podemos fazer de amar, ou ter debaixo de algum preceito: tudo o que recebemos, ou se nos dá com condição, parece-nos violento: olhamos menos para a parte, em que a cousa he livre, que para aquella, em que o não he; a prohibição sempre nos deixa suspensos, e como magoados; porque o nosso desejo não tem actividade naquillo que he ja nosso, mas sim naquillo que o não he, e que não póde, ou não deve ser; o que se permite não parece tão bem como o que se nega; o muito que se concede, não consola do pouco que se pro-



prohibe ; por isso o alheyo nos agrada , porque nelle achamos huma negação , ou limite do que he nosso. Vemos com saudade o tempo , que passou ; esperamos o que ha de vir com ancia , e para o presente olhamos com desgosto : assim devia ser , porque o tempo , que passou , ja não he nosso ; o que ha de vir não sabemos se será ; e só o presente , porque he nosso , nos aborrece. O amor está seguro , em quanto dura a pertençaõ ; o que o perde , he a propriedade : sustenta-se mais na duvida , que na certeza ; qualquer cousa , que procure , o anima , e desfalece , se lhe não falta nada. Isto não he só no amor ; em tudo succede o mesmo : todas as paixões se acabaõ , assim que se satisfazem ; conseguido o fim de cada huma , logo ficaõ sem vigor , e amortecidas : ninguem espera o que possue , ninguem deseja o que ja tem , e

nin-


ninguem se desvanece muito daquillo que logra ha muito tempo ; e desta sorte o amor , o desejo , a esperança , e a vaidade acabaõ-se , quando alcançaõ ; e deste modo perdemos as cousas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto , que nos vinha do desejo , do amor , da vaidade , e da esperança. Daqui vem , que para reprimir as paixões , nem sempre he bom meyo o reprimillas ; na resistencia parece que se formão , e fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia , e não pôdem existir sem ella. Da difficuldade das cousas inferimos a excellencia dellas ; o fazellas faceis , e sem opposiçaõ , he o mesmo que tirarlhes a graça , que as fazia appetecíveis. Em todas as paixões se encontra a vaidade de querer vencer ; não ha victoria sem combate , e se a ha , he sem gloria , e sem merecimento. Contra hum  
cam-

campo aberto não ha desejo ; nem ardor ; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente , armada sim ; a muralha incita , porque impede.

A vaidade , ou a soberba de hum mulher fermosa , he quasi insupportavel ; ainda o amor mais fino se revolta , porque o amor ainda que jure escravidões , nem por isso consente nellas ; e quando he bem entendido , não costuma ser vil , reverente sim ; a submissão por degenerar em baixeza não faz ao amor menos inconstante ; a firmeza não se fez para obstinação. Não he suave o jugo da belleza ; apenas se lhe póde sustentar o pezo ; a arrogancia , que a acompaña sempre , exige condições tão fortes , que o mesmo affecto , que por força as aceita no principio , depois as desvanece ; porque o amor se busca a fermosura , tambem foge da aspereza ;



pereza ; hum genio severo , e duro ,  
naõ póde inspirar constancia , retiro  
fim : por mais que estejam preocupa-  
dos os sentidos , nem por isso estão  
sempre dispostos para soffrer ; e com  
effeito o amor fez-se para delicia , e  
naõ para castigo ; fez-se para alivio ,  
e naõ para tormento , para gosto , e  
naõ para martyrio. Naõ ha , encan-  
to que naõ possa desfazer-se ; por mais  
fortes que sejam os laços com que o  
amor nos prende , muitas vezes hum  
discurso os rompe ; hum pensamento  
os desfaz ; huma reflexaõ os desfata ;  
e pela mayor parte esse discurso de  
que nasce a inconstancia , procede  
da aspereza , da vaidade , e da con-  
dição da fermosura.

  
A natureza que na producção da  
fermosura se empenha em formar  
hum encanto , deste naõ quer que se-  
ja invencivel o poder ; por isso na

Bb

mes-

mesma fermosura inclue logo a tyrannia , o engano, e a vaidade , para que estes feyos attributos , expostos á nossa vista , ou sirvaõ de quebrar a força a esse mesmo encanto , ou ao menos possaõ limitarlhe o effeito ; e assim temos o remedio na propria origem da ruina , e no mesmo mal achamos o defensivo delle : se a belleza nos attrahe a imperfeição do genio nos desvia ; se nos enleva huma imagem viva , donde em justas proporções , a natureza mostrou os seus primores , tambem huma condição aspera , e desabrida nos afasta ; e finalmente se a nossa propria inclinação nos tira a liberdade , o nosso entendimento nos resgata. E assim não se queixe a fermosura , nem do amor , nem da inconstancia ; veja primeiro se acha a culpa em si ; quanto mais que o amor , ainda que cego , nem por isso se obriga a estar sempre em hum lugar ; a in-

inconstancia ainda que odiosa , nem por isso lhe faltaõ os motivos , que a fazem justamente ser precisa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança ! Nem sempre he traiação a falta de firmeza ; nem sempre o ser vario he ser infiel ; e nem sempre o ser inconstante he ser ingrato. As femrazões da fermosura authorizaõ o nosso esquecimento, o ser sensivel he o que faz ser amante ; e quem tem sensibilidade para amar , tambem a tem para sentir ; porque se a fermosura nos recrea , tambem a injuria nos irrita ; se o agrado nos convida , o desprezo nos magoa ; e se o amor em fim nos chama , tambem a offensa nos retira.



Sim he soberba a fermosura , mas não he para admirar , pois he grande o seu imperio ; he vaidosa , mas como pôde não o ser ? He presumida , mas que muito se em se vendo , a sua



mesma vista a lisonjea? He tyranna, que importa, se he virtude esse defeito, e se nella a bondade he culpa? Na fermosura acha-se a circumstancia mais effencial da luz; esta illustra, e faz claros os objectos, que estão perto dos seus rayos; assim a belleza, pois parece faz fermosos aquelles vicios que a acompanhaõ; essa fereza, essa arrogancia, e essa mesma condição altiva, sim são imperfeições grandes na belleza, mas são como as sombras, que hum delicado pincel debuxa, e representa, não para desluzir o primor da arte, mas para realçar a fineza da pintura. Huma estrela brilha mais no espantoso silencio de huma noite escura; a mais perfeita luz he a do Sol, com tudo a sua actividade nos molesta, e escandaliza: as cousas nem por mais perfeitas nos agradaõ mais; antes alguma imperfeição as modifica em forma que  
ficaõ

ficão proporcionadas ao nosso gosto ; aquillo que he perfeito em hum certo grão , excede a nossa esfêra , e por isso nem o podemos gozar , nem entender , porque o desejo não le estende adonde a comprehensão não chega. O entendimento , ou a alma he o que primeiro move , e assim tudo o que excede a nossa intelligencia , fica sendo impenetravel ao nosso affecto. Mil cousas ha perfeitas no seu genero , por onde continuamente passamos sem reparo ; a mesma perfeição nos cega , e nos faz incapazes de admirar ; tudo o que distinguimos , ou sabemos , he por comparação ; de sorte que em não podendo comparar , tambem não podemos conhecer : a differença das cousas entre si , he a que desperta a nossa attenção , e dá lugar ao nosso conhecimento , por isso tudo o que he formado como de hum só rasgo , de huma só linha , ou como

mo de hum só alento, logo nos fica sendo incomprehenſivel; o diſcurſo não póde entrar naquillo em que tudo he hum, igual, ou uniforme; porque a unidade não admitte combinação, e o pensamento não póde introduzirſe facilmente donde tudo he o meſmo, e donde não ha nem di- verſidade de ſubſtancia, nem deſi- gualdade de materia. Podemos di- zer, que a noſſa capacidade só tem por objecto aquillo que he compoſ- to; porém tudo o que he ſimples ab- ſolutamente, fica ſendo myſterio para nós, e por iſſo ſempre occulto, e eſ- condido; e aſſim a diviſão, e varie- dade de partes, ao meſmo tempo que indica hum ſer imperfeito, tam- bem ſerve de meyo, que nos facilita a intelligencia das couſas, e nos con- duz ao conhecimento dellas; e deſta forte alguma imperfeição na fermofu- ra, faz-nos ver melhor o que ella tem



tem de raro, e de admiravel; algum defeito, mostra-nos o que por outra parte ella tem de singular; e finalmente algum vicio, faz-nos reparar o que se encontra nella de virtude; e assim serve-nos de guia essa imperfeição, esse vicio, e esse defeito.



Mas que poucas vezes se encontra na belleza aquelle certo gráo de imperfeição, que á maneira de huma sombra leve só sirva de realçar-lhe a luz! A repartição do vicio sempre he larga, e abundante, e o defeito não se communica escaffamente, com profuzaõ sim: o que vemos de imperfecto na belleza raras vezes he como hum final, ou mancha breve, de que o alinho se adorna por arte, e por estudo; antes essa imperfeição se estende, e cresce tanto, que abraça o objecto inteiro, e o escurece: qualquer mistura em pouca quantidade

dade contamina a pureza de hum liquor; huma grande porção o absorbe, e comprehende todo. Esse caudaloso Tejo não o turva hum só regato immundo, porém muitas torrentes de agua impura, fazem-lhe perder o nome, e semelhança de crystal: huma só nuvem não faz sombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia, huma noite escura: assim a belleza; o vicio nella não costuma ser como hum regato, mas como torrente; o que tem de imperfecto, não he como hum final ( effeito em fim da meditação ) mas como huma mancha verdadeira; o seu defeito raramente he leve; antes quasi sempre peza mais do que a mesma fermosura. Infeliz concordia, cruel sociedade! Quem dissera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor, e aborrecimento! Taõ pouca distancia ha

ha entre o mal, e o bem? Entre a averção, e o affecto, entre o perfeito, e o defectuoso, que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar, e unir.



A vaidade da fermosura he a mais natural de todas as vaidades, he vaidade innocente; a natureza em nada se recrea tanto, como em contemplar-se a si na sua obra, e em reverse na sua mesma perfeição; por isso a fermosura he hum encanto, a que não resiste, nem ainda quem o tem; ella a si mesma se namora, a si se busca, ama-se a si, e de si se rende; he como hum effeito, que vem a retorquir-se contra a sua causa, ou contra o seu principio; e como hum movimento, que retrocede, e se dirige contra o seu mesmo impulso; a fermosura, pelo que sente sabe o que faz sentir; e pelo que se ama, conhece que



se faz amar ; daqui vem que a vaidade , e a altivez , são partes de que a fermosura se compoem ; a mesma tyrannia , e rigor attrahe : e que haverá na fermosura , que não sirva de laço , de prizaõ , de amor ?



He propriedade do amor o ser violento ; e he propriedade da violencia o não durar. O amor acaba-se em nós , não por nossa vontade , mas porque tem por natureza o acabar ; e ainda que tudo ha de acabar conosco , nem tudo espera por nós. Quando amamos , he por força , porque a fermosura que nos inclina , nos vence ; e tambem he por força quando não amamos ; porque huma vez rotos os laços , ficamos de tal sorte livres , que ainda que queiramos , não podemos tornar a elles ; e assim não está na nossa mão o não amar , nem tambem o amar : o coração por si mes-

mesmo se acende , e entibiece; nós ,  
não o podemos inflammarmos , nem extin-  
guir-lhe o ardor : alleguem os aman-  
tes esses mesmos ardores indiscretos ;  
façam delles merecimento para o fa-  
vor ; imaginem embora , que os so-  
luços , e gemidos , fazem ser devida  
a recompensa , exaggerem penas , e  
martyrios , e finalmente tenham a  
ventura de que hum belleza timida ,  
innocente , e incauta , creya que ver-  
dadeiramente está obrigada , e que  
deve attender , e corresponder : am-  
bos se enganam ; o amante em suppor  
que por amar , merece ; e a belleza  
em crer , que o amor he merecimen-  
to : não he tal ; porque o amor vem  
da fermosura , e não do amante ; este  
não faz mais que receber hum im-  
pressão a que não póde resistir : nada  
merece hum bronze , por receber em  
si a figura de huma Venus ; a maravi-  
lha não está no bronze , que recebe ,

mas no braço que imprime; a arte não se mostra no metal, mas na mão que conduz o buril, e abre; o bronze não póde deixar de consentir a estampa, porque não tem mais do que hum modo passivo, e material; só o braço obra activamente: daqui vem que quando amamos, he porque a fermosura nos obriga a amar; e assim que merecimento póde haver em pagar hum tributo natural, forçado, e inevitavel? Por isso o amar, ou não amar por razão, por discurso, ou ainda por interesse, não póde ser; porque os sentidos, não se deixaõ cativar por arguimento: daqui vem que muitas vezes se ama, o que se não deve amar; isto será porque o coração não póde resistir á fermosura; o mais que póde fazer, he calar, dissimular, esconder: podemos não confessar, mas deixar de cahir, he muy difficuloso; podemos sofrer, mas dei-



deixar de sentir, - tambem não; podemos não seguir, mas deixar de appetecer he impossivel; antes o soffrimento aviva o amor, a resistencia o fortalece; porque tudo o que se reprime, se esforça; hum arco comprimido adquire mais vigor para quebrar a corda. O mesmo he não querer, ou não dever amar, que amar. Não temos dominio no nosso gosto; as cousas agradaõ-nos, porque nos parecem agradaveis; como havemos de impedir que as cousas nos pareçaõ o que são, e ainda o que não são? Se os sentidos nos enganaõ, quem nos ha de desenganar, ou como havemos de emendar esses mesmos sentidos enganados? A razãõ, e o discurso não valem; ou não sabem tanto como se diz; porque o que julgaõ, he por meyo de algum sentido enganador: se os olhos, e os ouvidos se distrahem, e allucinaõ, que outros sen-

sentidos temos nós, que os haja de conter, ou os faça retractar? Julgamos pelo que vemos, e pelo que ouvimos: estes sentidos são em nós, como dous relatores injustos, falsos, infieis: daqui resulta, que quando o querer he culpa, essa culpa não he nossa, mas sim da ferosura que nos move, e que nos prende. Que culpa póde ter a cera, por receber em si o caracter de huma imagem? O marmore que culpa tem, por conservar a fórma que o artifice lhe deu? Que culpa tem o pano por servir de campo, ou de theatro ás obscenidades do pincel? E finalmente que culpa tem o ferro, por ser instrumento dos golpes, e da morte? As cousas em si, são innocentes; o erro he exterior, e vem de fóra: o mal parece que não nasce, nem se cria em nós, communica-se a nós. Infelizmente o nosso coração, não he firme como o fer-

ferro, nem duro como a pedra; antes he mais tratavel do que o pano, e mais brando do que a cera; he como huma lâmina original impolida, informe, e ainda sem configuraçãõ; e donde não ha nem amor, nem odio, nem culpa, nem merecimento, nem virtude, nem vicio; mas he o donde tudo aquillo se poem, se faz se introduz, se esconde.



Em todo o tempo prevaleceo nos homens o poder; elles arrogaram a si toda a jurisdicçãõ legislativa: a sujeiçãõ em que ficaraõ as mulheres, foy a pena da sua primeira culpa. Aquella sujeiçãõ, que não devia exceder as regras da equidade, veyo a degenerar em tyrannia, e a introduzir nellas huma especie de escravidãõ. O ciume dos homens fabricou os ferros, e a fermosura das mulheres foy o crime original, que nunca puderaõ expiar, nem remir:



remir : a mesma fermosura com que as dotou a natureza, lhes tirou a liberdade ; alcançaraõ na belleza o mayor favor , mas comprado por hum custo immenso, isto he á custa da liberdade;ficaraõ sujeitas aos homens por força , e os homens a ellas por vontade. Infeliz , e estudada consolaçaõ ! O cativeiro costuma ser á medida da fermosura ; quanto mais bellas, mais prezas : para terem alguma liberdade he preciso que não tenhaõ nenhuma fermosura. Cruel situaçaõ ! Quem ha de trocar huma cousa pela outra , ou quem sabe qual das duas he melhor ? Ter liberdade , e fermosura juntamente , he muito ; ter huma cousa , e perder a outra , he pouco. Quem ha de resolverse a perder a liberdade , e tambem que mulher se não ha de affligir na falta de fermosura ? As differenças são, que a liberdade em quem a tem, dura sempre , a fermosura não ;

na-

naquella não tem dominio o tempo ;  
nesta até se conhecem os instantes ;  
semelhante á gala de huma flor , que  
nam tem mais duração que hum dia ;  
e assim se vê que nas mulheres , a in-  
justiça dos homens lhes tira a liber-  
dade assim que nascem , e pouco de-  
pois lhes tira a fermosura o tempo , e  
de tal sorte , que nem restos lhe ficam  
do que forão , para se consolarem do  
que são : nem pôde deixar de ser ;  
porque o tempo não só desconcerta ,  
mas destroe , e arruina ; cada hora  
deixa o seu final ; e os instantes que  
diminuem a vida a proporção que  
passão , também diminuem a fermo-  
sura , até que a gastaão , e desfazem ;  
semelhante a huma exalação , que  
em breve espaço se dissipa. Os annos  
sim deixaão a regularidade das feições :  
mas de que serve huma regularidade  
usada ? O que nella se vê he como  
hum debuxo , que não foy feito para

imagem, mas para semelhança. Humma representação do que foy sempre he triste; por mais, que a consideração se forme humma idea agradavel de hum monumento destroçado, e antigo, sempre o que se admira he com lastima: a imaginação fervorosa, e forte, póde de algum modo fazer presente o que não he, mas nam póde fingir tanto, que se não percebam as ruínas; os vestigios trazem á memoria a grandeza do edificio, mas sempre o mostraõ desfeito. Isto succede na belleza, acaba-se em se lhe acabando a graça: esta continuamente foge; passa insensivelmente, e o que fica, he humma estatua, humma sombra, humma figura.



Ama-se por vaidade, e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella fermosura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Nam  
foy



foy inspiração celeste a que a fez buscar a solidaõ de hum Claustro; talvez foy hum infeliz amor, a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino! Havemos de amar á vontade da vaidade, e nam á vontade do amor? Mas que pouco dura o amor, quando não nasce do amor! Não ha mayor combate, que o que se dá entre a vaidade, e o amor; se este fica vencido, a mesma vaidade chora, e se arrepende; he vitoria, que se fórma do estrago do vencedor. Hum amor desconfolado, em nada póde achar compensação; porque esta só cabe, quando ha outra coufa, que valha o mesmo; ao amor não ha coufa, que o iguale, nem valha tanto. Aquella mesma fermosura, a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo, para a livrar de algum amor humilde, sim vive retirada no limitado espaço de huma prizaõ santa: mas que importa que

Essa prisão lhe tira a liberdade das acções, se lhe não ha de tirar a liberdade do desejo? Assim como não ha feiros para o entendimento, tambem os não ha para o coração; este ainda no meyo da violencia, e da tyrannia, sempre se conserva isento, e livre. Hum véo preto sempre esconde, mas não muda, nem desfaz nada do que esconde; antes tudo augmenta mais, e tudo mostra ainda mayor, e mais claro do que he. Huma Communidade Religiosa coberta de véos, o que faz imaginar he que cada véo encobre huma belleza, e muitas vezes o que encobre, he huma fealdade enorme; o pensamento nesta parte he sempre favoravel, porque debaixo daquellas sombras nunca suppoem outras sombras, luzes sim: ha cou-  
sas, que de se occultarem, resulta o verem-se melhor; em vingança de hum manto escuro, tudo o que está  
de-

debaixo d'elle, se nos representa perfeito, e singular; aquella especie de reboço o de que serve he de avivar a imaginação, de a desanimar não: tudo o que se esconde, parece-nos admiravel, só porque se esconde; de forte, que o occultar, he o meyo de acreditar as cousas, e de darlhes mais valor. O mesmô he por se aos olhos hum obstaculo, que fazellos penetrantes, e pollos em huma actividade, que elles não tem naturalmente: a vista, que se embaraça, adquire mayor força, á maneira de huma corda, cujo vigor augmenta á proporção, que a fazem fugir do arco; a mesma distancia em que algumas cousas se poem, as fazem estar mais perto; e por este principio, tudo o que se esconde, se mostra. Quem differa, que o recato, e a modestia, mais chamaõ do que desviaõ, mais servem de convidar, que de afastar!

quem



quem foge , parece que quer que o sigaõ ; quem deixa , parece que quer que o busquem : o mesmo he cobrir o rosto , que incitar mil vontades de o descobrir ; a desconfiança faz nascer a instancia , e o cuidado ; o engano muitas vezes se evita só com não o presumir ; e com effeito o retirar-se , e por-se em defeza , he o mesmo que dar hum final de guerra ; o que se guarda , e se esconde , he a primeira cousa , que se assalta ; a liberdade do porto he o que o conserva livre de invasão.

O estimarem-se as cousas , que não tem valor , he o mesmo que fazellas estimaveis : o que se busca com ancia , nam he o que se dá , mas o que se nega ; o que se permite desgosta , o que se refuza , attrahe : o amor não tem setta mais aguda , que aquella que se armou de prohibição ; no tomar , parece que ha mais gentileza ;

leza , que no aceitar ; a difficuldade incita : muitas cousas nam tem outro algum merecimento , que o serem difficultosas ; a resistencia he o que move a vontade ; tudo o que se concede , he sem fabor ; a impugnação faz a couza consideravel ; porque lhe dá hum ar de empreza , e de vencimento : os mais altos montes são os que se admiraõ , só porque custão a subir ; a facilidade he aborrecida em tudo ; o lustre do argumento vem da contradicção. Isto succede á fermosura , a quem a vaidade prendeo só por livralla do amor : mas que pouco conseguiu a vaidade. Contra o amor não ha poder , apenas se póde impedir algum dos seus effeitos : a causa , isto he , o amor , sempre permanece constante ; a difficuldade , o retiro , e a prizaõ fazem , que a fermosura seja mais bella , e mais amante ; a natureza por achar desvio , não se despersuade ;  
a nos-

a nossa industria não a póde vencer; antes o mesmo he impedilla, que enchella de estímulo, e de alento; quanto mais a abatemos; mais a fortificamos; he engano parecernos, que podemos tirarlhe os meynos; por hum que lhe tirarmos, ella se ha de formar mil; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embaraçar, que nella o modo de conseguir; quanto mais a queremos ter adormecida, mais a despertamos; o buscar artificios para a socegar, he o mesmo que chamalla para o conflicto; o mesmo he reprimilla, que irritalla. As aguas de huma fonte correm mansamente, e sem ruido, apenas humedecem as flores, que lhe bordaõ o caminho; mas se neste encontraõ embaraço, ou se algum penedo, que o tempo arrojou do monte, se foy atravessar, e impedio o passo; entaõ se vê que aquellas aguas, vão cres-



cendo sobre si , e juntas se accumulão tanto , que ou rompem , e arrastão tudo o que as comprime , ou subindo se elevão de tal sorte , que chegam ao lugar , de donde por mil partes se lançaõ , e precipitaõ. Isto vemos nas aguas de huma fonte , donde não concorrem mais motivos , que aquelles que em hum corpo fluido procedem do pezo , e do equilíbrio. Só nas mulheres não queremos achar naturalidades; prendem-se porque são mulheres , como se quando vem ao mundo , troucessem na razaõ do sexo escrita a condemnação ; e que a fermosura só lhês fosse dada para regularlhes os grãos de desventura. Quem diria aos homens , que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil , e propensa , podem espiritualizar-se em fórma , que todas se convertaõ em discurso racional ? Trabalhe embora o ciúme , e juntamente a

Ee

vai-

vaidade; o ciúme em procurar que a mulher se não incline, e a vaidade em prescrever documentos á belleza, para que não aine sem certas proporções, e identidades; nem o ciúme, nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento; o amor não admitte força, nem imperio; ninguém ama, nem defama por preceito. Quem ha de tirar o gosto, que a alma sente, quando os olhos, ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro, e agradável? Como se ha de fazer, que a boca seja insensivel ao sabor de hum manjar delicioso; e os ouvidos como podem deixar de suspenderse ao som de huma voz sonora, e cheia de armonia? As primeiras qualidades não se podem mudar. Não podemos dar leys ás cousas, ao exterior dellas, fim; as palavras, e as acções admittem composição, e fingimento, a substancia dellas, não; por isso não  
he

he facil desapprovar, o que os sentidos approvaõ. Quem ha de reduzir a fermosura a crer, que deve fugir de quem a busca, e que deve querer mal a quem lhe quizer bem?

Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorisar humanos interesses! As cousas mais santas fazem os homens applicar a fins os mais injustos: qualquer semrazão para ser permittida, basta que seja necessaria; o ponto he, que haja quem faiba introduzir a necessidade della: os principios mais inalteraveis se alteraõ; o ponto he que o interesse, ou a vaidade sejam partes. As regras não governaõ aos homens, estes he que governaõ as regras. As leys não comprehendem ao legislador, nem aos que estaõ junto d'elle; as prerogativas do poder parece, que saõ communicaveis até hum certa distancia;



dahi para baixo ficão sendo como huma luz, de que se acabou a esféra. Só nos effeitos visiveis da Omnipotencia não vemos, que nenhum se mude, nem altere; o movimento dos astros, o progresso do tempo, a regularidade das aguas, tudo guarda huma ordem certa, e infallivel: o Artifice supremo não communica o seu poder, mais do que a si mesmo, isto he, á sua providencia; por isso as leys, que elle ideou no principio, e antes dos seculos, são as mesmas que subsistem hoje. Quem vio ainda, que houvesse dia em que as aguas não crescessem, e baixassem? Que o Sol se apartasse do Zodiaco, que a Lua deixasse as suas phases, que as Estrelas fixas variassem, e que o firmamento não circumvolvesse em vinte e quatro horas o universo? Quem ha que não admire as succesões do tempo nas estações do anno, a vegetação

getação da terra , a produção dos animaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracção , do repouzo , e do movimento ? Finalmente todas as cousas ainda observaõ o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foy de instituição divina , e que não depende da execução dos homens , permanece sem alteração ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relação , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrariedade. As leys primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , foraõ , e estaõ escritas nos corações , essas são as primeiras , que segundo as contingencias , para se não guardarem , se inter-

interpretaõ. Daqui vem que nascendo todos livres, a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Clausuras, que foraõ fantamente instituidas, e praticadas prudentemente, depois naõ sey se vieraõ a degenerar em hum modo de tirar-se a liberdade aos homens, e ás mulheres, e nestas veyo a cahir o rigor do excessõ: naõ fallo das que por desengano, e conhecimento proprio, buscaõ aquelle estado de virtude, mas sim daquellas a quem se fez tomar aquelle estado, ou por castigo do que fizeraõ, ou por castigo do que poderiaõ fazer; e com effeito o poderem algum tempo delinquir, ja lhes serve de delicto; nellas o mal futuro, e incerto, ja se suppoem presente; o poder algum dia succeder, val o mesmo que o successo; a disposiçaõ para ser, he o mesmo que ter sido; a possibilidade he o mesmo  
que



que realidade ; e desta forte , aquelle castigo , chega primeiro que o peccado , e aquella pena vem primeiro do que a culpa ; o supplicio antecede o crime. Cruel cautella , vingança premeditada ! A vaidade , e ciume dos homens , parece que accusaõ as mulheres , ainda antes de nascerem ; as mesmas partes saõ juizes ; por isso logo vaõ prevenindo os carceres , para donde destinaõ aquellas infelices , e para donde as conduzem , antes que ellas se conheçaõ , e poucos annos depois que nascem : assim devia ser , porque sempre foy propriedade da victima o ser innocente ; alli se vaõ costumando aos ferros , á maneira de huma fera preza , que ja não sente o pezo da cadea , antes com ella joga , e se diverte , á proporçaõ que a arrasta , e move. Prendem-se as feras , e tambem se prendem as mulheres ; aquellas por causa da braveza , estas  
por

por causa da mansidão; aquellas porque se enfurecem, estas porque se enternecem; aquellas porque aflustaõ, estas porque agradaõ; humas porque he necessario fugir dellas, outras porque he necessario que ellas fujaõ; e finalmente humas porque mataõ, e outras porque daõ vida. A prizaõ, com pouca differença he a mesma, os motivos são contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vaõ desentranhar as feras; prendem-se para que não fação mal; este he o pretexto, porém a verdade he que se prendem ás feras, para que sirvaõ de recreyo, e tambem de lisonja á vaidade em ver sujeito por industria, e arte, aquillo que se não sujeita por força, nem vontade. As mulheres que foraõ encaminhadas para os Claustros, he para que figaõ nelles o exercicio das virtudes; este he o pretexto, porém a verdade commummente he para  
que

que as mulheres não se inclinem , nem amem desigualmente. O interesse he da vaidade ; por isso as mulheres , que se offerecem a Deos por aquelle modo , não se offerecem mais do que á vaidade. São , como oblações de engano , que sendo a apparencia humana , o objecto he outro ; e são como o incenso , que se faz arder em huma parte , para que o ar divirta o fumo para outra. Imaginaõ os homens , que haõ de enganar a Deos , e para isso , entraõ primeiro a enganarse a si ; comecaõ a querer persuadirse que obraõ bem , e se a consciencia os contradiz , e inquieta , para a suffocar não faltaõ opiniões , doutrinas , e conselhos ; tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circumstancias , fique parecendo licita a impiedade , e a transgressaõ , e a violencia. A regra de que hum mal he permittido para evitarse outro mayor,



tem os homens estendido, e subtilizado tanto, que de illação em illação vem a chegar ao ponto, que não ha mal por mayor que seja, que não seja toleravel; e da mesma forte, de consequencia em consequencia vem a concluir, que não ha iniquidade que não seja ás vezes necessaria, nem injustiça, que não seja justa. Prenda-se pois as mulheres para que se evite o mal de que ellas amem; sejam conduzidas por força para os Claustros, para que não succeda que as amemos nós; sayão do berço para aquellas sepulturas, porque póde haver perigo na demora; e assim conheçam a morte, antes de conhecerem a vida; e saibão como he a prizaõ, antes de saberem como he a liberdade.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva tal, que vistas de hum certo modo

do , fiquem parecendo o que nós queremos , que ellas fejaõ , e não o que ellas faõ. O discurfo he como hum instrumento lizonjeiro , por meyo do qual vemos as coufas , grandes , ou pequenas , falsas , ou verdadeiras. O noffo pensamento não se accomoda ás coufas , accomoda-fe ao noffo gosto. O amor , a vaidade , e o intereffe faõ os moldes em que as coufas fe formaõ , e configuraõ para fe apprezentarem a nós ; e com effeito nenhuma coufa fe nos mostra como he , contra noffa vontade. Nunca eftamos taõ indifferentes , como nos parece ; as paixões não consentem neutralidade ; aquillo que entendemos , que nos não importa , costuma levar comfigo hum intereffe occulto , por iffo nos importa mais. O amor , e a vaidade ás vezes fe concentraõ , e disfarçaõ tanto , que nós mefmos dentro de nós , os não pode-

mos descobrir, apenas se fazem visíveis pelas obras; semelhantes ao fogo escondido na pedrneira, que se não deixa ver, se não he incitado pelo impulso do fuzil: daqui vem que tudo o que fazemos, he sem perceber o principio porque fazemos; por isso o que se faz por amor, ou vaidade, parece-nos que he feito por zelo, ou por virtude. Qual he o hypocrita, que conhece a sua hypocrisia? Qual he o vanglorioso, que conhece a sua vaidade? Qual he o amante, que conhece o seu delirio? Que facil cousa he o distinguir tudo nos outros, e que difficiloso o distinguir alguma cousa em si! Qual he o pay, a quem o filho parece enorme? Não só ha geração de filhos; tambem ha geração de acções: as nossas maldades não nos parecem mal, porque são nossas, nós fomos os que as produzimos: a natureza não só he mãy do

3011 IIII que



que faz perfeito, mas tambem do que faz defeituoso; he piedosa ainda com hum monstro, não por ser monstro, mas porque ella o fez: a terra não só cria a rosa, mas tambem os seus espinhos; não se empenha em produzir o bom, mas em produzir: a perfeição de alguma sorte não se comprehende na ordem da maternidade, mas he cousa como adventicia, estrangeira, e accidental. Nas acções dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as acções, contenta-se com ser progenitora; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada; por isso a nossa inclinação toda se dirige a obrar; a qualidade da obra, he eleição do amor, do interesse, e da vaidade. Origem depravada, pessimos consultores! Que póde obrar o amor, senão desvarios? Que se póde

póde esperar do interesse, senão injustiças; e a vaidade que póde fazer senão tyrannias? Estas são as que guião para os Claustros tantas fermofuras desgraçadas: não são desgraçadas por hirem para os Claustros, mas pelo modo com que vão. Que mayor desgraça do que deixar o mundo por força, e ficar nelle por gosto? Como ha de chegar á terra de promissaõ, quem leva o Egypto na memoria? Quantas estatuas de fal se haviaõ de ver, se as mulheres se convertessem nellas por olharem para o seculo que deixaõ! As galas com que vão ornadas, he o encanto que lhes vay suspendendo, e enganando a dor; semelhantes ao cordeiro manso, que primeiro o cobrem de flores, para o hirem entregar ás chaminas: ornatos alegres, e luzidos, mas funeraes! Quaes são as mulheres que não choraõ ao proferir das palavras fataes,

por-

porque se obrigaõ até a morte? Esta sentença irrevogavel ellas mesmas são as que cantando em altas vozes a publicaõ: mas que pouco póde encobrir o fingimento do canto, a verdade da lamentação! Que doçura póde haver em huma voz agonizante? A consonancia sempre se vem a terminar em pranto; aquillo não são vozes, são eccos do coração; o ecco he o fim da voz que acaba; por isso todo o ecco he triste, porque he fim; e com effeito o que se vê naquella hora, he o fim de huma mulher que acaba: o mesmo véo que a cobre, he luto; tudo nella são sinaes de afflicção, e de tormento, por isso leva os olhos abatidos, errantes, e confusos; os passos mal seguros, o aspecto vacilante, e timido, e assim mais parece, que caminha para o tumulo, que para o talâmo: as lagrimas fieis interpretes da alma; são as pri-



primeiras que reclamaõ tudo quanto alli se diz , e se promette ; ellas negaõ o que as palavras affirmaõ : a quem havemos de crer mais ? Pelas lagrimas se explica a alma , pelas palavras muitas vezes se explica o engano : quem chora certamente sente ; quem falla só se exprime : por força podemos dizer o que não queremos , nem sentimos , mas não se póde sentir , nem querer por força , aquillo que na verdade nem se sente , nem se quer : a lingua sabe mentir , os olhos não ; por isso os votos , que se fazem com violencia , sempre se fazem com lagrimas , e tambem por isso raras vezes se cumprem ; porque o coração , e a vontade não prometteraõ nada : aquillo que só exteriormente se promette , só exteriormente se guarda ; as palavras sem tenção não formaõ Sacramento , o que se faz por temor , não obriga : hum sacrificio

crifício involuntario , he sacrificio de sangue , e Deos uaõ se agrada ja dos holocaustos.

Mas que grande differença vay de huma mulher , que professou por força , a huma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou nelle de lugar : ambas entraraõ no Templo , porém huma só entrou para o profanar ; huma foy chamada por Deos , a outra foy mandada pelos homens ; huma foy para achar hum Esposo divino , a outra foy porque naõ achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Religiaõ , porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professaraõ , porém cousas contrarias ; porque o que huma professou , naõ quiz professar a outra ; ambas disseraõ o mesmo , porém huma só disse de boca , o que a outra tam-  
Gg bem

bem disse do coração ; huma fez o sacrificio , a outra só fez a cerimonia ; huma fez o que a outra representou ; huma fez o que mostrava que fazia , a outra só fez a fórma , ou a figura : ambas se obrigaraõ aos tres votos , porém huma foy com tençaõ de os observar , e a outra foy sem tençaõ nenhuma de os cumprir ; e isto he porque huma deixou os seus pensamentos fóra , e a outra nem os deixou , nem os levou : ambas hiaõ para jurar guerra ao amor , e á vaidade , porém huma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os idolos inteiros , e a outra , ou os não tinha , ou os tinha ja quebrados : finalmente ambas estavaõ no caminho da virtude , mas nem por isso eraõ ambas virtuosas ; por hum mesmo caminho hiaõ a partes differentes : o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mes-

ma



ma estrella serve de guia , para os que negavaõ encontrados ; ás vezes a origem do bem produz o mal ; no mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte ; as cousas que são contrarias no fim , as vezes são as mesmas no principio ; de hum mesmo tronco nascem ramos oppostos ; por huma escada sobem huns , e descem outros ; a Religiaõ he a escada por onde se sobe ao Ceo , mas a ninguem se ha de fazer subir por força ; porque entaõ ha o risco de cahir. Muitas mulheres entraõ nas Clausturas , porém humas vaõ ser pedras de escandalo ; e outras vaõ ser imagens de huma alma santa ; humas vaõ perverter , e outras edificar ; estas são as que estando ainda na terra , ja estão vendo os Ceos abertos : almas ditosas , pois que do instante em que foraõ buscar a Deos , logo comessaraõ a ser bemaventuradas ! E que

bem vieraõ a saber, que para achar a Deos, basta o buscallo: unidas em espirito a hum Esposo eterno, cujo amor he divino, cujo poder he supremo, e cuja misericordia he infinita, ja parece que vivem transformadas nelle. Feliz semelhança de huma transubstanciação prodigiosa! E quem duvida que he celestial huma alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? Por isso nella pôde pouco a humanidade, porque a mesma graça que a anima, tambem a exalta, e fortifica: a mortificação não lhe serve de tormento, de alivio sim; o seu martyrio he a sua gloria. Que meyo admiravel de converter em gosto as penalidades da vida; e que remedio infallivel, para que a dor sirva de delicia!



Que se enfureça o mar, que o universo trema, e que as nuvens  
cho-

chovaõ rayos , nada atemorisa a hum consciencia justa : a virtude leva consigo a tranquillidade ; esta he semelhante a hum dia sereno , e claro , em que todo o horisonte se cobre insensivelmente de hum luz brilhante , e igual ; e em que toda a natureza se alegra , e enche de vigor , e alento : entãõ se vê que os campos variamente matifados , mostraõ a verdura mais viçosa , e que de mil producções diversas formaõ hum labyrinto facil , vivo , e agradavel ; entãõ o ar puro , e immovel , faz que as fontes corraõ , e naõ murmurem ; que as aves cantem com mais suavidade , e mais ternura ; e que as flores cresçaõ livremente : assim devia ser , porque em hum bello dia , naõ ha vento que encespe as aguas , que perturbe as aves , e que desfolhe as flores : só entãõ he que os montes saõ amphitheatros , que servem de decoraçaõ  
aos



aos valles ; e estes pelo seu silencio ,  
saõ os que despertão na memoria ,  
huma contemplação activa , cheia  
de fervor , e saudade : finalmente  
em huma alma virtuosa tudo he des-  
canço , e paz. Neste estado vive  
aquella que foy ser Religiosa verda-  
deira ; a outra que só o foy no mo-  
do da cerimonia , vive afflicta , ar-  
rependida , e embaraçada ; tudo pa-  
rece que lhe foge ; nada alcança ,  
sempre traz opprimida a vontade , o  
desejo ansioso , a esperança cançada ,  
os passos irresolutos , e o pensamen-  
to occupado em ambições , amo-  
res , e vaidades. Não póde haver  
mayor desafocogo porque a ambição ,  
por mais que consiga , nunca se con-  
tenta ; e a inveja que a acompanha ,  
só lhe faz notar com averção os bens ,  
dos outros ; a vaidade em presump-  
ções , e altivezes , se consome ; a  
arrogancia que lhe assiste , para sua  
con-

confusão, faz acórdar nas gentes a noticia de huma origem miseravel, e por consequencia de hum injusto, e mal fundado orgulho: o amor todo se compoem de ancias, e suspiros; hum amante, só em quanto chora, he firme; ama em quanto tem de que se queixe; o que faz acabar o amor, he a ventura: rigorosa felicidade, pois que para existir, he necessario que não chegue, e para durar, he necessario que a não haja! Sempre o amor dependeo de contradicções, e de implicancias: e assim se vê que a vaidade, o amor, e ambição, são os verdugos de huma alma peccadora; por isso vive em sobrefaltos, e vive cuidadosa sem saber de que, e inquieta sem saber porque. O encanto da culpa, por mais que lhe tire a lembrança dos motivos, não lhe póde tirar a angustia delles; a cada passo lhe parece que a terra se sub-

subverte, ou que se abre o abyfmo ; o ruido de huma folha que cahe, a fufpende ; em cada voz cuida que ouve a fatal fentença, que fendo dada condicionalmente no principio do mnndo, só fe publica no fim del- le. O fabio que comparou o ciume ao Inferno, talvez que melhor fize- ra, fe ao Inferno comparaffe a feal- dade do peccado, e com effeito fe ha coufa que fe pareça ao Inferno, certamente he o peccado, e a efte só o Inferno póde fer de algum mo- do comparavel : affim devia fer, por- que huma coufa foy feita para a ou- tra. Entre tudo o que causa efpanto, só o horror de huma noite efcura he femelhante á culpa ; e na verdade que mayor hõrror do que ver a terra coberta de fombras, e combatida de huma tormenta furiofa? As pedras parece que fe quebraõ, as torres que fe precipitaõ, os edificios que fe

aba-



abatem, e as arvores que se arrancam: a força da tempestade, tudo o que encontra desfaz, e despedaça tudo o que resiste; o que he solido, e seguro, está mais exposto, e arriscado; na fortaleza consiste o mayor perigo: ja não he hum, mas muitos ventos que entre si pelejaõ; as gentes humas assombradas, buscaõ nas planicies hum emparo menos duvidoso; as mesmas feras deixaõ as cavernas; a todos parece que he menor o mal, entregando-se a elle sem abrigo, e sem defensiva; outras com supplicas, com votos, e protestos, recorrem ao favor da Omnipotencia, e procuraõ achar nos templos hum asylo sagrado; a luz dos relampagos repentina, e palida, a cada instante se mostra, e os olhos timidos, e assustados, tambem a cada instante se fechaõ; alguma vez havia de fazer pavor a luz: segue-se depois hum

Hh

dilu-

diluvio de agua ; abrem-se as cata-  
ractas do Ceo ; os elementos se unem,  
como para destruir a habitação , e  
habitadores da terra ; mil inunda-  
ções conduzem para o mar os sinaes  
lastimosos das ruinas ; alguma vez  
havia de ser o mar quem recebesse em  
si os restos do naufragio. Esta pintu-  
ra que a imaginação dibuxa , e que  
a experiencia mostra , he o retrato  
de huma alma em culpa ; esta debai-  
xo de hum semblante alegre , enco-  
bre sustos , temores , e agonias ; o  
peccado tem horas em que dentro de  
nós mesmos nos accusa , e essas são  
as horas por onde começa a pena do  
peccado ; o conhecer o crime he por  
onde começa o castigo d'elle : e quem  
ha que não conheça a sua culpa ? Es-  
ta o que a faz criminosa , he o co-  
nhecella ; a innocencia não he mais  
do que huma falta de saber ; a igno-  
rancia faz os brutos impecaveis.

To-

Todas as mulheres sabem que o buscar a Clausura por vontade , he o meyo de evitar o vicio ; mas que importa ? Nem por isso vão por aquelle caminho , se as não levaõ ; não basta que as guiem , se tambem as não arrastaõ. Cruel condicão da natureza humana ! Que occulta sympathy terá comnosco o mal , que antes o queremos seguir por entre espinhos , do que ao bem por entre rosas ? O caminho , que conduz para as felicidades do Ceo , por mais que seja largo , e alegre , parece-nos estreito , e triste ; e aquelle que conduz para as felicidades da terra , por mais que seja triste , e estreito , parece-nos alegre , e largo ; mas que ha de ser , se somos terra. Compramos o vicio á custa de trabalhos , e afflicções ; a virtude não a queremos de graça ; ao vicio estimamos , porque depende de objectos exteriores , e estes mui-



tas vezes custosos , incertos , e arriscados ; desprezamos a virtude , porque só depende de nós ; bons podemos ser sempre , porque basta que o queiramos ser ; para sermos máos , necessitamos de occasião. Quantos damnos traz comfigo a facilidade ! Os tres votos , que se julgaõ taõ pezados quando se professaõ , são os mesmos com que todos vem ao mundo ; todos nascem pobres , castos , e obediẽtes : a pobreza , e a obediencia quem as conserva he por força ; a castidade só por vontade se póde conservar ; e com effeito quem ha de segurar hum voto , que se quebra só com o desejo ? A castidade do corpo difficulosamente se guarda , a da alma , ainda com mais difficuldade , não sey em qual das duas consiste a castidade verdadeira ; se consiste na do corpo , essa he material , e está sujeita a mil enfermidades , e

accidentes , e talvez póde perderse sem consentimento de quem a perde ; e seria injusto , que huma qualidade tão bella , e em que se funda a virtude mais superior , ficasse dependente da força , do tempo , da opiniaõ , e tambem de algum successo involuntario : he pois na alma o donde consiste a castidade mais perfeita , e verdadeira ; mas sendo assim , donde se ha de achar a castidade ; pois para corromperse , basta hum instante de vontade , de inclinaçaõ , de pensamento , de amor ?



Na republica das letras não ha menos vaidade que na republica das armas ; sim he huma vaidade metaphysica , espiritual , e que na sua origem tem huma existencia vaga , e inconstante ; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto ; são os discursos ,

fos , e a disputa , objectos sem corpo , vãos por natureza , e por instituto. O campo desta vaidade he a imaginação : campo vasto ainda quando he infecundo ; e que brota lirios , e violas , quando não produz rosas , e assucenas. Assim que entramos no mundo , entramos também a defender a nossa opinião ; neste combate se passa inteiramente a vida : a guerra do entendimento não tem fim senão conosco ; guerra feliz em que ninguem fica vencido , ou ao menos em que ninguem crê que o foy , e em que cada hum pela sua parte canta a vitoria ! A razão nos arma contra a razão mesma ; cada hum cuida que a tem por si , que a vê , que a toca , e que a conhece ; sendo que quasi sempre , o que temos por razão , não he mais do que huma sombra della , e ainda essa mesma sombra he tão escura , e es-

con-



condida, que quando a encontramos, he mais por sorte que por experiencia, e mais por accaço que por estudo. O ter, ou não ter razão, he verdadeiramente a guerra em que se passaõ os nossos dias, e os nossos annos. O não ter razão argue vicio na vontade, ou erro no entendimento: que defeitos estes para que a vaidade os reconheça?



Contra o nosso parecer, nunca achamos duvida bastante, contra o dos outros sim. A vaidade he engenhosa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas producções do engenho ha huma especie de creação; daqui procede que ninguem se desdiz sem repugancia, porque a natureza he inflexivel no intento de conservar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao lustre da  
in-

invenção ; queremos produzir muito, e meditar pouco, por isso erramos ; mas depois que o erro se naturalisa em nós , ja o não vemos , senão com a figura de razão.



He mais facil sustentar huma opiniaõ má , do que escolher huma boa ; porque o erro he como hum edificio , cuja fabrica exterior he composta de huma infinidade de angulos ; com algum deste encontra o discurso facilmente , porque são muitos , em lugar que o acerto he como hum ponto fixo no meyo de huma esphera ; o discurso que anda vagando á roda , não vê o ponto , porque este he só hum ; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre : são innumeraveis as linhas , que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum ; alguma linha ha de verse , porque são muitas ,

e o

e o centro não , porque he unico : a superficie do globo impede o poder ver-se a sua concavidade ; ou se ha de ver huma cousa , ou outra ; ambas ao mesmo tempo não póde ser.



Sobre o mesmo caso , ha muitas opiniões más , e só huma he boa ; por isso esta acha-se com trabalho , e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vão ter a huma má opinião , e só hum conduz para a que he boa. A rectidão de huma linha só se faz por huma fórma , por isso he difficultosa ; a obliquidade faz-se por muitos modos ; por isso he facil. Cada cousa que vemos , he por entre huma infinidade de outras cousas ; a opinião tambem se mostra por entre huma infinidade de outras opiniões ; e da mesma sorte a razão , que se offerece , he por entre huma infinidade



de outras razões; neste labyrintho nos perdemos. Cada cousa tem tantas partes por onde se considere, que de qualquer modo que a imaginemos, sempre achamos argumentos, que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmão o acerto: daqui vem que ha opiniões para tudo, assim como para tudo ha exemplos. Aquillo, que nos parece que he sem duvida, he donde ás vezes a ha mayor. As aguas do Oceano, por mais que sejam crySTALLINAS, nem por isso deixaõ ver o fundo que as sustentas; que importa que sejam claras, se são profundas? Recebemos as idéas, que o entendimento nos propoem, ou certas, ou duvidosas; e assim as conservamos: o emendallas he difficil, porque a emenda depende do mesmo entendimento, que erra. A vaidade faz a obstinação, porque he como hum juiz inexoravel, que nunca mu-

da,

da, nem refórma; se he que o amor da producção não concorre ainda mais.



A vaidade de adquirir nome, he inseparavel de todos os que seguem a occupação das letras; e quanto mayor he a vaidade de cada hum, tanto he mayor a sua applicação: não estudaõ para saberem, mas para que se saiba que elles sabem; buscaõ a sciencia para a mostrarem; o seu objecto principal he a ostentação, e assim não he a sciencia que buscaõ, mas a reputação; esta he como as outras, em que o adquirir he mais facil que o conservar; e verdadeiramente o conseguirse hum nome, póde ser obra de hum dia, ou de hum hora; o conservallo he empreza de toda a vida. Do accaço de hum successo póde resultar hum nome grande, mas de hum accaço,

Li ii                      não

naõ póde resultar a conservação del-  
le. Bem se póde ser feliz por accaço ;  
mas naõ se póde por accaço ser sem-  
pre feliz. A fortuna naõ só governa  
as armas , mas tambem as letras ; por-  
que a memoria , se huma vez se per-  
mitte com abundancia , nega-se mil.  
Em qualquer estado , se tem a repu-  
taçãõ por felicidade ; porém esta he  
difficil conservar-se á proporçãõ que  
he grande. Algumas vezes póde de-  
pende de nós o buscar huma occa-  
siãõ favoravel , de que venha a proce-  
der hum grande nome ; porém naõ  
está na nossa mão o fazello durar.  
Hum merecimento ; ou hum saber  
pequeno , póde fazer adquirir huma  
grande fama , e o mayor merecimen-  
to junto ao mayor saber , naõ basta  
para a conservar. Por mais bem fun-  
dada que seja huma grande reputa-  
çãõ , nem por isso he possível o ter  
segura a opiniaõ das gentes. Os ho-  
mens



mens canção-se de admirar; passados os primeiros movimentos em que as cousas raras, attrahem, como por força, o nosso louvor, e approvação; depois, a vaidade de quem admira, he a primeira que se desgosta; irrita-se contra tudo o que he superior. Huma qualidade eminente que vemos nos outros, fica-nos sendo como huma qualidade adversaria, e opposta. A vaidade, ou a inveja, que ella produz, não só se dirige contra a opulencia alheya, mas tambem contra a alheya sabedoria; a sciencia não tem mayor inimigo, que a ignorancia: tudo o que está em lugar alto molesta-nos a vista, e a attenção; só o que está no lugar em que nós estamos, não nos offende. A igualdade, e uniformidade he natural em tudo; por isso os que se afastão desta ley universal, ficam sendo odiosos aos que se conservão  
nella.

nella. Ha muitos meyos para subir ; a vaidade he a que guia a todos ; e com effeito sem vaidade ninguem sobe ; nem procurá subir ; estes sim ficam confundidos em huma vulgaridade escura ; mas ninguem lhes examina se os passos com que sobem , são justos , ou injustos ; as azas da vaidade tambem se derretem. Quem não tem vaidade não desperta a dos outros contra si.

Os que crem que sabem mais que os outros , ou se enganaõ , ou se persuadem bem : se se enganaõ ; o mesmo engano lhes serve de ludibrio ; se se persuadem bem , a vaidade da sciencia os faz tão ferozes , e severos , que ficaõ sendo insupportaveis. A sciencia humana communmente se reveste de hum ar intratavel ; imagem toska , desagradavel , e impolida. A especulaçaõ traz consigo hum semblante

blante distraído, e desprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a sciencia se corrümpe no homem; porque este he como hum vaso de iniquidade, que tudo o que passa por elle, fica inficionado: as cousas trabalham por se accomodarem ao lugar donde estão, e por tomarem delle as propriedades, só com a differença, de que as cousas boas fazem-se más, porém estas não se fazem boas. Nas sociedades, o mal he mais communicavel; a perdição he mais natural; o que he bom mais depressa tende a perderse, que a melhorar-se; os frutos da terra quando chegaõ ao estado de madureza, nem persistem nelles, nem retrocedem para o estado da verdura; antes caminhaõ até que totalmente se arruinem; por isso o ultimo grão de perfeição, costuma ser o primeiro na ordem da corrupção. Naquillo em  
que



que a Providencia não predefinio hum ser permanente, e inalteravel, a natureza não cessa de moverse em quanto não desfaz, em quanto não corrompe, e em quanto não acaba. A sciencia acha no homem propensão para a vingança, para a ira, para a ambição, e para a vaidade; nenhuma destas inclinações lhe tira, antes as conforta; porque a sciencia não vem fazer hum homem novo; assim como o acha, assim mesmo o deixa. As noticias, que alguns foraõ alcançando pela successão dos tempos, e que para as fazerem respeitaveis, e as conservarem em huma magestade primitiva, as foraõ caracterizando com nomes pomposos, e pouco intelligiveis, huns Latinos, outros Gregos, outros Arabicos; como Filosofia, Geometria, Algebra, essas taes noticias a que chamaõ sciencias, não se adquirem brevemente, nem he

trabalho de hum dia ; mas de muitos annos , e de toda a vida ; e desta forte antes que qualquer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar connosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinações ; e nesta fórma quando as sciencias chegam , não he para nos emendar , porque ja vem tarde ; e se então nos emendamos , essa emenda não he effeito da sciencia , mas da nossa debilidade. Os homens mais facilmente se mudam , do que se emendam ; quem muda he o tempo , a sciencia não. Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidade de os conservar ; e ainda então o que perdemos , he o uso delles , e não a vontade ; largamos o exercicio , e não o affecto ; desistimos da occupação , e não da inclinação ; e finalmente nós não somos os que

KK dei-

deixamos os vícios, elles são os que nos deixaõ; nós os seguimos de longe, e por mais que os sigamos cançados, nunca os perdemos de vista; quando não podemos ir, os objectos nos arrebatãõ: a memoria dos nossos vícios passados, nos está servindo de vicio presente; e quem sabe quaes são os que obraõ com mais vigor, e mais activamente? A imaginação não he cousa tão sem corpo como nos parece; talvez que não tenha de menos que o ser mais subtil, e desta qualidade o que póde resultar, he o ser mais duravel. Não sey se houve ja quem reparasse, que o gosto dos successos são menos attractivos na realidade, do que são depois lembrados; a complacencia não he tão forte, quando a primeira vez se mostra na verdade, como quando se repete na lembrança, e se representa sempre; o susto do perigo não he tão gran-



grande no instante que succede , como he depois que se recorda , e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pasmo tal , que fica como abortivo , immovel , e insensivel ; só a imaginação não se entorpece facilmente , por isso recebe as impressões do gosto , e do pezar , em toda a sua força , e em toda a sua extensão ; o pensamento he o lugar em que a natureza se concentra , e fortifica ; daqui vem que tudo quanto se sente , ou se vê com o pensamento , fica sendo mais visivel , e mais sensivel. Não he pois a sciencia a que nos ensina , o tempo sim ; a sciencia he como hum crystal claro , que posto sobre huma má pintura , sim lhe dá lustro , mas não a faz melhor , nem de mais valor ; a luz que he symbolo da perfeição , não faz mais perfeito nada do que alumea : cada cousa guarda o seu defeito original ; e assim devia

Kk ii

fer ,

fer, porque a natureza de cada cousa  
tambem se compoem do seu defeito,  
e este quem lho tira, desmancha a  
mesma cousa, porque a desune, e  
a separa: em qualquer composto não  
só he parte principal o que ha nelle  
de excellente, mas tambem aquillo  
que tem de inferior; o dividillo ou  
emendallo seria o mesmo que perdel-  
lo: em hum medicamento tambem  
entra o simples amargoso, e este se  
se tira, fica o remedio sem virtude.  
Tudo he singular na sua especie: o  
verdadeiro ser das cousas não de-  
pende da approvaçãõ do nosso gosto;  
de parecer mal, não se segue que o  
seja; as cousas menos estimaveis, e  
ainda as mais aborrecidas, tiverãõ  
famosos Apologistas; nós regulamos  
tudo pela nossa sensibilidade, e nesta  
he que costuma haver o engano; isto  
vem a ser o mesmo que pezar por  
hum pezo falso; medir por huma  
me-

medida errada ; e calcular por hum compasso incerto : a infidelidade está no instrumento que peza , e que mede ; tudo o que julgamos , he segundo a nossa razão , e segundo a nossa sciencia ; miseravel instrumento , mil vezes falso , e enganoso ! A ignorancia tem produzido menos erros que a sciencia ; esta o que tem de mais , he que sabe introduzir , espalhar , e authorisar ; e segundo a nossa vaidade o errar importa pouco ; o ponto he sustentar o erro ; e nesta fórma o que a sciencia nos traz , he sabermos errar com methodo.

~~~~~  
E com effeito em que se accordaõ os sabios ? Qual he a doutrina em que todos concordaõ , qual he o systema em que todos convem , ou qual he o principio em que todos se fundaõ ? Só a vaidade he certa em todos. Não ha furor a que hum homem



mem se não entregue, só pela vaidade de ser cabeça de hum dogma, ou de huma opiniaõ. Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia, que se diz ser a primeira das sciencias. Os discipulos de Aristoteles dividiraõ-se em duas seitas, ou em duas parcialidades; huma foy a que chamaraõ Nominaes, e outra a dos Realistas; os Nominaes diziaõ, que as naturezas universaes não eraõ outra cousa mais do que nomes; os Realistas, seguindo opiniaõ contraria, affirmavaõ, que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente causas que existiaõ na realidade. Occaõ, Frade Inglez, e discipulo de Scoto, foy o cabeça dos Nominaes, e João Duns o era dos Realistas: estes seguiaõ a Aristoteles mais literalmente; os outros não admittiaõ nenhuma entidade superflua, tendo sempre por infallivel o axioma do Philosopho, quando diz,

que

que a natureza nada faz em vão. Estas duas leituras fizeram em Alemanha hum tal progresso, que huma materia inutil, indifferente, e puramente de opiniao, veyo a parar em fazerse della hum ponto de honra; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excesso a todos, que os argumentos só se decidiao pelas armas; os combates particulares vierão finalmente a reduzirse a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo phanatismo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitar, determinou, que em todas as livrarias se fechassem com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudesse abrir, nem ler. Daquella sorte veyo a ficar a doutrina de Aristoteles tao desfigurada, pelas subtilezas com que cada hum queria sustentar a vaidade da sua opiniao, que essa foy a causa principal

pal de desprezar-se a Filosofia, e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles forão levados a França no seculo treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Constantinopla; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios daquelle Filosofo, foy condemnado como Herege por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles, e condemnou os seus livros ao fogo: a mesma prohibiçaõ se tornou a renovar por hum Legado, sómente a respeito da Fyfica, e Metaphyfica. Gregorio IX. diminuiu a prohibiçaõ do Concilio de Pariz por huma Bulla expedida em 1231.; prohibindo a leitura das obras de Aristoteles, sómente emquanto se não extirpavaõ os erros, que resultavaõ, ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366. os Cardeaes Joaõ de S. Marcos,



cos, e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Universidade de Pariz, concederão, que se pudessem ler varias obras de Aristoteles, exceptuando a sua Physica. O Cardeal de Estoureville em 1452, fazendo varios regimentos para a mesma Universidade por mandado de Carlos VII. ordenou que os Estudantes, e Bachareis fossem examinados pela Metaphysica, e Moral de Aristoteles. Em 1601, concedeo á Universidade de Pariz o uso, e lição das obras daquelle Filosofo, e juntamente da sua Physica; e á imitação da Universidade começaram todos os estudos publicos a seguirem a Filosofia Peripatetica; esta foy combatida em 1624. por conclusões; porém a faculdade de Theologia de Pariz, e o Parlamento, tomou a sua defeza: a Sorbona fez hum Decreto, pelo qual censurou aquellas Conclusões,

Li

sões, e o Parlamento por hum Acor-  
daõ ordenou tres cousas, a primei-  
ra que aquellãs Conclusões fossem la-  
ceradas; a segunda, que todos os  
que as tivessem defendido, fossem ris-  
cados dos livros das matriculas; a  
terceira, que todos os que ensinassem  
algumas maximas, que fossem contra-  
rias aos Authores antigos, e approva-  
dos, incorressem em pena de morte.  
Em 1629. declarou o Parlamento,  
que se não podiaõ impugnar os prin-  
cipios da Filosofia de Aristoteles, sem  
se impugnarem tambem os da Theo-  
logia Scholastica recebida na Igreja:  
porém não obstante todas estas pro-  
ibições, e declarações, entrou Gas-  
fendo a escrever contra aquelles prin-  
cipios; e o Cartesio se-fe cabeça de  
hum novo systema, ou nova feita.  
Depois destes começou a Filosofia de  
Aristoteles a perder muito do seu pri-  
meiro lustre: hoje as Filosofias todas  
se

se compoem de Mathematicas; de forte que ja não ha syllogismo; que conclua, senão he fundado em alguma demonstração Geometrica; na Physica não se está pelo que se diz, senão pelo que se vê; pouco importa que se affirme que este, ou aquelle Metéoro procede desta, ou daquelle causa; se isso se não mostra por meyo de alguma experiencia; ou instrumento. A formação das nuvens, do vento, da chuva, dos rayos, e terremotos, e de outros muitos effeitos naturaes; a Chimica não só ensina como se produzem; mas também os imita; e isto sem ser necessario saber se o Syllogismo está em *Barbara*, ou em *Celarent*. Hum lambique, hum Eolipilo, huma machina Pneumatica, e a mistura de varios corpos, explicaõ mais em huma hora, do que hum professor de Filosofia em muito tempo; o entendimento percebe me-



lhor sendo ajudado pelos olhos, do  
 que só por si. Nas mais sciencias  
 tambem tem havido fortunas, e des-  
 graças; todas encontraraõ hum tem-  
 po feliz, e outro infauſto: a vaidade  
 dos primeiros Meſtres, continuada  
 em ſeus ſucceſſores como herança,  
 foy a fonte, em que naceraõ as ſcien-  
 cias; destas a Monarquia principal,  
 he a Europa; na mayor parte do mun-  
 do, o desprezo das ſciencias paſſou  
 á Religiaõ; aſſim devia ſer porque a  
 vaidade, que resulta das ſciencias, he  
 vaidade de homens livres, e eſtes só  
 os ha na Europa; o Diſpotiſmo re-  
 duziõ as outras partes a eſcravidaõ.  
 Que vaidade póde haver em hum eſ-  
 cravo? Eſte ou ſeja valeroſo, ou ſa-  
 bio, nada diſſo he ſeu: o valor, e  
 ſabedoria tambem entraõ na eſcravi-  
 daõ; a vaidade que o eſcravo póde  
 ter, tambem pertence ao Senhor: o  
 edificio, a carroça triumphal, o al-  
 fange,

fange , a pendula , são instrumentos incapazes de vaidade em si ; da bondade delles só o Senhor se desvanecce : assim são os escravos ; se ha Automates no mundo , são elles.



A vaidade das letras he mayor do que a vaidade das armas ; estas fim tem occasiões de mayor pompa , de mayor grandeza , e de mayor admiracão ; mas tudo nas armas he semelhante ao rayo , cuja luz , e estrepito se extingue em hum instante. Os Heroes nunca chegam a durar hum seculo ; as suas acções não duram mais , se a fortuna lhes não dá na republica das letras alguma penna illustre , que conserve a vida daquellas mesmas acções ; ja succedidas , ja passadas , e ja mortas. A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica na apparencia , não deixa de ser altiva , e arrogante. As aguas , que vão fazendo

do escumas ; e que correm com ruído , não são as que assustaõ mais ; aquellas que parecem negras , que passaõ em silencio , e que apenas se movem , essas são donde o perigo he certo : nas prayas he donde o mar se levanta mais , e faz estrondo ; donde he pego verdadeiro , em que as ondas como em campo largo em si mesmas se abrem , se suspendem , e revolvem , não tem o mar bramidos , nem furor , mas he lá donde o risco he grande. O damno não costuma estar tanto donde se mostra , como donde se esconde : assim são as letras , e assim são as armas ; estas fazem o rumor aquellas o estrago : as armas fazem o mal , mas acabaõ com elle , as letras o mal que fazem , dura ; as armas canção , as letras não ; a espada nem sempre póde usar de força , e de traição ; a penna sempre póde ser traidora , e aleivosa ; he arma  
ob que



que não póde acautelar-se; quanto mais leve, e mais subtil, mais perigosa: daqui vem o ferem as letras de algum modo inexpugnaveis, e por consequencia vaidosas, porque o ser invencivel precisamente influe vaidade; o combate das sciencias entre si, são combates invisiveis, em que ninguém se rende; e o render-se valeria o mesmo, que huma confissão expressa de ignorancia; e com effeito, de quem cede, nunca se prezume haver cedido, porque conheceo a razão alheya, mas por falta de saber sustentar a sua; a fraqueza não se attribue á proposição, mas a quem a defende; de sorte, que a sciencia não consiste em saber conhecer, mas em saber responder, e arguir; por isso quem mais disse, he quem mais soube: as letraõ não se costumaõ tomar pelo pezo, mas pelo volume; fazem-se recommendaveis pela extensaõ; o  
pon-

ponto he qve cresçaõ na quantidade ; a qualidade he materia indifferente ; ellas não avultaõ pelo que são ; mas pelo que soaõ ; regulaõ-se pelo aparato , e não pela substancia ; estimaõ-se pelo que parecem , e não pelo que valem ; o que importa nellas , he ter no exterior hum brilhante falso , cujo resplendor furtado escandalize os olhos de quem o quizer ver de perto ; basta que a attenção fique assombrada com o aspecto de huma imagem nova , ainda que na verdade não seja mais que huma fantasma ; a superficie deve estar coberta de huma claridade intensa , e forte ; o fundo seja embora confusaõ , cegueira , cahos. Só o que he precioso , he todo o mesmo em si , e o mesmo em todas as suas dimensões : o diamante não tem parte em que não seja diamante ; a roda que o pule , por mais que lhe multiplique as faces , em todas

das o acha igualmente duro ; não he mais solido em hum lugar, que em outro ; a porção , que o engaste cobre, não he inferior á aquella que se mostra ; a luz por toda a parte encontra nelle a mesma resistencia , por isso retrocede reflectida , como em vibrações de varias cores. Não são assim commummente as letras ; o que ha nellas de agradavel , he o que fica exposto á vista , e por isso ornado de emblemas , de proporções , de correspondencias , e figuras ; o mais he hum labyrintho informe , rude , e indigesto ; o metal burnido applicado fora , não deixa ver por dentro o pão sem lustro , nem valor.

São raros os que nas letras buscam a sciencia ; o que buscam , he utilidade , e applauso ; este he objecto da vaidade , aquelle da ambição : outros ha , que quando buscam as sci-

Mm encias ,



ências, nellas buscaõ tudo; não só interesse, plouvor, e approvação dos homens mas tambem hum quasi dominio delles; as letras são armas com que querem adquirir sobre os mais homens hum direito de conquista: esta idéa, ou esperanza, parece que nasce com elles, e com elles cresce; ainda estão nos primeiros elementos das primeiras artes, quando logo se propoem aquelle intento, para este se encaminhaõ todos os seus passos; das virtudes, e dos vicios seguem aquelles, que conduzem para aquelle fim; e assim não são virtuosos, nem viciosos por natureza, mas por occasião: a natureza não os fez máos, nem bons; elles he que se fazem a si, por seguirem o que a occasião pede. Sempre estão promptos para deixarem a virtude, e abraçarem o vicio, e tambem para deixarem este, e abraçarem a virtude,

crio. 19      m. 1      com

com tanto que disso dependa a sua elevação. Deslealdade, fé, religião, hypocrisia, tudo para elles val o mesmo; olhaõ para os vícios, e virtudes, como para varios instrumentos de que hum artifice perito se sabe servir a tempo, não segundouo que a razão pede, mas segundouo que pede a obra: para que ninguém os siga, nem conheça, vão desfazendo, ou escondendo os degrãos por onde sobem, e só no ultimo se mostraõ, mas entaõ ja tem na mão o rayo, ja não são imagens de pequena consequencia; são constellações formidaveis, e funestas; a aquella altura nenhum incenso chega; o respeito mais profundo, he vulgar; o que exigem, he silencio, e adoração; e ainda esta ha de ser de longe, porque o chegar a elles de algum modo, he sacrilegio. Os sabios venturosos, de tudo fazem azas, até das cousas

mais impróprias para voar; por isso qualquer crime nelles fica sendo huma acção justa; nos outros huma culpa leve he delicto atroz: para tudo tem huma multidão de applicações, e intelligencias; estas são as que dão ser a todas as suas cousas; e todas nas suas mãos mudão totalmente de figura; nada lhes parece como parece aos outros; querem reformar o mundo, pouco reformados em si; soberba, ambição, grandeza, são os tres polos, em que se estabelecem, e se fundão; aquelles são os Idolos, a quem unicamente sacrificão, e de quem elles são ao mesmo tempo, retratos, e originaes, idolos, e idolatras; Narcisos das suas acções, e sobre tudo das suas letras, elles são os primeiros que se admiraão, e se applaudem; e tudo com tal arte, que aquella admiração sem fé, por ter nelles mesmos hum principio errado, e sus-



e suspeitofo, elles de tal sorte a es-  
palhaõ, que depois de introduzida,  
vem a servir-lhes de titulo legitimo;  
e se ha por accaço quem duvide, ja  
he tarde, porque na fama tambem  
cabe prescripção; he como huma  
posse, que fica sendo prova do domi-  
nio. O vulgo tudo o que recebe, he  
sem exame, e depois, antes quer  
permanecer no erro, do que entrar a  
examinar; e com effeito he mais fa-  
cil ir com os que vaõ, do que parar  
para os suspender: por isso os que  
adquirem opiniaõ de sabios, ficaõ  
graduados por acclamação, mas essa  
opiniaõ devem á fortuna, e não a si,  
porque as mais das vezes apenas  
faudaraõ de longe as letras; e assim  
se verifica, que a quem tem fortuna,  
basta o saber pouco; se he que para  
fortuna o saber não basta. Tanto he  
certo que as cousas se implicão, e  
confundem tanto, que nas mesmas  
razões

razões , em que se funda a razão que affirma , tambem se póde fundar a razão que nega : daqui vem , que he motivo de huma grande vaidade , o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que desfarma outro ; para o deixar sem defeza , e para o render com as suas proprias armas ; tambem com o discurso fabricamos armas contra nós , e essas são as mais fortes , porque he como hum mal que se fórma dentro em nós , e que he mayor á proporção que he nosso : o damno exterior admite mais reparo.



Naõ são as sciencias as que costumão pacificar o mundo ; desordenallo sim. O exercicio , ou a vaidade das letras , toda se compoem de discussões , objecções , e duvidas ; a disputa em si he cousa mais principal do que a materia da questão : alteraõ-

teraõ-se os animos , mas não se persuadem , porque não disputaõ pela razaõ , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relogio aparta os combatentes ; estes separaõ-se , porém nenhum vay sabendo mais ; porque como no argumento não busca-vaõ a verdade , por isso esta sempre fica ignorada , occulta , e desconhecida ; o ponto he , que fique satisfeita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim não se trataõ as cousas , trataõ-se as palavras dellas : daqui vem , que o ficar vencido na fórma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como cousa estrangeira , e indifferente. De dous textos contrarios a fadiga que resulta , he ver , se ha meyo de os poder unir , e conciliar ; que a razaõ esteja em hum , e não em outro ; isso im-



importa menos; a arte está em subtilisar de forte, que ambos os textos fiquem conservados, e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral; tire-se embora a fé á verdade, e á justiça; porém não ao texto; este sempre deve servir de regra, por mais que seja regra errada, e não direita; o empenho da vaidade não está em descobrir a verdade, mas em ostentar v. g. huma erudição Rabinica, e mostrar que na lingua Hebraica, a palavra *alma* nunca significou outra cousa senão *virgem*. Como a vaidade das sciencias traz consigo hum desejo immenso de adquirir nome, este parece que se adquire á força de vozes, e estas devendo ser de fóra, costumão fahir do mesmo sabio pretendido; elle he o que entoa o cantico, e sempre acha na turba quem o siga: na confiança de começar, encontra-se huma especie de  
valor

valor de que a fortuna se namora ;  
a resolução de pegar nos louros , e  
nas palmas , faz parecer que são suas :  
ha muito , que as sciencias tem o pri-  
vilegio de poderem ellas mesmas  
coroar-se a si ; e com effeito o saber  
na realidade mais , ou menos , he se-  
gredo , que fica escondido ; estamos  
pelo que indicaõ as insignias ; e nas  
letras , huma parte do que vemos ,  
são edificios vãos , compostos só-  
mente de hum soberbo frontispicio ;  
e este , por mais que inculque hum  
fundo grande , quem lho busca , não  
o acha ; por isso tem fechadas as por-  
tas ; e se algum entra , he daquel-  
les , que sabem o defeito , e tem inte-  
resse nelle ; os mais todos são profa-  
nos. A sabedoria humana he como  
a cortina do theatro ; nella se vem  
pintados primorosamente jeroglifi-  
cos , medalhas , inscripções , e at-  
ributos ; e nesta variedade de acções ,  
e de

e de sujeitos , se suspende a vista; e o coração que admira , todo se deixa penetrar de hum respeito , ou medo veneravel ; mas se algum impaciente , e indiscreto fôrça a cortina , e entra , o que vê , he hum lugar escuro , embaraçado , sem ordem , nem aceyo ; vê Actores ainda cobertos de roupas miseraveis ; alguns, vestida a gala , e empunhado o cetro , ( adornos alheyos , e suppositos ) vê chegados a huma luz defanimada , recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho ; outros defronte de hum espelho sombrio , exercitando a cadencia dos passos , das acções , do gesto , e reveftindo os semblantes de hum aspecto alegre , ou triste , e de hum ar de soberania , de valor , e de justiça : vê as Actrices , que não menos cuidadas , alli mesmo se ajustaõ , e preparam ;



paraõ ; e que algumas a pezar do tempo , e a milagres do artificio , cuidaõ que reparaõ em brevissimos instantes , a ruina que fizeraõ muitos annos , semelhantes ás serpentes quando se renovaõ , mas não taõ felices ; todas em hum espelho portatil estudaõ amor , desdem , severidade , contentamentos , lagrimas ; tudo aprendem no crystal , mestre mudo , e fiel , e que mudamente ensina a propriedade , o ar , a graça ; mas que importa , o ar he vaõ , a graça he enganosa , e a propriedade he falsa ; o representar he mentir ; desde que a scena começa , até que acaba , não se vê mais do que hum fingimento de acções , e de figuras ; quem mais se distingue , he quem melhor exprime o que não sente , e quem parece melhor o que não he : a arte não está em imitar , mas em contrafazer : as sombras substituem

o lugar das cousas ; e a relação da historia , fica sendo a historia mesma : o mentir por aquelle modo , he hum meyo facil para imprimir facilmente na memoria os successos passados ; he huma tradição , que se communica agradavelmente , não só pelo que se ouve , mas também pelo que se vê : alguma vez havia de ser util o engano ; e com effeito daquella sorte vemos os combates sem perigo ; as virtudes vemos com gosto : e se vemos também os vícios , he sem entrar nelles , para os aborrecer , pela fealdade com que se mostraõ , e não para os seguir. Em theatro mayor , e em mayor scena se passaõ , e representaõ as vaidades do mundo , e entre ellas a vaidade das sciencias ; o homem não se entende a si , e cuida que entende a fabrica dos Ceos ; ignora a ordem da sua propria composição , e crê que não ignora

ignora o dè que se compoem a terra ;  
naõ sabe a economia dos seus mes-  
mos movimentos , e julga que sabe o  
como se move o Univerſo ; finalmen-  
te naõ ſe conhecendo a ſi , preſume  
que tudo o mais conhece. A vaidade  
do ſaber parece que arrebatã o ho-  
mem , e que em eſpirito o faz circu-  
lar os orbẽs celeſtes ; lá conta o nu-  
mero dos cryſtalliños , vê a eſfera  
do fogo , e mede a diſtancia , o giro ,  
e grandeza dos Planetas ; porẽm aſſim  
que torna a ſi , nada de que tem em  
ſi ſabe , nem conhece : vê hum cor-  
po ſabiamente organifado , e nelle  
acha vōtade , intelligencia , ira ,  
averſão , vaidade , deſejo , eſperan-  
ça , amor ; acha hum ſangue que ſe  
move , e hum calor que o anima ;  
tudo diſtingue com nomes differen-  
tes ; paixões , ſyſtole , diaſtole ef-  
píritos vitaes , humido radical ; ef-  
tes ſão os nomes ; a que erradamente  
cha-



chamaõ das cousas, não sendo senão nomes dos effeitos; o que se conhece, ou sabe, he o effeito das cousas pela distincção dos nomes; mas o conhecer o nome, não he conhecer a cousa. Todos sentimos a impressão do ardor, mas ninguem sabe, o como essa impressão se faz; e desta sorte o que conhecemos, he o effeito do frio, e não o frio; vemos a determinação da vontade, mas não sabemos o como a vontade se determina. Quem he que sabe de donde vem o agrado da harmonia, nem o desagrado da dissonancia? Hum voz suave nos encanta, hum som aspero, e agudo nos molesta; mas quem ha de dizer o donde procede no som a suavidade ou a aspereza? Os effeitos mais sensiveis, e mais certos, são os da dor, e tambem do gosto; mas quem he o que conhece, de que se origina o gosto, nem de  
que

que se fórma a dor? Ainda os effeitos das cousas conhecemos mal, só os sentimos; parece que só temos sensibilidade, e não conhecimento; aquillo que conhecemos, he porque o sentimos; do nosso sentir resulta o nosso modo de conhecer. Os primeiros principios, e os primeiros movimentos reservou-os para si a Providencia; o homem só ficou exposto a elles, para os admirar, e não para os saber. A vaidade das sciencias toda se cança em conjecturas; que faz passar por demonstrações; quando suppoem, que encontra a parte, em que póde desfatar o nó; então o aperta mais: os discursos perdem-se na immensidade vaga de huma materia impenetravel; a natureza sabe eludir todos os nossos estudos, e conceitos; não he mais facil no que mostra, do que no que esconde; não he menos reservada no que produz á  
su-

superficie da terra; do que naquillo que fórma no seu centro; só ella conhece as suas leys, e os seus segredos: vemos nascer a flor, cresce á nossa vista; mas nem por isso sabemos o como a flor nasce, nem o como cresce: a difficuldade sempre fica sendo a mesma; o nosso engenho todo se evapora, em bellas fantasias, e em razões notaveis; mas estas só servem de enganar, ou de entreter a mocidade que começa, e que ainda não sabe por experiencia, que a mayor parte das cousas de que o mundo se compoem; nem se podem ensinar, nem apprender. A vaidade da sabedoria humana não se funda na certeza da sciencia, mas na certeza da cadeira; esta á maneira de huma torre inexpugnavel, infunde terror; le o discípulo docil, e innocente, recebe como de hum oraculo as decisões do Mestre: os que  
-m  
estaõ



estão debaixo da disciplina, vem o barrete doutoral, como se fosse hum resplendor, de cuja luz se não duvida, por isso a vaidade do Mestre exige respeito, e credulidade: esta he a primeira lição; a verdade sempre nos parece que está no lugar mais alto, e que brilha mais; e se a buscamos em outra parte, he semancia, nem cuidado: o apparatus exterior não só nos dispoem, mas também nos persuade; os olhos assombrados, não deixam o animo livre para resistir; a singularidade da pompa, não só authorisa, mas authentica; não só leva a si a nossa attenção, mas também a nossa submissão; não só nos faz obedecer; mas crer.

Os sabios da terra não são os mais proprios para o governo della. As Republicas, que se fundaram, ou se quizeram governar por sabios, per-

Oo deraõ-

deraõ-se ; acabaraõ-se ; temos noticia dellas pelo que foraõ , e naõ pelo que saõ. Roma, essa illustre capital do mundo , ou ao menos da mayor Republica , que o mundo vio ; essa universal conquistadora , para cuja gloria concorreo a fortuna mais constante , e cujo poder se manifesta ainda ; ou ja referido nos seus Fastos, ou ja representado nos vestigios preciosos das ruinas , como em obeliscos , arcos triunfaes , columnas , circos , aqueductos , urnas sepulchraes ; essa Cidade altiva em que o mundo se quiz resumir , e abreviar ; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo , do tempo em que as sciencias chegaraõ ao mayor auge. Julio Cesar , famoso Heroe , e sabio Capitão , foy o que nos campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria , e se fez ao mesmo tempo senhor della.

Quem

Quem dissera a Roma, que no seu proprio seyo se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros; e que as fachas para a abraçar, se haviaõ de acender dentro dos seus muros! Roma, sempre vencedora, e invencivel, cessou de o ser, assim que achou em hum filho ingrato, hum sabio armado. As mayores crueldades, ou foraõ feitas, ou aconselhadas pelos Sabios; estes quando persuadem o mal, he com tanta vehemencia, e taõ efficaçmente, que as gentes na boa fé, buscaõ, e praticaõ esse mal, como por enthusiasmo, e sem advertirem nelle. A impiedade, he huma das cousas que a sciencia ensina; naõ porque esse seja o seu objecto, ou instituto, mas porque quando a impiedade he util, á força de a ornar, se lhe tira o horror. A vaidade das sciencias naõ consente, que haja cousa de que ella naõ



possa, nem se saiba aproveitar. Os erros commummente são partos da sabedoria humana; o errar propriamente he dos sabios, porque o erro suppoem conselho, e premeditação; os ignorantes quasi que obraõ por instituto; a sciencia sabe ligitar o erro, a ignorancia não: por isso nesta não ha perigo de que ninguem o approve; em lugar que naquella ha o perigo de que a multidaõ o siga. O erro na mão de hum sabio he como huma lança penetrante, e forte; na mão de hum ignorante, he como huma arma quebrada, sem uso, nem consequencia. As cousas parece que recebem mais da fórma, que se lhes dá, que da natureza que tem; não se attende á substancia do marmore, ao pulido sim; a dureza importa menos que a figura. As sciencias são os que dão o lustre ás cousas, e sempre dão o lustre que lhes parece; ou

duvi-

duvidoso, ou falso, ou verdadeiro ;  
a vaidade, he o artifice.



Os Heróes são os que comba-  
tem, os que vencem, e conquistão ;  
porém os sabios são os que de al-  
gum modo reinao, e governao. O  
trabalho, e o perigo, he dos He-  
róes; dos sabios he o fruto: aquel-  
les contentao-se com a gloria do ven-  
cimento, estes o que querem, he a  
utilidade da vitoria; huns reservaõ  
para si a vaidade do nome, outros  
naõ querem mais do que servir-se da  
authoridade d'elle ; o guerreiro se-  
mea sangue, para o sabio colher flo-  
res. He certo, que cada Potentado  
naõ he mais do que hum só homem;  
na campanha sim póde commandar a  
muitos mil: huma voz, hum final,  
hum clarim basta para fazer mover  
hum corpo formidavel ; porém na  
paz naõ he assim, porque nella o  
gover-

governo he como huma guerra civil, que faz entre os mesmos Cidadãos, e entre os mesmos naturaes; então mandão os sabios; por ser guerra sem estrondo, não he menos arriscada; nella se vem traições, ataques, subtilezas; aquillo que em guerra viva decide a espada, na paz decide a pena; esta tambem corta, ainda que não tão depressa, e nisto mesmo consiste hum dos seus modos de cortar; a lentidão afflige á maneira de hum martyrio, que para ser mayor, se faz por arte vagaroso; e com effeito a morte parece que não he morte quando chega, mas sim quando está para chegar; o ultimo instante he insensivel, porque he como hum tempo, que se não compoem de tempo; a dor para se fazer sentir, necessita de espaço; por isso a agonia não he quando alguem acaba, mas quando está para acabar. Assim  
-19vog são



saõ as dilações , de que no ocio da paz se formaõ os conflictos ; estamos vendo acabar-se a nossa vida , sem que se acabe a nossa dependencia ; esta vay ficando como herança ; e para ser herança infeliz , sem estimação , nem preço , sempre passa com a qualidade de incerta , e duvidosa , porque sempre fica dependente da inclinação , do arbitrio , e do juizo humano : isto he o mesmo que não ficar sujeita a cousa nenhuma certa , mas a huma pura sorte. A fortuna , o tempo , a occasião , o humor , a hora tem mais parte nas decisões , do que a ley , a verdade , e a justiça ; esta , ou a sua imagem symbolica , em huma mão tem a balança , e na outra a espada ; mas que peza na balança ? Ponderações , discursos , e argumentos são as partes por onde o direito se governa ; mas são partes , que se não podem pezar , porque não tem cor-

corpo, nem entidade; e assim já temos a justiça impropria, até na mesma idéa da sua representação, e se a quizermos defender pela sua antiguidade, convenhamos em que as razões se pezem; mas em que mãos ha de a balança estar para ser fiel? Nas dos homens, certamente não; nas de hum Deosa fim. A espada tem mais exercicio na justiça; por isso sempre está em acção, isto he, levantada; e com effeito o ferir he mais facil, porque he mais facil tambem o descarregar o golpe, que o suspendello: a força que suspende, he violenta, a que descarrega, he natural: mas como póde a justiça ter na espada hum exercicio justo, se a balança na mão dos homens não tem uso; e se o tem he sómente imaginario, e na realidade impraticavel? A espada depende da justeza da balança, e assim vem a depender de hum

instrumento inutil ; fim depende de hum balança certa , para saber o como , o quando , e em que caso ha de ferir ; mas para nosso mal , a balança na mão da Justiça pintada , he que se vê ; não porque deixem de haver homens justos , mas porque a justiça verdadeiramente não se póde pezar ; he hum acto de discurso , e este em cada homem , he sempre incerto , vago , e vacilante. Para dar a cada hum o que lhe toca , não basta ter hum vontade perpetua , e constante ; nessa mesma vontade he donde o erro se introduz. Finjamos que o discurso he como hum campo largo , em que a verde Primavera faz nascer aquella multidão de bellas flores , mas entre estas , quem impede que não nasça alguma flor com vicio , ou alguma planta agreste , inferior , e errante ? As flores nascem no campo , os discursos em nós ; felices são as



flores , pois forão produzidas na terra humilde , e por isso mesmo incapaz de vaidade, e ainda cheya de simplicidade virginal : infelices os discursos , pois nascendo em nós , nascem de hum limo peccador , e por isso terra ingrata , impura , e adulterada.



Só Deos governa só. Os Potentados não podem governar , sem terem varias jerarchias , ou ordens de Magistrados ; nestes delegão o poder ; os Magistrados subdelegão aquelle mesmo poder em outros , e estes o tornaõ a subdelegar : assim se fórma hum corpo vasto , composto de muitos membros , e todos animados por hum mesmo , e unico poder : este visto , e tomado na sua primeira origem , he justo , pio , verdadeiro generoso , legitimo , protector , paterno ; he hum poder , em que parece  
está

está depositado , ou delegado o poder de Deos : depois que sahe daquelle centro para dividir-se , ou repartir-se , logo se altera : em quanto está no throno , he puro ; se se affasta del-  
le , degenera ; he como hum arvore , que se transplanta para hum terreno improprio : as aguas são limpas quando nascem ; depois fazem-se imundas , segundo os lugares por onde correm : o espirito não anima as partes , que estão fóra do seu corpo , e a alma que parece , que habita em os membros todos , foge , e se retira , dos que foram separados : a claridade da luz não se communica bem , se a distancia em que está he excessiva ; o fogo não tem calor , senão dentro da esfera da sua mesma actividade ; as cousas postas fóra da sua região ; tomão hum natureza contraria , e ficam outras. Que cousa póde haver , que pareça estar mais fóra da sua re-  
giaõ,

giaõ, da sua esféra, e do seu centro, do que o exercício do poder, e da justiça na mão dos sabios? Estes são prodigos daquelles attributos, ufaõ delles como cousa emprestada, e alheya; a sciencia que os fez subir, he o que desprezaõ mais; não porque totalmente desprezem a sciencia, mas porque esta prescreve certos modos, e limites, que se não podem passar, nem deixar de chegar a elles; esta necessidade serve de angustia; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito, e de terminado; a vaidade da sciencia não se accomoda em seguir, o que quer, he que a sigaõ; não quer observar a regra, quer fazella. Os sabios sofrem mal o serem executores, e não legisladores; e com effeito a execuçaõ, soa huma specie de servidaõ publica; por isso cada hum se fórma huma sciencia particular; e esta he a  
que



que propriamente he sua : daqui vem os diversos pareceres ; nem póde deixar de ser , porque nenhum sabio se governa pelos principios communs a todos , mas por aquelles que só a elles são communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmação dos seus : mas como póde não ser assim , se he regra , que em certos casos não deve a regra servir de regra , nem o principio de principio , nem a ley de ley ? Então vem a consistir a observancia da ley , na transgressão della , a conformidade com o principio , consiste em se afastar d'elle , e a sujeição á regra , consiste em a violar ; desta sorte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitraria , e fundada mais no conhecimento dos casos , do que no conhecimento das leys : estas são as que se applicão , e na occasião de serem applicadas , he que tem o perigo de se  
que-

quebrarem, ou torcerem; ellas se quebraõ, e se torcem, ainda sem ser por fraqueza de quem as applica, mas por culpa da mesma couza. Vemos aquelles sabios, quasi sempre desunidos; todos estudaõ as mesmas leys, mas no modo de as praticar, nenhum concorda; naõ só disputaõ quando aprendem, mas tambem quando sabem; em disputar passaõ todo o tempo de aprender, de ensinar, e de usar; o que argumenta, e duvida mais, he o que dá melhor final de si; o saber embaraçar mais, he o mesmo que saber mais; o applauso naõ segue a quem tirou a difficuldade mas a quem a poz; nem tambem a quem a desfez, mas a quem a fez; a ostentaçaõ naõ está em fazer assentar no que a couza he, mas em arguir, e destruir tudo aquillo em que se assentar: celebre sciencia, em que os ignorantes, parece que estaõ de  
me-

melhor partido que os sabios ! Estes vem tanto , que a multidão das coufas que vem , os confunde , e cega ; aquelles vem menos , e por isso vem mais : a abundancia de sciencia faz aos sabios pobres de saber ; neste caso a sabedoria está em poder tornar para o estado de ignorancia ; a maneira de alguem que retrocede para buscar o que perdeu : alguma vez succede a quem caminha , o passar além do lugar para donde vay ; então quanto mais caminha , mais se perde ; porque busca adiante aquillo , que ja lhe fica atraz : tanto erra quem anda menos , como quem anda mais ; e tanto se desvia quem não chega ao lugar , como quem o passa. Hum vento muito forte ainda que seja favoravel , he tormenta ; a luz nem por ser muito intensa , he mais clara ; as aguas , que correm precipitadas , para pouco servem ; a grande



de velocidade as faz inuteis , e incapazes ; o pezo não só fica sendo errado , por ter de menos , como por ter de mais ; as cousas não só se arruinão por fraqueza , mas também por fortaleza ; a saude demasiada passa a enfermidade ; o preceito não só se quebra pela diminuição da observancia , mas também pelo excesso : algumas virtudes ha , que são vícios moderados ; a temperança he como huma raya , que está entre o vicio , e a virtude , e que distingue o bem do mal ; nas sciencias também se pecca , por se saber nellas mais do que se deve saber : a nossa comprehensão não he infinita ; depois que recebe huma certa porção de intelligencia , fica sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cansa , e fica como imbecil , e enervada. Depois que hum vaso está cheyo de licor , o que se lhe deita mais , perde-se,

se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil, que o turva: daqui vem, que os sabios são confusos commumente, embaraçados, e irresolutos, á maneira de quem leva sobre si hum grande pezo, que sempre vay com medo, e de vagar: a immensidade de regras, de opiniões, e de doutrinas, de tal sorte os occupa, que ficam como prezos, e immoveis: a variedade de razões, e de razões contrarias, que hum sabio acha em qualquer cousa, o suspende em fórma, que fica sem saber, qual razão ha de seguir; em todas considera fundamentos admiraveis para serem approvadas, e para o não serem, tambem em todas considera fundamentos grandes: daqui vem as dilações, irresoluções, e perplexidades; este he o caso em que aquillo, que não decide a inclinação, decide a hora; a for-

tuna he a que move a pena, que absol-  
ve, ou que condena. O sabio que  
fluctua no meyo de razões, e opposi-  
ções iguaes, finalmente lá se deixa  
levar por alguma razaõ exterior, e  
indifferente; as cousas remotas, que  
naõ tem relação alguma, nem con-  
nexaõ com a materia, entraõ em  
concurso, com as que formão o cor-  
po, e substancia della: o litigante a  
quem o Juiz vio, ou fallou ultima-  
mente; aquelle, que sabe ser mais cor-  
tezaõ, cuja voz he mais sonora, e  
cujo nome he facil de pronunciar, ou  
de escrever, esse he o que vence, e  
a quem se julga a palma; esta naõ  
foy tirada do campo da peleja, mas  
de outro lugar estranho, e independ-  
dente. Assim governaõ os sabios,  
por isso ha tanta incerteza, e mudan-  
ça nas suas decisões; o que hum dis-  
se, outro reprova; o que hum fez,  
outro emenda; e muitas vezes na  
emen-



emenda he que está o erro; semelhante ao mal, que procedeo unicamente do remedio; cada hum defende a sua opiniaõ, e persiste nella; e cada hum se persuade, que o erro não esteve na decisaõ, mas na reformaçaõ; em todos fica constante a vaidade da sciencia; e algum que se retrata, tambem o move a vaidade de não ser, nem parecerse com os outros: huns fazem vaidade de serem infalliveis, outros tambem se desvanecem de mostrarem, que o não são: deste genero são poucos; porque a vaidade de desprezar a vaidade he muito rara, e em si mesmo he estimavel. A virtude, ainda que venha de hum principio vicioso, sempre he virtude de algum modo, ou mais ou menos qualificada; o obrar bem por qualquer motivo que seja, he bom; as nossas acções, não se determinão pela causa que mostraõ, mas por outra

que se não vê; e entre todas as causas, aquella que consiste em hum vaidade innocente, he menos má. Que importa, que a vaidade seja a que incite o exercicio do valor, da constancia, da sciencia, e da justiça? O impulso, que move, fica separado da cousa movida: dous dicores contrarios por mais, que se misturem, sempre parece que hum foge do outro, e se separa; o artifice, o instrumento, a obra, tudo são partes distinctas; a vaidade póde incitar a virtude, mas não incorporar-se a ella; póde juntar-se; mas não unir-se.

A sciencia de fazer justiça he verdadeiramente sciencia de Deos, e dos seus substitutos na terra, que são os Soberanos: he impossivel dar-se injustiça em Deos; nos Soberanos, não he impossivel, mas he improprio: nos mais homens a injustiça he quasi

natural. Quaes são aquelles de quem se possa dizer exactamente, que não tem interesse, inclinação, ou dependência? Qualquer destas circumstancias serve de impedir o exercício, e sciencia da justiça. Só os Reis relevam immediatamente de Deos, e só de Deos dependem; os mais homens todos dependem huns dos outros, porque ha mil modos de depender: aquelles mesmos, a quem a altura do lugar faz parecer totalmente independentes, são os que muitas vezes dependem mais: aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna, poz em hum certo gráo de authoridade, necessitam de adquirir nome, e reputação; necessitam da opinião, e approvação dos outros homens. Que mayor necessidade de dependência! A opinião, e approvação commua, não se fórma do parecer de hum só, nem ainda do parecer de muitos, mas  
do



do parecer de todos ; e desta sorte os mesmos de quem todos dependem, são também os que dependem de todos. A opinião das gentes não he cousa tão pouca, que della não dependa a conservação do lugar , e da authoridade : o receyo de que o poder se perca , ou o respeito diminua , he o que occupa cruelmente aos que estão em lugares eminentes ; nestes ninguém está seguro , nem ainda os mais felices , porque se hum a mão poderosa os sustem como elevados no ar , póde largallos , e quando crem que estão em assento firme , não estão senão suspensos : as azas de hum a boa fama são as que os sustentão , se ellas faltaõ , o mesmo braço , que os sustende , os precipita : o favor supremo , raramente he indiscreto , e se accaso se inclina sem razão , isto he , se alguém por engenho , e arte , se fez injustamente amar de hum Soberano ;

no, este no dia do seu furor castiga aquella usurpação, e sobrepção de amor; castiga o crime de quem se fez amar por artificio. A inclinação dos Reys costuma fundar-se em merecimentos, e virtudes; destas se compoem o encanto magico, que attrahe a si hum favor prudente; mas se foraõ fingidas as virtudes, e se os merecimentos não foraõ verdadeiros, irrita-se aquelle mesmo favor, á proporção que tem pejo da sua preocupação, e credulidade: nenhum engano he mais sensível, que aquelle que se dirige a roubar o affecto; a alma, que amou, não só sente o ter amado injustamente, mas sente tambem o não dever amar mais, porque a impressão, que o amor fez, não se póde tirar sem estrago, e dor da parte a donde está: o que foy gravado profundamente, não se desfaz sem ruina, e perda: para aniquilar-se a  
fór-

fórma de huma estampa, he necessario perderse a estampa toda ; não só a figura, que ella representa, mas tambem o corpo, em que a representação está. Aquelles pois, que devem ás letras a sua exaltação, e que entendem, que feitos arbitros do mundo não dependem d'elle, são os que na verdade estão mais dependentes, porque a fama da sciencia, que os conserva, tambem he mudavel, e inconstante, e o mesmo favor que os fez subir como sabios, póde fazellos descer como ignorantes. A sciencia não he qualidade tão certa, e permanente que não possa soffrer alteração. Tudo em nós tem decadencia, e só a sciencia a não ha de ter? Nem he preciso, que concorra alguma causa natural; as paixões bastão para perverterem as sciencias; não tomadas universalmente como ellas são em si, mas tomadas como são em cada hum

-101 de



de nós. Huma pequena nuvem basta para escurecer a luz do Sol; as paixões são como muitas nuvens juntas. Aquelle, em quem a ira não pôde encobrir a luz do entendimento, e da sciencia, a ambição ha de encobrilla, e se o não fez, poderá fazzello a grandeza do respeito, e na falta deste, lá vem o amor, não só armado de setas, mas de lagrimas; não só fiado no seu imperio, mas tambem na sua submissão; não só com animo de render, mas de renderse; fatal combate, em que a mayor força consiste na falta de fortaleza, e em que o ficar vencido, he o meyo por onde a victoria se segura; mas se nem o amor, nem a ambição, nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico, lá vem finalmente a vaidade, e esta sempre vem feita invisivel, e acompanhada de todas as paixões, mas disfarçadas: o desejo,

Rr

a diffi-

a dissimulação, a preguiça, e a inveja, vem cobertas de hum sayal modesto, e trazem no semblante hum ar composto, e humilde; a vingança, a soberba, a rapina, e a altivez, vem cobertas de fumos de varias cores, e de differentes fórmãs. Assim se introduz enganosamente a vaidade, e assim vive em nós sempre escondida, como inimigo occulto, e traidor; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis, e quando os deixa ver, he por algum interposto meyo, por onde elles mostrem o contrario do que são. Havendo tantas sciencias, apenas ha alguma que faça; que nos conheçamos a nós, nem aos nossos vicios, nem a nossa vaidade. As sciencias humanas, que aprendemos, commummente são aquellas, que importava pouco que soubessemos; deviamos aprendernos a nós, isto he, a conhecernos; de que serve  
o sa-

o saber, ou pretender saber, como o mundo se governa, ao mesmo tempo que ignoramos, o como nos devemos governar? Para tudo somos sabios, só para nós somos ignorantes. Falta-nos o conhecimento proprio; não porque nos faltem regras, e preceitos para que possamos conhecernos, mas porque a vaidade se oppoem a huma sciencia, que faz humilde a quem a sabe: he arte muy difficultosa de aprender aquella que nos tira a presumpção. Que inutil cousa he hum espelho para quem sabe que se ha de ver a elle horrendo, difforme, e macilento! Por isso fica sendo como huma alfaya sem uso, e desprezada: o ser fiel, e verdadeiro, he crime, quando a verdade molesta, e abate; o espelho que não lisonjea he prejudicial.



A sciencia de fazer justiça he  
Rr ii don-



donde a vaidade he mais perniciosa. Quem dissera, que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum ! Não só ha vaidade nisso , mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes , que a cada hum se não dá, o que he certamente seu. A corrupção das gentes está tão espalhada , que faz parecer virtude , huma obrigação que se cumpre , huma divida que se paga , ou huma verdade que se diz. As cousas não se regulão pelo que deviaõ ser , mas pelo que poderiaõ ser ; isto he , o deposito que se entregou , podendo-se negar ; a divida que se podia não pagar , e se pagou ; a verdade que se disse , podendo-se esconder ; e assim a privação do vicio serve de virtude actual ; e de alguma sorte , para ser hum homem virtuoso , não he necessario que faça algum acto de virtude , basta que não faça algum de vicio ; e de al-

algum modo tambem; o ser leal não depende do exercicio da lealdade, basta que se não exercite alguma aleivofia. O mundo está tão pervertido, que a bondade dos homens não se tira da razão de serem bons, mas da razão de não serem máos: o nome da virtude, não vem da virtude presente, mas do vicio ausente; o merecimento das cousas, não se toma pelo que são, nem pela fórma que tem, mas pelo que não são; e pela fórma contraria que não tem. Daqui vem que huma acção he louvavel, só porque não he reprehensivel. Aquelle meyo de não ser, nem huma cousa, nem outra, parece que o não ha ja; ficaraõ os extremos, e extinguiu-se o meyo. Tudo propende para o que não deve ser, por isso não sey se podemos admirarnos, de que as fontes ainda corraõ para o mar; de que o fogo ainda abraze; de que o ar

ain-

ainda se mova ; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos não se mudão, mas he, porque estão subordinados ás primeiras leys, que lhes deo o author do mundo ; temos o uso delles, o dominio não ; devem servirnos, e não obedecernos: a nossa prevaricação estende-se a tudo quanto foy, ou he obra nossa ; por isso a vaidade se communica, e tem jurisdicção em tudo aquillo em que nós a temos. Daqui procede, o ser a sciencia da justiça humana, huma sciencia mudavel, inconstante, e varia; porque as leys da vaidade sabem confundirse com as leys verdadeiras da justiça. A vaidade tambem tem regras, e Doutores. Quantas injustiças não terá feito a vaidade de fazer justiça ! A mesma vaidade que inspira a rectidão, a embaraça. Revista-se embora o soberbo Magistrado de hum semblante rugoso, implacavel,



vel, adverso, e truculento; faça-se irrisível totalmente, áspero, severo, e defabrido; mostre hum aspecto sombrio, terrível, taciturno, e intratavel; falle de hum ar, e tom de soberania; tenha sempre o pensamento distrahido, como que o tem todo occupado em Ulpiano, e Bartolo, ou que está combinando na memoria algum ponto de grande consequencia, de que talvez depende a economia do Universo; nada disso pertence á natureza do Magistrado, á natureza da vaidade sim. Hum jurisperito incivil quer que até na gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo; e que se veja até na sua fôrma exterior, huma fôrma judicial. Aquelle frontispicio, cujo ornato consiste na desordem, he a primeira cousa que a vaidade expõem, como em espectáculo, quando quer alcançar huma  
accla-

acclamação de justo. Mas quantas injustiças não produz o desejo, ou a vaidade de adquirir aquella acclamação! Não póde haver justiça, quando esta se exercita por algum fim, que não seja por ella só; nem póde ser justo nunca, quem tem por objecto principal, a gloria de o parecer. Tudo o que se busca por ostentação, busca-se por qualquer meyo que for, isto he, ou justo, ou injusto; quem procura a voz da fama, que lhe importa a figura do instrumento que ha de fazer aquelle som; o que o fizer mais espantoso, e o espalhar mais longe, esse he o que convem; nem importa que a voz seja sonora, e certa, o ponto he que seja forte. Quem he muito sensível á vaidade do nome, e á vaidade da opinião, communmente he insensível á realidade da cousa; esta fica desprezada, se se póde desprezar com segurança, e  
sem

sem receyo; quando só se quer o effeito, não se procura, nem attende a causa; por isso a quem deseja o applauso da virtude, esta fica sendo indifferente; e a quem deseja o applauso da justiça, tambem esta fica sendo menos importante. Daqui vem, que a justiça costuma fazerse para soar: aquella que soa mais, (ou pela grandeza da materia, ou do sujeito) essa he a mais agradavel a quem a faz; porque della se fórma a voz da fama, e juntamente nasce della o nome, e reputação de justo. A vaidade não se contenta, com o que as cousas são, mas com o que parecem, com tanto que pareçam grandes; nem faz caso do que a cousa he, mas do que se diz que he: estima o merecimento não segundo a qualidade delle, mas segundo o effeito, que faz na estimação das gentes: não faz distincção entre o louvor extorquido, e o lou-



vor merecido justamente, basta-lhe que seja louvor; e isto he porque a vaidade não se formaliza da verdade do principio; o que quer he, que os homens se admirem; que tomem hum exhalação por hum estrellá, importa pouco: daqui vem, que hum acção illustre, mas feita em segredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude escondida, e que não se sabe, a vaidade a julga por hum virtude perdida, e morta.



O juiz, que decidio contra hum litigante poderoso, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a si todo o suffragio popular; a multidão o canonisa sem exame, e o faz passar por justo, inteiro, e sabio. Assim se engana, ou se deixa enganar aquella multidão cega, e sem experiencia; presume no juiz hum espirito de justiça, firme, e incontestavel,

tavel , só porque o vio julgar contra a grandeza do poder ; mas não vê que nisso mesmo quiz o juiz astuto , fundar a sua grandeza propria ; opprimio injustamente ao grande , ( porque nem sempre a razão , e a justiça estão da parte dos humildes ) aquelle foy o meyo que buscou para fazer-se admiravel entre todos , e adquirir reputação em poucas horas : huma só injustiça lhe deu a opiniaõ de justo ; huma só iniquidade o fez illustre ; talvez que huma vida longa , e cheya do exercicio da justiça verdadeira , não fizesse tanto ; isso mesmo previo o maligno julgador ; por isso quiz anticiparse aquella gloria , ou vaidade , por meyo de hum crime , que o vulgo commummente não suppoem : daquella forte conseguiu hum alto nome ; mas que importa , elle mesmo o desconhece ; todos o tem por justo , e só elle não se tem a si ; o enga-

no produzio o effeito para os mais; para elle não; todos o estimão porque o crem justo, e só elle se reprehende, porque interiormente sabe que o não he; a todos pôde enganar, só a si não; a consciencia, que não teve para julgar á outrem, tem-na (a seu pezar) para julgar-se a si; em si mesmo tem hum Tribunal, que o accusa, e que conhece claramente o seu delicto; aquelle conhecimento he o por onde começa desde logo a sua pena; a sentença contra hum julgador impio, elle mesmo a pronuncia; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro, com tudo lá vem algum tempo em que parece, descança a vaidade, e desperta a consciencia; esta nem sempre vive em hum letargo, ás vezes se levanta como estremecida, e assombrada; então a ouvimos

suf-



suspirar dentro de nós , á maneira de hum gemido queixoso , ou eco triste, que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coração se sobressalta , e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só então podemos ver naquella luz serena , e pura , luz da justiça , e da razão ; então se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razão por instituto , nella mesma se introduz a vaidade. Quem dissera , que a escuridade das trevas póde ter lugar na mesma parte em que a luz preside ! Que á vista da fermosura , póde ter veneração a fealdade ! Que huma voz irracional , e rouca , póde entrar sem desordem no concerto da harmonia ! Que entre as pedras preciosas , póde ter valor a pedra tosca ! Que o metal grosseiro tem hum preço igual

ao metal brilhante! E finalmente quem dissera, que no templo da divindade póde ter algum culto, o idolo! Entre extremos taes, a distancia que ha, he infinita; e com effeito entre o vicio, e a virtude; entre o engano, e a verdade; e entre a injustiça, e a justiça, não ha caminho certo, nem proporção, que se conheça; o mesmo meyo parece que he injusto, e vicioso. Mas que importa: a vaidade faz, que não seja excessiva a distancia dos extremos, porque quando os não póde chegar, e unir, faz com que ao menos se possa ver de longe; he o que basta para de algum modo os concordar, e tudo sem mais força, nem trabalho, que o de dar á verdade alguma sombra, algum pretexto ao vicio, e alguma cor á injustiça: e assim em quanto houverem cores, sombras, e pretextos, haõ de padecer

cer a verdade, a justiça, e a virtude.



Na sciencia de julgar, alguma vez he desculpavel o erro do entendimento, o da vontade nunca; como se o entender mal não fosse crime, erro sim; ou como se houvesse huma grande differença entre o erro, e o crime: o entendimento póde errar, porém só a vontade póde delinquir. Assim se desculpaõ communmente os julgadores, mas he porque não vem, que o que dizem, procedeo do entendimento; se bem se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto supposto, cuja origem, não he aquella que se dá. Querem os sábios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de não ver, que o nosso entendimento quasi sempre se sujeita



jeita ao que nós queremos ; e que o seu mayor empenho , he servir á nossa inclinaçãõ ; por isso raras vezes se oppoem , e o mais em que se occupa , he em conformarse de tal sorte ao nosso gosto , que ainda a nós mesmos fique parecendo , que foy resolução do entendimento aquillo que não foy senão acto da vontade. O entendimento he a parte que temos em nós mais lisonjeira ; daqui vem que nem sempre segue a razãõ , e a justiça , a inclinaçãõ sim ; inclinamo-nos por vontade , e não por conselho ; por amor , e não por intelligencia ; por eleição do gosto , e não por arbitrio do juizo : as paixões que nos movem , nos inclinãõ ; a todas conhecemos , isto he , sabemos que amamos por amor , que aborrecemos por odio , que buscamos por interesse , e que desejamos por ambiçãõ : mas não sabemos sempre , que tambem

a vai-

a vaidade nos faz amar, aborrecer, desejar, buscar; daqui vem que o julgador se engana, quando se presume justo, só porque não acha em si, nem amor, nem odio, nem ambição, nem interesse; mas não vê, que he vaidoso, e que a vaidade basta para o fazer injusto, cruel, tyranno. Não vê, que se não tem amor a outrem, tem-no a si; que se não tem odio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na oppressão deste quer fundar a sua fama; não vê, que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da gloria de as desprezar; e finalmente não vê, que se lhe falta o desejo da fortuna, sobra-lhe o desejo da reputação. Que mais he necessario para perverter hum julgador? E com effeito que importa, que a corrupção proceda de hum prin-

cipio conhecido, ou de hum principio occulto, isto he, de huma vaidade, que o mesmo julgador não conhece, nem percebe? O effeito da corrupção sempre he o mesmo. Que importa que o julgador se faça injusto, só por passar por justiceiro? A consequencia da injustiça tambem vem a ser a mesma; o mal que se faz por vaidade, não he menor, que aquelle que se faz por interesse; o damno que resulta da injustiça, he igual; o juiz amante, ou vaidoso, sempre he hum juiz injusto.

Naõ he assim o Magistrado, ou o julgador prudente: este he severo sem injuria, nem dureza; inflexivel sem arrogancia, recto sem aspereza, nem malevolencia; modesto sem desprezo, constante sem obstinação; incontestavel sem furor, e douto sem ser interpretador, subtilizador,



ou legislador , o seu caracter he hum animo candido , sincero , e puro ; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reservado por obrigação do officio ; he sensivel ao divertimento honesto , mas sem uso d'elle por causa do lugar : em tudo he moderado , civil ; circunspecto , diligente , laborioso , e attento ; a ninguem he pezada a sua authoridade , e quando foy promovido a ella , todos conheceraõ que foy justa , e acertada a eleição ; todos viraõ que tinhaõ nelle hum protector seguro da verdade , e hum medianeiro discreto , e favoravel para tudo o que fosse favor , clemencia , generosidade ; chegou á aquelle emprego por meyo das virtudes , e não por meyo da fortuna ; hum alto merecimento o fez chamar : e as gentes se admiraraõ , não de que fosse chamado , mas de que o não fosse

mais cedo : a elle não astombra nem a grandeza dos sujeitos, nem dos lugares, nem das materias; não attende mais do que á justiça; a esta tem por objecto singular, para esta he que olha; a razão he a sua regra, elle a segue, e a acclama em qualquer lugar que a ache: no seu conceito não valem mais, nem o pobre por humilde, nem o grande por poderoso; distingue as pertencções dos homens, pelo que ellas são, e não por de quem são; não attende á qualidade dos rogos, mas á qualidade das cousas: huma vida sem reparo, nem desordem, foy hum dos requisitos por onde se habilitou; outros ha a quem não he ventajoso, que se vejaõ os passos, que ja deraõ, mas somente aquelles, que vão dando; e a quem não será util, se ponderem as accções antecedentes; e ainda as presentes não passaõ sem murmura-  
ção,

ção, e queixa. O julgador benigno não receya, que se saiba a sua vida, que se diga, e que se escreva; o seu panegyrico só depende da verdade, do encarecimento, ou da lisonja, não; elle mesmo he o seu elogio. Finalmente o julgador sincero tem das sciencias o que basta para saber julgar, e não o que basta para saber embaraçar; alguns ha, que fazem do conhecimento da razão huma sciencia immensa; como se fosse necessario arte para se conhecer o Sol. O caminho da justiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito; espaçoso, claro, fácil, e aprasivel; as flores; que o bordão de huma, e outra parte, todas são perpetuas; porque nunca murchoão; huma Primavera constante as reverdece, e alenta: o caminho porém das injustiças he hum caminho difficil, espantoso, e escuro; hu-



humas vezes he por cima de rochedos escarpados, por onde a cada passo se encontra hum precipicio; outras vezes he por valles estreitos, sinuosos, e profundos, e donde as arvores são todas infecundas, tem palidas as folhas, e nascendo defordenadas, e confusas, fazem o lugar seguro, e proprio para traições, aleivosias, furtos, assassinos; as mesmas sombras infundem pavor, e fingem vultos enormes; hum ar caliginoso, e denso, apenas póde alvergar aves nocturnas de presagio infausto; os rios, que alli se vem, são negros, e tem no abyfmo o fundo, apenas póde criar monstros amphibios; o silencio, com que passaõ, os faz ainda mais funebres, e tristes, como se nascessem do Styge, do Averno, ou do Cocyto. Esta figura representa o caminho da injustiça; caminho, que não se sabe sem estudo, porque todo se

se compoem de circuitos, rodeyos, e desvios. Mas que infeliz estudo he este, em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vay ao Inferno! Por isso aquelle digno Magistrado, de huma fiel jurisprudencia, só quiz saber, o como se deve julgar; e não o como se póde julgar; e da mesma fortã só quiz saber, o como se devem fazer as cousas, e não o como se podem fazer; daqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões, e ser o seu voto acertado sempre; nunca teve por objecto, senão a justiça, e a razão, e estas só consideradas em si mesmas, sem alteração, e no seu primeiro estado de innocencia, e de pureza; nas leys nunca vio mais nem menos do que aquillo, que ellas tem; nem as soube accomodar a algum sentido exquisito, e raro, por onde viesse a ter lugar a inveja, a ambição, e a vingança.

Finalmente aquelle julgador he verdadeiro só por amor da verdade ; he justo só por amor da justiça ; elle conhece os seus proprios movimentos , e entre estes segue unicamente aquelles , que tem por principio a justiça , e a verdade. Não se desvanece das virtudes , que conhece em si ; o applauso só quer , que seja da virtude , e não seu ; o louvor quer , que se dê á razão , e não á elle ; parece-lhe , quem em obrar como deve , não merece nada ; não se admira da justiça , que exercita por força da obrigação das acções memoraveis , sem que tem parte , elle se suppoem hum instrumento necessario ; sendo assim , não o póde vencer a vaidade. Esta , que em todos os homens he como hum affecto , ou paixão inevitavel , só naquelle julgador fica sendo como affecto sem vigor ; desconhecido , e estranho ; mas por isso mesmo , e sem

-17 cuida-



cuidado , conseguiu , e tem hum nome veneravel , e com circumstancia taõ feliz , que esse mesmo nome , que conserva , contém em si huma illustre , e saudosa recordação.

A vaidade da origem , he huma feita , que se fundou na Europa da decadencia de outras da mesma especie , ou semelhantes : aquella parte por onde o mundo se começou a pollir , foy o donde os homens descobrirão a invenção maravilhosa da nobreza. A successão dos seculos tinha feito perder a intelligencia , e uso de muitos artificios uteis , e admiraveis ; mas em recompensa fez achar no sangue muitas differenças , que ainda se não tinhaõ advertido. Os homens barbaros não puderaõ ver no sangue outras cousas mais , do que aquellas de que consta hum corpo physico ; e naquelle humor o mais que

viraõ, foy a razaõ de mais, ou menos liquido, e a razaõ de mais, ou menos cor; destes dous principios fizeraõ resultar todas as mudanças de que o sangue he susceptível, e por causa delle, o homem. Averroes, Avicena, Hippocrates, e Galeno; huns, famosos Medicos, e Filo-  
 fos Arabios; os outros, tambem famosos Filo-  
 sos, e Medicos Gre-  
 gos, não conheceraõ (segundo se diz) a circulaçaõ do sangue. Os que lhes succederaõ depois, não só fizeraõ aquella grande descoberta, mas tambem entraraõ a seguir a idéa de applicar, ou considerar no sangue muitas razões, e substancias impor-  
 tantes, de que a natureza, que o faz, e cria, não tinha, nem ainda tem, noticia alguma, de sorte, que nesta parte pôde dizerse, que a natureza não sabe o que faz; e com effeito o que sabe he, que o sangue he huma

entidade material, sujeita a todas as leys da hydrostatica, e do equilibrio, e que fórma hum liquido espirituoso, vital, universal, e igual em tudo quanto respira, e he sensitivo; o mesmo modo, a mesma arte, os mesmos ingredientes, de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão, de hum Elefante, ou de huma Aguia, são os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica, ou de hum Cordeiro manso; as producções são diversas; a fabrica he a mesma; não ha differença nos principios, nas figuras fim. Se o Leão se desvanece, he porque tem a força, e não porque tem o sangue de Leão; e ainda se se desvanece pela força, he quando se compara ao Cordeiro debil, e não se he comparado a outro Leão. Se o Elefante fosse presumido, seria por ter a corpulencia, e não por ter



o sangue de Elefante: é ainda no que toca á corpulencia, á presumpção seria a respeito de outros animaes de menos estatura, e não a respeito de outros Elefantes. Se huma Águia se jactasse, havia de ser de subir mais alto, e não de ter o sangue de Águia; e ainda a jactancia do subir, só seria a respeito do Cisne humido, e pezado, e não a respeito de outras Águias. Não he assim o homem; porque o seu desvanecimento, a sua presumpção, e a sua vaidade he dirigida sempre a respeito dos mais homens. O sangue he o lugar em que fazem consistir a singularidade, ou superioridade de huns a outros; naquelle licor he o donde considerão como occultas, e invisiveis todas as razões de differenças; alli puzeraõ o assento da Nobreza, e dalli a fazem sahir, como de huma fonte original, e composta de infinitas distincções,

qua-

qualidades, grãos, quilates. Os homens das outras regiões não distinguem os sangues, senão pelas suas proporções elementares; isto he pela proporção dos elementos; ou partes, de que os mesmos sangues se compoem; a diversidade que notavaõ, consistia, em ser hum sangue mais, ou menos calido; mais ou menos denso; mais ou menos subtil: não viraõ aquellas nações remotas, o que com mais engenho, e estudo chegaraõ a ver as nações da Europa; isto he, que ha hum sangue humilde, vil, abjecto, e baixo; e que ha outro, nobre, illustre, preclaro, esclarecido: mas se se perguntar a hum sangue, quem o fez humilde, e a outro; quem o fez nobre, o primeiro ha de dizer, que hum nobreza cruel, e dilatada, o invileceo; e o segundo dirá, que hum pompôsa, e dilatada riqueza o illust-

lustrou. Quem dissera, que a fortuna faz o sangue! Não bastava, que essa mesma fortuna tivesse poder nas cousas, que nos rodeaõ, sem o ter tambem naquillo, que está dentro de nós? Parecia-nos, que só a natureza dava o sangue, e que este só da natureza dependia; mas agora vemos, que a fortuna o muda.



Muda a fortuna o sangue, ou ao menos parece, que o muda; e com tal variedade, e força, que aquelle sangue, que algum dia foy humilde, hoje he generoso; aquelle que foy esclarecido, he humilde; o que agora he abatido, tempo ha de vir em que o não seja; e o que está sendo illustre já, tambem algum dia deixará de o ser. Deste modo vem a depender o sangue, não só da fortuna presente, mas da passada, e da futura: não só lhe prejudica a miseria actual, mas



mas tambem aquella que passou; faz-lhe mal o mal que sente, e tambem aquelle que não póde sentir; costuma vir-lhe de longe o abatimento, ou a grandeza; por isso depende menos do estado presente em que se acha, que do estado passado em que outros se acharão; e com effeito a fortuna dos passados faz a Nobreza dos presentes, e a fortuna destes faz a Nobreza dos futuros; assim se faz a Nobreza, e se desfaz successivamente. A mesma fortuna prepara a Nobreza em huns; isto he, começa-a; em outros a aperfeiçoa; até que finalmente vem a acaballa em outros; o acaballa, he desfazella; todas as cousas tendem naturalmente para o seu principio. A indigencia he mais natural, ou mais certa que a abundancia; esta que illustra o sangue, he menos permanente do que a pobreza, que o abate; a decadencia he

he mais commua , e menos inconstante ; a prosperidade he a que faz a Nobreza , em quanto dura ; e tambem he a que a desfaz , quando se aparta. A Nobreza segue os passos da fortuna ; se esta he dilatada , e grande , entã se forma huma Nobreza esclarecida ; porque os seculos lhe escondem a sua primeira , e limitada origem. A luz , quando nasce , he debil ; porém insensivelmente se fortifica ; nenhum rio se mostra logo como mar ; e dos que são mais celebrados , ainda se ignora o donde vem ; talvez que seja de alguma fonte humilde , e desprezada ; mas como vem de longe , a distancia os ennobrece , só porque occulta a tosca rocha , ou a brenha sem nome donde nascem. As cousas vãs necessitam de huma certa escuridade , que as esconda , porque como se estimaõ , só porque se imaginaõ estimaveis , se se dei-

deixaõ conhecer, perdem-se; a ignorancia do que ellas saõ, he o que as conserva, e atrahe a si hum respeito religioso. Saõ poucas as vozes, que não sejaõ imprudentes; e pelo contrario, todo o silencio he discreto, e sabio; as cousas que não se estimaõ por não serem conhecidas, saõ raras: o merecimento transpira por toda a parte, e por mais que se queira esconder, não póde; he como a claridade, que sempre busca, e acha caminhos invisiveis por onde passa: hum chamma activa não se póde conter; ella se descobre, o mesmo fumo lhe serve de indicio. Não he isto assim na vaidade da Nobreza, porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel, e que esteja envolvido em sombras taes, que o exame as não possa romper; e que esse mesmo exame, ja confuso, e embaraçado, não chegue senão



até áquella parte , donde a Nobreza está mais brilhante , e clara ; e se lhe fosse facil andar mais , de successão em successão , lá havia de encontrar os sinaes , ou vestigios da miseria , e junto a esta inseparavel a vileza ; assim , bem podemos assentar , que a vaidade da Nobreza he huma introdução supersticiosa , a qual nasce da vaidade do luxo , da vaidade da arrogancia , e da vaidade da fottuna.

~~~~~

Era preciso com effeito , que muitas vaidades concorressem ; para poderem formar a vaidade da Nobreza ; era preciso , que muitas vaidades se juntassem , ( todas subteis , e especulativas ) para fazer que os homens cressem , que os accidentes do tempo , da fortuna , e da desgraça , se podiaõ de tal sorte infundir no sangue , que a hum constituíssem sangue nobre , e a outro fizessem sangue vil.

A

A Nobreza, e a vileza, são substancias incorporeas, porque são vãs; e se he verdade, que podem estar no sangue, será talvez por algum modo intellectivo, immaterial, e ethereo; mas parece que nem assim podia ser, porque aquillo que he vão, de nenhuma sorte existe. A inexistencia da Nobreza ainda he menos, que a inexistencia de huma sombra, porque esta ao menos he hum nada que se vê; a imaginação póde fingir huma chiméra, porém darlhe corpo, não; póde imaginar a chiméra da Nobreza, porém introduzilla nas veas nunca póde ser. Os homens enganaõ-se com o que imaginaõ; parece-lhes que o mesmo he imaginar, que formar, e que he o mesmo idear, que ser. O engano, ou a vaidade da Nobreza poderia ter lugar, se os homens assim como a quizerão, pôr interiormente em si, se contentassem

com a pôr de fóra ; isto he , se a fizessem consistir nas acções exteriores ; perderaõ-se em buscar o sangue para assento da Nobreza ; aquelle engano ficou visivel , e facil de perceber. Todos sabem , que a imaginação não póde dar , nem tomar corpo : a illusão do pensamento nunca póde ser mais do que illusão. O sangue não está sujeito á opiniaõ , só depende das leys do movimento , e da materia ; as distincções , que o pensamento considera , não passaõ do pensamento , nelle ficaõ , só nelle podem existir , no sangue não. A Nobreza , e a vileza , são nomes diferentes , mas não fazem diferentes sangues ; estes são iguaes em todos ; e por mais que a vaidade finja , invente , e dissimule , tudo são imagens suppostas , e fingidas ; tudo são opiniões , que todos sabem que são falsas ; tudo são sonhos de homens acordados



dados. A verdade se ri de ver a gravidade, o gesto, e circumspecção com que as gentes trataõ a materia da Nobreza; e de ver que saibaõ como o sangue se ennobrece, ao mesmo tempo que não sabem o como elle se faz; de sorte que ainda não conhecem, nem haõ de conhecer nunca a fabrica daquelle liquido admiravel, e presumem conhecêr-lhe as qualidades; ignorão as qualidades certas, e visiveis, e cuidão que não ignorão as que são de huma fantasia irregular; e que não constaõ mais que de huma ficção civil. Daqui veyo o reduzir-se a arte áquelle mesmo conhecimento, arte rara, e vasta, e que tem por objecto, não só o estado da successão dos homens, mas tambem o estado, ou situação da Nobreza delle. Em hum breve mappa se vê facilmente, e sem trabalho, o que produzirão muitos seculos; alli se achão collocados

cados ( como se estivessem vivos ) os illustres ascendentes da Nobreza humana ; e tudo com tal ordem , e repartição tão clara , que em hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver , se sabe : no mesmo mappa , ou globo racional , se encontraõ descriptas muitas linhas , e distinctos lados ; e nestes introduzidos subtilmente outros lados errantes , desconhecidos , vagos , e duvidosos : as regiões , que alli se consideraõ , tem aquelles frutos , que o tempo confumio : as arvores , os troncos , e os ramos , saõ de donde estaõ pendentes Varões illustres , armas , escudos , titulos , troféos , mas tudo sem acção , nem movimento , tudo alli se poz , menos para exemplo das virtudes , que para delicia da vaidade ; menos para incitar o dezejo de merecer , que para servir de lizonja a ociosidade da memoria ; menos pa-  
ra

ra estímulo da imitação, que para despertar o desvanecimento. Nunca a vaidade achou em espaço tão pequeno, mayor contentamento. Aquelle he o lugar mais proprio, em que a Nobreza se mostra vestida de pompa, e de apparelho: alli he finalmente donde a vaidade como em hum labyrintho famoso, e agradavel intenta medir o ar, pezar o vento, apalpar as sombras.



Mas porque razão poriaõ os homens no sangue a qualidade da Nobreza? Seria por ser aquella a parte de que a vida está mais dependente? Não, porque a vida não depende mais do sangue, que de outros muitos liquidos do corpo. O sangue tem na cor mais elegancia, move-se, e existe em porção mayor; mas disso não se segue, que a vida dependa mais do sangue, ou tenha delle mayor



yor necessidade. A cor he effeito da transposição da luz ; a porção muitas vezes faz o nosso mal ; e na formação dos mixtos he menos importante aquillo , que entra nelles em mais larga quantidade. Move-se finalmente o sangue ; mas que parte haverá no corpo , que não tenha hum movimento proprio ? O que o sangue parece tem de mais , he que não necessita da nossa intensão para moverse ; mas isso mesmo tem o corpo em outras partes ; e a depravação do movimento de que resulta a convulsão , procede de hum movimento involuntario. Não achamos pois o fundamento por onde os homens quizerão , que fosse o sangue a fonte donde a Nobreza se imprime , e de donde sahe. Só nos falta ver , se será talvez por entenderem , que as successões se continuão pelo sangue , e que este derivado de huns a outros , successiva-

fivamente continûa em huma mesma descendencia, conservando nella hum caracter particular, distincto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco commum, de donde nascem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; estes, ainda quando são muitos no numero, sempre conservão a mesma ordem, e a mesma identidade na figura; a qualidade he a mesma, e igual em todos; e todos reconhecem huma mesma, e universal origem: alli se vê, que as producções são separadas, e diversas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas rosas brotaõ de huma só roseira; porém todas são rosas; a especie he a mesma em todas; e por mais que cada huma esteja em diverso ramo, a arvore que as sustenta, he huma só. Assim he, e ja parece, que aquella paridade tomada no reino vegetal, tem justa

applicação para o caso da Nobreza infundia no sangue , e na successão ; mas não sey se a mesma paridade pôde servir de aniquillar inteiramente , ou ao menos de embaraçar o systema da Nobreza de geração. ( A mayor parte dos systemas comunmente está sujeita á variedade do discurso ; ainda aquelles a que a prescripção do tempo tem feito adquirir hum direito de certeza. ) O caso he , que o sangue dos animaes he como o humor nas plantas ; estas por meyo das raizes attrahem a si a humidade fecunda , que as faz reverdecer , e he a mesma de que se fórma o tronco , os ramos ; as folhas , e os frutos ; de sorte que o humor da terra he o que anima a planta , he o seu sangue : este sangue pois , ou este humor , será por ventura sempre o mesmo em huma planta ? Não ; porque a terra a cada instante recebe dos outros elementos



mentos huma nova vida, isto he, huma humidade nova: as aguas, que a regaõ, nunca saõ as mesmas; daqui vem, que o sangue de huma planta sempre he outro, comparado ao que foy primeiro; e por isso sempre muda de sangue, porque sempre muda de humor; aquelle com que nasceo, naõ he o mesmo que hoje tem: o primeiro parece se extieguiu por huma transpiração lenta, e insensivel; e assim o sangue, com que está, naõ he o que ja teve, porque ja naõ tem o humor que tinha: a conservação das plantas, e animaes, depende de huma continua mudança de alimento, e por consequencia de sangue; este sofre huma dissipação precisa; he preciso, que hum sangue acabe, para dar lugar a outro: nesta renovação, ou reformação de sangue, consiste a vida: a morte vem de ser o sangue o mesmo; a falta de mudan-

ça , he o que o perverte ; a constancia, e estabilidade, serve-lhe de ruina.



E com effeito se se não perdesse o sangue , que se faz nos animaes, e o humor, que as arvores attrahem, donde era possivel que coubesse tanto humor , e tanto sangue ? Que outra cousa he a enfermidade , senão hum sangue, ou hum humor, que se não dissipa , e está como suspenso ? O calor vital , que expulsa hum , fabrica outro ; algumas cousas ha , que para acabarem , basta que subsistão no que são ; daqui resulta hum especie de pasmo : a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece ; a força do remedio consiste na virtude de expellir , e dissipar ; a superfluidade procede de se haver o sangue conservado ; a conservação o perde , não só pela razão de ser peccante , mas pela razão de ser

fer o mesmo. Os poros são como infinitas portas, e quasi imperceptiveis, por onde o sangue, e todos os humores passam continuamente, e sem interrupção: a saúde consta de exalação, e de perdição; persiste huma substancia, porque outra se desvanece: se acaso aquelles poros se constipam, isto he, se aquellas portas se apertam, ou se fecham, e que o sangue fique como prezo, e sem sair, entam se vê, que o sujeito se afflige, e desfalece; e se dura, ou permanece a reclusão, a morte chega em poucas horas: a arte, que conhece a causa da desordem, só cuida em relaxar, e abrir os poros comprimidos, e cerrados, para que o sangue posto em liberdade se possa livremente perder, dissipar, fugir. A natureza ambiciosa em conservar fica inhabil para adquirir; a vida não depende tanto do sangue, que está feito, como daquelle

le



le que se vay fazendo : rotas as veas, por ellas sahe em horriavel, e espantosa quantidade; debilita-se a natureza, mas se lhe acodem, não acaba; porém se fica sem acção para fazer de novo, entra em agonia, e se extingue totalmente; naquella elaboração está a vida, neste descanço a morte.



Ainda as partes solidas do corpo de alguma sorte mudaõ de substancia, e se regeneraõ. O osso duro, parece que todo em si he compacto, e immutavel; mas com tudo, a sua contextura he composta de folhas adherentes, separadas, e sobrepostas; por entre varios intersticios circula nelle hum liquido unctuofo, este serve-lhe de alimento, e sangue; e he tambem o que sendo molle, faz que o osso seja forte, e firme; dalli vem a nutrição, e por consequencia  
a mu-

a mudança de materia; porque tudo o que alimenta, trabalha em se transformar, ou converter na cousa alimentada; aquella conversão procede lentamente, e apenas se imagina em hum corpo duro: nos liquidos he visivel, e se percebe facilmente. Mas haverá quem diga, que ainda que o sangue mude, e se renove, basta que fique delle hum atomo fermentativo, ou idéa primogenia, para assim se conservar perennemente a qualidade da Nobreza. Isto ha de dizer o defensor do sangue antigo, não por defender o sangue, mas por defender a Nobreza incorporada. Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que seja forçoso recorrer aos atomos, aos fermentos, e ás idéas: em cousa physica não sey se he permittido o recurso para cousas imperceptiveis, e invisiveis.) Em o nascimento de huma fonte quem lançar qual-

qualquer porção de agua diversa , esta ha de sahir em brevissimos instantes ; porque aquellas aguas continuamente estão mudando de si mesmas : ellas são o sangue da terra , assim como o sangue são as aguas do corpo : todas se mudão , e successivamente se renovaõ ; as que vem depois são outras , sem impressão alguma das primeiras ; nem se póde imaginar , que cada porção de sangue vá deixando , ( como em memoria , e penhor de si ) alguma porção , ainda que pequena infinitamente ; as partes não são extensiveis , ou divisiveis em infinito ; assim que chegaõ a huma tal tenuidade , acaba-se a divisaõ. A subsistencia tem fim no sangue , porque este transpira por huma immensidade de caminhos ; nem he comprehensivel , que na massa de hum fluido subtil , haja alguma parte , que tenha o privilegio de ser intranspiravel ,  
e que



e que izento das leys univerfaes , vá ficando só para servir de germen qualificador. Quanto mais hum licor se move , mais se diminue : naquelles que tem hum movimento perpetuo , regular , e proprio , a materia se dissipa , á proporção que se subtiliza ; nem ainda em hum tubo de crystal se póde algum licor conservar inteiro ; e apenas se faz crível a quantidade de humor , que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois , que o sangue não he donde a Nobreza assiste ; he hum liquido incerto , e vago para ser o assento de huma vaidade tão constante. Haja embora no mundo huma Nobreza , com tanto que não imaginemos , que ella tem dentro dos homens huma parte distincta donde habita : seja hum idolo , mas idolo sem templo : basta suppor , que o Simulacro he certo , sem entrar no empenho sobre o

lugar da dedicação : seja a Nobreza como a sombra ; esta , bem se vê , mas não se pega ; sempre está fóra do corpo , e dentro nunca : tenha a vaidade hum culto exterior , e com tanto que ella seja exterior tambem. Deixemos finalmente o sangue em paz ; elle não descansa , e todo o seu trabalho he para ser sangue , e não para ser este ; ou aquelle sangue : de que serve a arte de introduzir naquelle liquido admiravel , qualidades arbitrárias , e civís , se a verdade he , que elle só tem as qualidades naturaes ? Para que he fazer ao sangue , author daquillo , de que só he author a vaidade.

A Historia he huma das provas , com que a vaidade se aléga , e de que mais se serve na authenticidade da Nobreza : prova incerta , duvidosa , fingida , e tambem algumas vezes falsa :

fa : nella se vem muitos successos famosos , acções , combates , victorias , muitos nomes a quem essas mesmas acçoens ennobreçeraõ , illustráraõ . Mas de quantas acções fará menção a historia , que ja mais se viraõ ? De quantos successos , que nunca foraõ ? De quantos combates , que nunca se deraõ ? De quantas victorias , que nunca se alcançaraõ ? E de quantos nomes , que nunca houveraõ ? Não he facil , que pelas narrações da historia se possa descobrir a verdade dos successos ; ella communmente se escreve , depois de serem passados alguns , ou muitos seculos , de que se segue , que a mesma antiguidade he huma nuvem escura , e impenetravel , donde a verdade se perde , e esconde . Se a historia se escreveo ainda em vida dos Heroes , o temor , a inveja , e a lisonja bastaõ para corromper , diminuir , ou accrescentar



os factos succedidos: por isso ja se disse, que para ser bom historiador, he necessario não ser de nenhuma Religião, de nenhum paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissão; e mais que tudo, se se pudesse não ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela lição da historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a historia do que os Authores escreverão, e não a verdade daquillo que escreverão.

Os historiadores no que mais se esforçam, he em pintar cada hum a si, e introduzirem no que escrevem as suas profissões, e inclinações. O Orador todo se occupa em Declamações, e Panegyricos, ainda que os objectos do louvor sejam totalmente indignos d'elle. O Militar não faz mais que buscar occasião para des-

crever empresas , muralhas , angulos , ataques , sítios : huma batalha , que nunca houve , elle a faz taõ certa , que até relata a hora em que começou , o como se proseguio , o tempo que durou , os incidentes que teve , os nomes dos Generaes , a fórma do combate , os erros , ou acertos de huma , e outra parte ; e finalmente dá a razã por onde se veyo a conseguir o vencimento ; ainda em hum combate verdadeiro , só o historiador teve noticia de infinitas circumstancias , que tendo sido momentaneas , nenhum dos mesmos combatentes as puderaõ distinguir , saber , nem ver ; se o author da historia he Jurisconsulto , logo faz menção de leys , legisladores , direito das gentes , e da guerra : a cada passo acha materia propria para huma larga discussã , e deixando o que pertence á historia , elle mesmo se incor-

incorpora nella , e entra a mostrar o seu caracter : daqui vem , que Salustio , sendo historiador , todo se cansa em moralidades , Tacito em politicas , Titolivio em superstições.

O desejo de contar cousas admiraveis , e a vaidade , que o historiador tem de manifestar que as sabe , he o que fez sempre inventar , e escrever successos fabulosos. O inventor de cousas raras , extraordinarias , e maravilhosas , attribue a merecimento seu , a admiração que faz nascer no animo do leitor credulo , e innocente. A variedade de opinioens na materia da historia , faz que esta parte da literatura , seja a mais incerta , duvidosa , e composta muitas vezes de enganos , e imposturas. A Herodoto ( que passa pelo melhor historiador ) chama Cicero author de fabulas ; Diodoro trata de fabulistas aos Escritores , que lhe percederaõ ,  
e a



e á elle mesmo trata da mesma sorte Vives. Os Commentarios de Cesar não são mais acreditados: Pollio-Afinio os tem por pouco verdadeiros, e Vossio faz lembrado hum Escriitor, que pretende mostrar com provas invenciveis, que Cesar nunca passou os Alpes; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos, he falso.



Os Historiadores, não sómente são oppostos entre si, mas cada hum a si mesmo muitas vezes he contrario. Procopo na sua historia, dá louvores immensos ao Emperador Justiniano, e á Emperatriz Theodora, sua mulher, a Bellisario, e a Antonina; e nos seus Anecdotos os critica excessivamente. Os mármores, e bronzes, não servem na historia de provas infalliveis: os monumentos mais antigos tem dado occasião aos mais celebrados erros: as primeiras  
con-

conjecturas , ( bem ; ou mal fundadas ) adquirindo com o tempo a auctoridade da historia ; forão passando á posteridade como cousas certas : temos exemplo na memoravel inscripção posta no arco do triumpho de Tito ; a qual dizia , que antes daquelle Emperador ninguem tinha tomado , nem ainda emprendido o fittiar Jerusalem , sendo que ( sem recorrer á historia sagrada , que ainda então poderia ser menos bem sabida dos Romanos ) aquella Cidade foy huma das conquistas de Pompeo , de donde procedeo o chamarlhe Cicero , o seu Jerosolimario. Accresce a isto , que os mais notaveis acontecimentos são os em que as historias mais varião , e em que os Authores concordão menos. Quantos pareceres tem havido sobre a guerra de Troya ? Huns querem que ella fosse verdadeira , outros dizem que não foy mais do

do que humia bem composta fabula.

Dion Chrysostomo, na fé das tradições Egypcias, diz que Helena sendo pedida pelos mayores Principes da Asia, e Grecia, casara por ordem de seu pay Tyndaro com Alexandre, filho de Priamo; e que aquellos Principes irritados da preferencia, fizeraõ guerra a Troya; e que enfraquecidos depois pela peste, e fome; e juntamente pelas suas mesmas dissensões concluireã a paz com os Troyanos, em cuja memoria tinhaõ feito fabricar hum cavallo de madeira, donde se escrevera em grossas letras, a fórma do Tratado; e que finalmente não podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade, se havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle passasse. Porém Pausanias diz o contrario; e segura que o cavallo de Troya não fora

Aaa

mais



mais do que huma machina de bronze, que elle vira em a Cidadella de Athenas; e que tinha servido naquella guerra, como de instrumento bellico, para arrombar, e destruir os muros.

Muitos escreverão; que Helena nunca fora a Troya: que Pariz, e Helena foraõ levados por huma tempestade a huma das bocas do rio Nillo, chamada *Canope*, e de lá conduzido a Memphis, donde Protheo reinava, este abominara a aleivosia daquelle Principe; e que lançando-o fóra do seu Reino, retivera a Helena com todas as riquezas, que ella tinha: que entãõ Paris se retirara a Troya, e que sendo seguido pelos Gregos, dalli se originara huma grande, e cruel guerra; e quando depois Menelao ao Egypto, lá lhe entregara Protheo a Helena,

e jun-

e juntamente as riquezas todas.

A diversidade de opiniões não he menor em tudo o que respeita á historia de Eneas. Alguns Escriitores dizem, que aquelle Príncipe fora o que entregará a sua patria, abrindo huma das portas de Troya aos Gregos: outros escrevem; que a viagem do mesmo Principe á Italia era duvidada por Denys de Halicarnasso, e entre os Modernos por Justo Lipsio, por Filippé Cluvier, por Samuel Bochart, e por outros muitos. Metrodoro de Lampsaque não faz difficuldade em crer; que os Heroes de Homero, Agamemnon, Achilles, Hector, Paris, e Eneas nunca existirão no mundo.

A historia não he menos incerta, á respeito da fundação de Roma: huns dizem, que os Pelasgos, depois

de subjugarem nações varias , fundaraõ na Italia huma Cidade grande, a que chamaraõ Roma , em final , ou significação da sua força ; porque Roma em Grego , quer dizer, *força*. Outros contaõ , que no mesmo dia , em que se tomou Troya , alguns dos naturaes entraraõ nas embarcações, que acharaõ naquelle porto ; e que sendo lançados pelos ventos sobre a Costa de Toscana , desembarcaraõ junto ao Tibre ; e que entre as mulheres , que não podiaõ supportar os incommodos do mar, havia huma chamada Roma ; e que esta aconselhara as outras pozessem fogo ás embarcações , e que sendo executado aquelle arbitrio , e conhecendo os maridos a bondade do paiz , se resolveraõ a ficar nelle ; e fundando huma Cidade , lhe puzeraõ o nome da mulher , que os obrigara a estabelecerse alli.

Tam-





Tambem ha quem diga, que Telepho, filho de Hercules, tivera huma filha chamada Roma, a qual casara com Eneas, ou com seu filho Ascanio, de donde procedera o nome da Cidade: outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses, e de Circe, chamado Romano: outros dizem que Romo, Rey dos Latinos, fora o primeiro que a habitara, depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracuza, que vivia cem annos antes de Aristoteles, escreve que muito antes da guerra de Troya, ja havia na Italia huma Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Authores, que attribuem a Romulo a fundação de Roma, nenhum concorda com o nascimento, e educação daquelle fundador.





A mesma diversidade de opiniões se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Destas falla Herodoto, Diodoro, Trogo-Pompeo, Justino, Pausanias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabaõ nega, que as Amazonas fosse huma nação, que existisse nunca. Palephato he do mesmo parecer. Arriano tem por muito duvidoso, tudo quanto se escreveo das Amazonas. Outros tomaõ por Amazonas huns exercitos de homens comandados por mulheres; e disto ha muitos exemplos na historia antiga. Os Medas, e os Sabianos, obedeciaõ a Rahnhas. Semiramis dominava os Assyrios, Tomyri saos Scytas, Gleopatra aos Egypcios, Baudicea aos Inglezes, Zenobia aos Palmyrenios.



Appiaõ crê, que as Amazonas  
 não

naõ era huma nação particular , mas  
que assim se chamavaõ todas as mu-  
lheres de qualquer nação que fossem,  
e tivessem por costume o hir á guer-  
ra. Outros pertenderaõ que as Ama-  
zonas naõ eraõ outra cousa mais do  
que huns povos barbaros , vestidos  
de roupas longas , e que tinhaõ na  
cabeça ornatos de mulher. Diodoro  
de Sicilia diz ; que Hercules , filho  
de Alcmene , a quem Euristeo pe-  
dira lhe trouxesse o talim de Hypoli-  
ta , Rainha da Amazozas , elle com  
effeito as combatera junto ás mar-  
gens do Thermodon , e destruiu  
aquella nação guerreira ; porém os  
successos mais famosos da historia  
das Amazonas saõ menos antigos  
que o Hercules Grego , filho de Alc-  
mene. Tudo isto relata o Tratado sin-  
gular sobre a opiniaõ, e juizo humano.

Naõ ha pois certaza alguma em  
na-



nada. A historia profana ( porque esta he sómente a de que fallamos ) parece que não foy feita para instruir, senão para enganar. Os Authores não se contentarão com enredar o mundo em quanto vivos ; quizerão ter o maligno divertimento de deixar na historia huma occupação de estudar enganoso : nem todos lo fizeram por malicia ; mas por simplicidade. Essa mesma historia he donde a vaidade da Nobreza toma o seu principio , e donde tira as provas de que mais se desvanece ; quanto mais antiga a historia he , tanto he mais esclarecida a Nobreza , que se funda nella. Esta sorte de vaidade he universal. As idéas chimericas sobre antiguidades , não só he propria a cada hum dos homens , mas a todas as gentes , e nações ; e com tal fatuidade , que algumas vão buscar a sua origem , antes que o mundo habitavel

vel tivesse a sua , e daquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. Neste delirio de antiguidade, e por consequencia de Nobreza entraraõ os Scythas , os Phrygios , os Persas , e os Egypcios ; estes naõ pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade ; e nesta fórma, que nação poderia competir com ella naquella parte? Nem os Chinas, excessivos em tudo , deitaõ as suas pertenções taõ longe. Assim saõ os delirios que os homens excogitaõ : huns para se ennobrecerem a si , outros para ennobrecerem os seus. Naõ ha meyo algum de que aquella vaidade se naõ sirva ; ou seja imaginario , ou falso , tudo serve a quem se quer fazer illustre ; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem , ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano , e sobre tudo em defender

o erro, e prevençãõ, de que os homens podem ser diversos, ainda na mesma razãõ de homens.



Os grandes da antiguidade, ou a Nobreza dos antigos, ainda era mais forte, e singular, que a que se ideou depois; huma, e outra tem de commum o serem effeitos da vaidade, e consistirem na imaginaçãõ de quem não cabe em si; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida: nem he para admirar; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata, e ao esplendor Latino. Os seculos foraõ desfazendo todos os portentos; a variedade de successos, e fortunas tambem foy reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia; acabou-se a ficção, e desvario em que aquella sorte de Nobreza se fundava; ella  
foy



foy hum dos Idolos que cahiraõ. Quando a luz da verdade desterrou as trevas do Paganismo , cessaraõ os Oraculos , não responderaõ mais , emmudeceraõ. A Grecia , patria commua dos Heroes , e donde estes nasciaõ como em terra fecunda , e propria , foy donde a vaidade da Nobreza quiz elevarse ainda acima das Estrellas. E com effeito Eneas dizia fer filho de Venus , Achilles de Thetys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter. Estes , e outros muitos pretendiaõ não menos nobre origem , que a celeste , como descendentes dos Deoses immortaes ; esta fabula não durou hum dia só ; e he para admirar , que ella tivesse authoridade no conceito de homens polidos , sabios , e prudentes , e com tanta força que chegasssem a fazer das fabulas , religiaõ. Aquella foy a Nobreza dos antigos ; Nobreza , que ti-

nha por principio, hum engano introduzido, e respeitado! Via-se nas mãos de Jupiter o rayo, nas de Marte a espada, e nas de Apollo as setas: Thetys dominava as ondas, Venus a fermosura: quem havia resistir por huma parte á força do poder, e por outra ao encanto da belleza? Ainda quem conhecesse a fabula, se havia de namorar do apparato della. Todos sabem que os homens são iguaes, em quanto homens; mas nem por isso deixaõ de entender, que ha huma nobreza que os distingue, e que os faz ser homens melhores.

Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo; porque os illustres hiaõ buscar os seus ascendentcs nos seus Deoses; e desta sorte ficavaõ os homens meynos humanos, e não inteiramente. Só assim podiaõ ser distintos

ctos, e desiguaes na realidade. As distinções permaneceraõ, em quanto duraraõ as supposições da origem. Conheceo o mundo a impostura, e logo os Deoses se acabaraõ, deixando os seus descendentes, feitos homens como os outros; e com a circumstancia, que por haverem tido progenitores altos, ficaraõ sem nenhuns. Depois daquelle catastrophe fatal, parece que devia extinguirse a vaidade da Nobreza; mas não foy assim, porque aquella vaidade só mudou de especie, e o engano, de figura; a Mythologia converteo-se em Genealogia, humanizou-se. A igualdade sempre foy para os homens huma cousa insupportavel; por isso entraraõ a forjar novos artificios com que se distinguisssem, e ficassem desiguaes; e não tendo ja Deoses de donde tirassem o principio da Nobreza, entraraõ a tiralla de outras muitas



tas vaidades juntas ; compuzeraõ huma Nobreza , toda humana ; entaõ nasceo aquella tal Nobreza , como parto do poder , da pompa , e da riqueza ; accidentes na verdade exteriores , mas que servem de incrustação no homem , e esta ainda que composta de fragmentos , sempre fórma hum ornato matizado , e agradavel ; bem se vê que a viveza dos esmaltes , e das conchas , não penetra a substancia interior , e que o muro do coço não fica mudado , cuberto sim ; mas que importa , se a gala fragil que o reveste , o ennobrece.

Na propagação dos animaes observa-se a natureza na mesma ordem ; desta sempre vem a resultar a mesma fórma , e as mesmas circumstancias : os individuos porém de cada especie não são taõ uniformes , que não tenham entre si hum caracter particular

com que se distinguem huns dos outros. Nas familias se notaõ feições determinadas, pelas quaes são conhecidos os que vem da mesma parte; o mesmo ar no gesto, ou na figura persiste em muitas linhas descendentes; e de tal sorte que algumas são reconhecidas por huma fermosura successiva; e outras tambem o são, por huma fealdade hereditaria. As mesmas nações se mostraõ diferentes por hum aspecto, ou semblante proprio, que a natureza affecta em cada huma dellas. A cor he hum sinal demonstrativo, regular, e indelibil, que a mesma natureza imprime nas gentes de cada clima, ou região; e dessa cor procedem outras cores mixtas, ou modificadas, que indicaõ o gráo, e concurrencia de nações diversas, mas unidas; de gentes separadas, mas juntas; de familias estranhas, mas naturalizadas. Aquella

la he a marca, que a Providencia poz nos homens; marca perpetua, em quanto elles se perpetuaõ dentro da sua mesma esfera, mas temporal, e extinguiavel por meyo de huma nova composiçaõ. Até nas plantas se encontra a mesma economia; ellas tem sinaes por onde se distinguem; huas perseverantes, outros mudaveis. A arte, que concilia entre si plantas diversas, ou as conserva, e faz permanecer no estado primitivo, ou as altera, e muda para outro; ella forçã o tronco a sustentar ramos alheios, e a vestir-se de folhas desconhecidas, e a produzir frutos adulterinos. Ainda nas cousas insensiveis, tem ás vezes lugar a violencia. Assim se constrange a natureza a que siga hum caminho errado, e que em certos casos não siga as suas leys, mas as leys da industria, e do artificio; daqui vem, que he util que a nossa in-

telli-



telligencia seja limitada; se o não fosse, apenas teria a terra liberdade para fazer nascer, como quizesse, a menor flor do campo. Quantas vezes não se faz o mal, porque se não sabe fazer? Aquella ignorancia nos preserva; mas nem por isso valemos mais, porque o merecimento he da ignorancia, e não de nós.



Ja vimos que os homens, quando vem ao mundo, ja trazem hum final de distincção, e differença, e que esta os faz distinguir, e conhecer. Daqui parecee que resulta huma inducção forte a favor da Nobreza originaria: mas que argumento debil he aquelle que se tira de huma distincção visivel, constante, e material, para outra que he sómente imaginaria; de huma que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica; de huma que he da instruição do mun-

do , para outra que he da instituiçaõ dos homens ; de huma que he totalmente independente , para outra que he arbitraria ; de huma que tem por principio a mesma Providencia , para outra que procede da fortuna ; e finalmente de huma que he fundada em régras infalliveis , para outra que sómente he fundada em vaidade ? Nesta parte a razãõ tirada da semelhança não convence. Com hum só caracter se podem formar letras infinitas , todas iguaes , e semelhantes , mas nem por isso as letras tem nada do caracter impressor. Este imprime , mas não se communica ; dá a semelhança , a sua substancia não ; o metal de que he composto , não dá de si mais do que a figura. Muitas estampas vem de hum mesmo molde ; todas são iguaes , e parecidas , mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A sombra vem de hum

cor-

corpo que tem opposta a luz , de forte que não ha sombra donde não ha luz , é corpo ; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma , nem do corpo , nem da luz. O produzir huma cousa , não he o mesmo que reproduzirse.

~ ~ ~  
A vida , ou espirito vital , que passando de huns a outros vay fazendo a descendencia dos mortaes , parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria ; e com effeito se a vida se transfere sendo mais , porque não ha de transferirse a Nobreza sendo menos ? A vida he transmissivel , e assim deve ser tambem a Nobreza que a acompanha. Porém não tiremos erradas consequencias. A vida não se póde dizer que he transferivel , e ainda que o fosse , nem por isso ficava sendo transferivel a Nobreza : só o que existe physica-



mente se transfere, mas não aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginação unicamente, nem se passa, nem se dá, nem se transmite. A vida com que vive hum, não he a mesma com que outro vive; a imaginação de hum não he a mesma que outro tem. A vaidade desperta a imaginação, ou idéa de Nobreza, esta não vem como imaginação herdada, mas adquirida; e ninguem sabe que a tem, ou que a não tem, senão depois que o imagina; naquella imaginação o que se ganha, ou perde, he hum pensamento; e este quando he falso, não tem menos entidade, que quando he verdadeiro; porque nas cousas vans, a verdade não val mais do que a mentira.

A vida consiste no movimento, quem primeiro o causa, he o que se diz

diz ser principio d'elle ; mas não se segue daqui , que a causa que depois se move , fique com alguma porção do principio , que a moveo. O braço quando move hum corpo não se comunica a elle ; e esse corpo não recebe em si , mais do que hum impulso ; o braço não poem mais do que a força , que serve de principio ao movimento , mas nem por isso fica o corpo , que se moveo , com alguma parte do braço , que o fez mover. Em huma mesma luz se podem accender muitas mil luzes , mas nenhuma destas participa , ou tem em si nada da primeira ; cada huma arde em substancia propria , distincta , e separada ; o que as distingue , he a materia , que lhes vay servindo de alimento ; e não a primeira luz de donde começaraõ. O incendio não he menos activo ; ou menos nobre aquelle , que nasceo de huma faísca errante , do que aquelle  
que

que viria de hum fogo guardado no templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma, porque veyo de outra que diziaõ consagrada? E humilde aquella que procedeo de outra, que não tinha circumstancia? Huma pedra preciosa regula-se-lhe o valor pela perfeiçaõ que ella mostra em si; a que nasceo no monte Olympo não he por isso mais esclarecida, do que aquella que se achou em hum valle rustico, e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distinctos huns dos outros, e o distinguirem-se, não pelo valor de cada hum, mas pelo valor das cousas que os distingue. A Nobreza foy a mayor maquina, que a vaidade dos homens inventou; maquina admiravel, porque sendo grande, toda se compoem de nada. As outras vaidades, parece que são menos vans; porque sempre tem algum objecto visivel, e mani-



manifesto: mas por isso mesmo a vaidade da Nobreza he huma vaidade sem remedio; mal incuravel; porque se não vê.



Assim he, mas quem ha de haver que negue, que a Nobreza, ou essa cousa vãa, he util, necessaria, e bem imaginada? Que importa que huma cousa seja na realidade nada, se os effeitos que produz são alguma cousa? Os effeitos da Nobreza são muitos; ella dá merecimento, valor, saber, a quem não tem nem sciencia, nem valor, nem merecimento; ella serve, para fazer venerado, a quem o não deve ser; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido; que a desordem se encubra, e se disfarce; e que a soberba, a arrogancia, e a altivez, fiquem parecendo naturaes, e justas: finalmente a vaidade da Nobreza, até se desvanece com a vileza

za das acções ; estas ainda quando  
saõ vis , infames , torpes , e odiosas ,  
nem por isso envilecem , ou infamaõ  
a quem asfaz ; antes da mesma enor-  
midade das acções se tira hum novo  
lustre , ou nova prova da Nobreza :  
o ponto he contar huma longa serie  
de illustres ascendentes para que hum  
nobre fique dispensado das leys da  
sociedade , e de formalidades civis ;  
e tambem habilitado para que possa  
livremente , e sem reparo , perder o  
pejo , a honra , a verdade , e a con-  
sciencia. Desta sorte vem a Nobreza  
a ser hum meyo por onde o vicio se  
authorisa , o crime se justifica , e a  
 vaidade se fortalece. Cuidaõ os No-  
bres , que a Nobreza lhes permite tu-  
do , mas cuidaõ mal ; porque o cer-  
to he , que a Nobreza bem entendi-  
da , naõ se fez para canonizar o erro ;  
ella foy sabiamente achada pera ser-  
vir de estimulo , e companheira das  
vir-

virtudes; para ennobrecer as acções illustres; e não para illustrar as viciosas; para ser attendida pelo que obraſſe digno de attenção, e não pelo que fizesſe indignamente; para ſervir a razão, e não para a dominar; para ſer exemplo, e não regra; para fazer os homens bons, e não para os perverter; para os distinguir pela Nobreza do eſpirito, e não pela Nobreza da carne; para os fazer melhores de huma melhora de animo, e não de corpo; finalmente para fazer mais clara a luz, e não para fazer clara a ſombra.

Por iſſo o ſabio Rey, ( que ainda ha pouco perdemos, e de quem a feliz memoria a cada paſſo renova em nós a mais entranhavel dor ) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via ſó, mas ſim quando a via acompanhada de acções nobres; nunca attendeo á Nobreza das origens, mas

Ddd

ſim



fim á Nobreza dos sujeitos; con-  
 siderava os homens primeiro pela qua-  
 lidade das virtudes, e pelas outras  
 qualidades, depois; o conceito, que  
 fazia, foy, que a Nobreza não era no  
 homem parte principal, mas sim par-  
 te ajuntada, que só servia de o or-  
 nar, e não de o fazer. Aquelle mes-  
 mo Rey foy o terror da Nobreza ar-  
 rogante, e destemida; estas sempre  
 tinha os olhos assombrados de ver a  
 cada instante fusillar o rayo; e de ver  
 armado sempre o braço poderoso;  
 mas armado ao mesmo tempo de jus-  
 tiça, e de piedade, de furor, e de  
 compaixão. Deste modo governou  
 em paz; e nos deixou a paz; por is-  
 so a mágoa de o perder, foy, e ha-  
 de ser infinita em nós; e as nossas  
 lágrimas apenas poderão mitigar-se  
 alguma vez, ou suspender-se, nunca.  
 Acabou aquelle Monarca Augusto,  
 e parece que não tanto pela fatal ne-  
 cessi-

cessidade de acabar, como para que trocadô em altar o trono, o respeito em culto, e o obsequio em adoração, o pudessemos invocar. Subio ao estado de immortal para ser numen tutelar do Imperio Portuguez; e em hum Principe (o mais prudente, e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rey benigno, pio, generoso, justo, protector; assim ficou disposta a nossa consolação, e seria menos forte a nossa pena, se pudesse ser o haver remedio para a fauldade.



Hum dos abusos, que o tempo, e a vaidade introduzio, foy a Nobreza; esta porém sendo tomada nos termos da sua primeira infancia, ou na idéa com que foy creada, he verdadeira, e util; e nestes mesmos termos ninguem lhe póde disputar, nem a utilidade, nem a verdade da existen-

cia. Por Nobre , entendiaõ os anti-  
gos hum Heroe, isto he, hum homem  
distincto dos mais homens , e distin-  
cto por si ; e naõ por outros ; pelas  
suas proprias acções , e naõ pelas ac-  
ções alheyas. O Heroismo , e a No-  
breza eraõ qualidades pessoas , e  
naõ hereditarias ; huma , e outra de-  
pendiaõ de acções heroicas , e em  
ambas era necessario o requisito do  
poder ; se este cessava , extingua-se  
a Nobreza. Deste modo he , que an-  
tigamente haviaõ Nobres , porque  
em todo o tempo houveraõ poderõ-  
fos ; estes ficavaõ distinctos por gran-  
deza , e naõ por natureza ; passava a  
Nobreza de huns a outros , quando  
o poder tambem passava ; de huma ,  
e outra cousa se formava huma he-  
rança indivisivel. Acabada a Nobre-  
za por falta do luzimento , se este  
depois tornava , naõ fazia resuscitar  
a Nobreza ja perdida ; compunha-se



outra nova , e esta não era de menos entidade, ou menos Nobre que a primeira. O tempo não he o que ennobreçe. Os seculos que envelhecem tudo , só a Nobreza não haviaõ de fazer caduca? Os annos tudo diminuem , e só a Nobreza haviaõ de fazer mayor? Huma flor moderna não tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste , ja no Outono fica prostrada , e macilenta. As Estrellas começaraõ com o mundo , e nem por isso brilhaõ mais; aquillo que depende de mais , ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer aproveitar das horas , e dos dias , que passaraõ. Por aquelle modo de entender , cresce a vaidade , a Nobreza não. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade , e que a duraçaõ do mundo , não he mais do que hum instante !

Se

Se ha nos homens differença , esta só se acha nos Sceptros , e Coroas ; os que dominaõ a terra , tem a semelhança dos humanos , mas não sey que tem de mais : tem o mesmo fer para serem homens , mas não para serem como os mais homens : quem os fez mayores , foy a Providencia ; só esta podia influir diversidade no que he o mesmo ; podia fazer que huma identidade fosse diferente de outra da mesma especie ; e podia , debaixo da mesma fórma , e dos mesmos accidentes , fazer huma natureza desigual. Deos he a origem do poder dos Reis , estes são independentes da fortuna ; porque o poder supremo , só Deos que o dá , o tira. As revoluções particulares parece que resultão de huma economia certa ; as dos Monarcas não succedem sem decreto especial. Aquelles  
a quem

a quem a Providencia fez arbitros do mundo, a mesma Providencia os distinguio: os outros homens fazem-se distinctos á proporção do favor supremo que os distingue. Assiste pois a distincção dos homens só na vontade, ou coração dos Reis; esta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reis são os que glorificão os homens, isto he os que os ennobrecem; e desta sorte recebem a Nobreza por graça, e não por successão; por favor, e não por herança; permanecem Nobres, em quanto permanece a graça que os illustra; persiste aquella prerogativa em quanto o favor existe; se este se retira, logo a Nobreza acaba. A luz toda se emprega nos objectos, estes ficaão claros, mas he por força de huma luz, que não he sua. Se o Sol se esconde, ficaão os objectos escuros, e escondidos. As cousas não nascem com as qualidades que se  
vem;



vem ; os homens não vem ao mundo sabios ; justos , prudentes , virtuosos, bons ; e do mesmo modo não vem Nobres ; cá achão a Nobreza como huma parte posterior , e auxiliar , que se póde unir, e aggregar depois ; achão muitas vaidades , e entre ellas huma occupada em crer , que a Nobreza he qualidade fixa, própria, interior , e inseparavel ; e por mais que os sentidos, e a razão mostrem o contrario , nem por isso aquella vaidade se deixa convencer. Tiremos por hum pouco aos homens a faculdade que elles tem de se explicar ; supponhamos que não fallão , talvez que então se vejaão iguaes todos ; a incapacidade , e o silencio, sabem mais : tiremos tambem por hum instante aos homens a alma racional , e então veremos a Nobreza com que ficaão. Esta tal Nobreza, ou a sua vaidade negando as supposições , fica livre do argumento.

F I M.















